



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia - IP

Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PsiCC

A METÁFORA DO CAMINHO:

Uma investigação fenomenológica existencial na clínica

Mestranda

Jane Borralho Gama

Orientador

Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília, dezembro de 2010.



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia - IP

Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PsiCC

A METÁFORA DO CAMINHO:

Uma investigação fenomenológica existencial na clínica

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica.

Mestranda

JANE BORRALHO GAMA

Orientador

PROF. DR. FRANCISCO MOACIR DE MELO CATUNDA MARTINS

Brasília, dezembro de 2010.

A METÁFORA DO CAMINHO:

Uma investigação fenomenológica existencial na clínica

Jane Borralho Gama

Dissertação apresentada como requisito parcial para conclusão de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Aprovada no dia 03/12/2010 pela seguinte comissão examinadora:

Professor Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins
Presidente da banca – Universidade de Brasília.

Professor Doutor Adriano Furtado de Holanda
Membro Externo da banca - Universidade Federal do Paraná.

Professora Doutora Marta Helena de Freitas
Membro Externo da Banca - Universidade Católica de Brasília.

Professora Doutora Liana Fortunato Costa
Suplente da banca – Universidade de Brasília.

Aos meus pais Orlando (in memoriam) e Maria Celeste por terem sido pontes no meu caminho, por acreditarem no meu potencial fazendo-me um ser ético e sensível ao mundo.

Ao meu filho Vítor que aos cinco anos me disse: “Eu sou um raio de luz na vida da minha mãe”. Raio de Luz que ao me iluminar encorajou-me a buscar o sentido da existência.

Aos meus irmãos James e Jones pelo cuidado, pela união que nos fazem compartilhar no caminho da vida, com amor.

AGRADECIMENTOS

Ao ministro da Ciência e Tecnologia - MCT, Dr. Sergio Rezende, pela deliberação do meu afastamento do trabalho para realização dessa pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Martins, por compartilhar o seu saber na abertura de caminhos que me levaram à pesquisa e ao conhecimento.

Ao Prof. Dr. Fernando Bastos, que me convidou para desfrutar do banquete do conhecimento, *in memoriam*.

Ao Prof. Dr. Sérgio Porto, pelas instigantes indagações e esclarecimentos na área da Análise do Discurso.

À Prof. Dra. Lúcia Pulino pelo apoio e a crença no meu trabalho.

Ao Prof. Dr. Gerson Brea pelas discussões e informações intercambiados.

Ao Prof. Dr. Júlio Cabrera, pelas reflexões filosóficas acerca do ser no mundo.

Ao Prof. Dr. Eduardo Dias Gontijo, pelo compartilhar poético de Antonio Machado.

À Prof. Dra. e amiga Ana Agra, que um dia me disse: Jane entrou e ficou para sempre. Meu apreço, minha admiração.

Aos meus queridos sobrinhos, pelo entusiasmo, pela alegria, pela renovação da vida e por tê-los como filhos: Priscilla, Rafael, Carolina, Renan, Luana, Lucas, Laura, Miguel e Rafaela.

As cunhadas, Ana Paula, Taísa e Bruna, por acrescerem o sentido do amor em minha família.

À minha prima Janet, pela irmandade.

A Marcelo Nassar, por nutrir sentimentos de entusiasmo.

A Saul Rodrigues, pela amizade, pela sinceridade, pelo zelo.

A Maurício Miranda, pelo incentivo.

A Alexandre Costa, pelo compartilhar dos interesses filosóficos.

Às minhas queridas amigas de todo o dia Alessandra Alves, Ana Clara Fonseca, Arabela Nóbrega, Dionei Brito, Carla Fragomeni, Joana Cardoso, Sônia Costa, Thaís Catunda, pelo cuidado e afeição.

À Iara, companheira de docência, a quem tenho estima e admiração.

Aos colegas do MCT pelo andamento do processo de liberação do trabalho: Andréa Ribeiro, Lucrécia Pereira, Maria de Fátima da Silva e Jarbas de Souza.

À Coordenação Geral de Gestão da Tecnologia da Informação do MCT, na coordenação de Jones Gama, pela disposição em atender às minhas necessidades de trabalho na área da informática.

À Assessora CGTI-MCT Roberta Souto, por ser guardadora e estar em prontidão para apoio logístico.

À bibliotecária responsável pela Biblioteca do MCT, Elise do Nascimento e a bibliotecária Charlene Cardoso que estiveram à disposição em me auxiliar na pesquisa bibliográfica.

À bibliotecária Rita de Cássia pelo compromisso, disciplina, lealdade, ética e a disponibilidade na revisão do texto.

Às bibliotecárias Cláudia Valentim e Kátia Soares pela construção de uma relação de afeto e confiança nos trabalhos compartilhados.

À Lucelma Souza, pelos diálogos.

Ao tradutor e amigo Rafael de Sá Cavalcanti pelo criterioso, dedicado e afetuoso trabalho de tradução.

A Nicolas Rouvray Loudéac, por repartir comigo o estudo da língua francesa me auxiliando em traduções.

A Leonardo Ventura e Ivan Guilherme pela relação de amizade e respeito.

Ao grupo de pesquisa Metáfora em Freud – conhecimentos e apoio.

Aos meus pacientes, que me ensinaram o valor do sofrimento e da compaixão. Por terem contribuído para que esta pesquisa fosse possível por meio dos enunciados metafóricos. Agradeço especialmente a N. que me autorizou disponibilizando para o trabalho os seus discursos que se fazem textos.

Aos meus sonhos, que me orientam e dão a direção e o sentido e que me fazem caminhar, realizar, amar, existir – Essas cinzas são do corpo do meu corpo. *Gediechen, Gediechen.* (Sonho: Março de 2009).

Caminante
Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se há de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.

Antonio Machado
(1875-1939)

RESUMO

Este trabalho tem por interesse compreender, na clínica, o processo metafórico presente no discurso dos pacientes. Para tanto, pesquisamos a metáfora do caminho: uma investigação fenomenológica existencial na clínica. Neste trabalho adotamos o método qualitativo: fenomenológico e hermenêutico. O objetivo é, nesta pesquisa, averiguar o sentir afetado, do corpo próprio (*Leib*) do paciente, por meio dos enunciados metafóricos que transportam sentido e mostram a intencionalidade do eu, para que seja interpretado e desvelado, tornando consciente, quanto à direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente. Temos, ainda, como objetivo, coadunar os enunciados metafóricos pesquisados, de modo a confirmar que a metáfora do caminho é uma metáfora de raiz, dominante, por ser capaz de gerar e organizar uma rede de outros enunciados metafóricos. Ordenamos os enunciados metafóricos de maneira a formalizá-los (nos enunciados) em estruturais, ontológicos e orientacionais. Estruturamos dois conceitos: A vida é esforço e A vida é caminho. Os enunciados metafóricos ontológicos são os que permitem dar sentido ao fenômeno de modo a podermos lidar com nossas experiências. Nos enunciados metafóricos orientacionais, identificamos o mover-se nas direções e o sentido entre o ir e vir; subir e descer e mostrar e esconder. Dos enunciados metafóricos do fenômeno da angústia consideramos tanto os que tendem a mover-se para um estado depressivo melancólico, como os que tendem para um estado de depressão ansiosa. Apresentamos um estudo de caso da paciente N., como instrumento de um percurso, no contexto da clínica, para apreciação da metáfora do caminho. Concluimos que os enunciados metafóricos, como fenômeno de linguagem, proferidos pelos pacientes na clínica, transportam o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*), valorado pelo tom e intensidade da voz, pelos gestos, pela expressão da fisionomia. E que por meio da interpretação, desvela-se o que intenciona mostrar o eu, vivificado pela força do enunciado, para que se torne consciente a direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente.

Palavras chave: clínica, metáfora do caminho, enunciado metafórico, sentir afetado, corpo próprio (*Leib*), a direção e o sentido, automover-se e mover-se.

ABSTRACT

This work aims to understand in clinic the metaphorical process present in the patient's discourse. To do so, we researched the metaphor of the path: a phenomenological existential investigation in the clinic. In this work we adopted a qualitative method: phenomenological and hermeneutical. The goal of this research is to assess the affected feeling, in the patient's very body (*Leib*), by means of the metaphorical statements that convey meaning and show the intentionality of the I, so they can be interpreted and unveiled, making them conscious in relation to direction and orientation to which the self-moving and the moving of the patient tend. We also aim to gather the researched metaphorical statements so as to confirm that the metaphor of the path is a root, dominant metaphor, for being able to generate and organize a network of other metaphorical statements. We order the metaphorical statements in such a way to formalize them (in the very statements) into structural, ontological, and orientational. We structured two concepts: 'Life is effort' and 'Life is path'. The metaphorical ontological statements are the ones that allow giving meaning to the phenomenon so we can deal with our experiences. In the orientational metaphorical statements, we identified the moving in directions and the orientation between the coming and going; ascending and descending, and showing and hiding. From the metaphorical statements of the phenomenon of anguish we considered both the ones that tend to moving to a melancholic, depressive state and the ones that tend to a state of anxious depression. We present a case study of patient N., as instrument of a course, in the context of the clinic, for appreciation of the metaphor of the path. We conclude that the metaphorical statements, as language phenomena, uttered by the patients in the clinic, transport the affected feeling of the very body (*Leib*), valued by voice tone and intensity, by gestures, by the expression of physiognomy. And that by means of interpretation one can unveil what the I intends to show, vivified by the force of the statement, so the direction and orientation to which the patient's self-moving and moving tend become conscious.

Keywords: clinic, metaphor of the path, metaphorical statement, affected feeling, very body (*Leib*), direction and orientation, self-moving and moving.

RÉSUMÉ

Ce travail cherche à comprendre le processus métaphorique présent dans le discours des patients dans le domaine clinique. Par conséquent, nous recherchons la métaphore du chemin: une recherche phénoménologique existentielle dans une perspective clinique. Dans ce travail nous adoptons la méthode qualitative: phénoménologique et herméneutique. L'objectif de ce travail est découvrir le sentiment affecté, dans le corps même (*Leib*), du patient, à travers le énoncés métaphorique qui transport du sens et montre l'intentionnalité du *Je*, pour qu'il soit interprété et découvert, en entraînant la prise de conscience du patient en ce qui concerne la direction et le sens vers lesquels tendent son automouvement et son mouvement. De plus, nous avons pour objectif de rassembler les énoncés métaphoriques recherchés, afin de confirmer que la métaphore du chemin est « une métaphore à la racine » dominante, étant capable de générer et d'organiser un réseau avec d'autres énoncés métaphoriques. Nous classifions les énoncés métaphoriques de la suivante manière: structurels, ontologiques, orientationnels. Nous structurons deux concepts: La vie est effort et La vie est chemin. Les énoncés métaphoriques ontologiques sont ceux qui permettre de donner du sens au phénomène afin du pouvoir comprendre nos expériences. Dans les énoncés métaphoriques orientationnels, nous identifions le mouvement vers la direction e le sens entre aller et venir, monter et descendre, et montrer et cacher. Des énoncés métaphoriques du phénomène de l'angoisse nous intéressons autant à ceux qui tendent au mouvement vers un état dépressive mélancolique qu'à ceux qui tendent vers un état de dépression anxieux. Nous présentons l'étude du cas de la patiente N., comme instrument d'une route dans le contexte de la clinique, pour apprécier la métaphore du chemin. Enfin, nous considérons que les énoncés métaphoriques comme phénomène de langage exprime par les patientes en clinique, transport le sentiment du corps même (*Leib*) valorise par le ton et la intensité de la voix, par les gestes, par les expressions de la physionomie et qu'à travers de la interprétation on découvre ce que le *Je* veut monter, par la force de l'énoncé, pour que la direction et le sens vers lesquels tendent l'automouvement et le mouvement du patient devient consciente.

Mots-clés: clinique, métaphore du chemin, énoncés métaphoriques, sentiment affecté, corps même (*Leib*), la direction et le sens, automouvement et mouvement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: A Metáfora do Caminho: compreender e interpretar. 22 (Estruturando Conceitos)	
1. Compreender e Interpretar os enunciados metafóricos na clínica.	22
1.1. A memória, a percepção e a imaginação segundo Sokolowski.	26
1.2. O ser <i>páthico</i> no caminho da vontade e da graça de acordo com Weizsaecker.	29
2. Enunciados metafóricos com base nas experiências vívidas do corpo próprio (<i>Leib</i>)..	31
3. Metáfora de raiz: A metáfora do caminho na estruturação de conceitos.	38
3.1. A vida é esforço.	40
3.2. A vida é caminho.	43
4. A Metáfora do Caminho na compreensão ontológica.	49
CAPÍTULO II: A Metáfora do Caminho: disposições fenomenológicas existenciais.	57
1. A angústia, o impedimento e o mover-se.....	57
2. O eu, as direções e os sentidos na questão: <i>Como vai você?</i>	66
3. As disposições fenomenológicas para o mover-se nas direções e sentido:	69
3.1. Esquerda-direita em um mover-se para o ir e o vir.....	69
3.2. Em cima-embaixo em um mover-se para o subir e o descer.....	72
3.3. À frente-atrás em um mover-se para o mostrar e o esconder.....	77
CAPÍTULO III: Um estudo de caso para apreciação da metáfora do caminho.	82
1. Explicitação do caso.	82
2. Imagens pictóricas, contos e as interpretações.	86
3. Das imagens pictóricas às imagens dos sonhos.....	106
CONCLUSÃO	114
REFERÊNCIAS	120
ANEXO (Aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília).	125

INTRODUÇÃO

Move-me a abertura para o aprofundamento do conhecimento na Clínica Psicológica. Este trabalho nasceu de minha experiência clínica na qual pude perceber a grande dificuldade do paciente em enunciar seu sofrimento. Na tentativa de melhor compreender esse sofrimento, tenho como interesse nesse trabalho acadêmico pesquisar as Metáforas do Caminho enunciadas por pacientes. Para descrição desta pesquisa proponho o tema: *A Metáfora do Caminho: uma investigação fenomenológica existencial na clínica*.

Tenho como interesse nesta pesquisa compreender as metáforas do caminho, apoiada por teóricos da hermenêutica e da fenomenologia. É no enfoque da fenomenologia existencial, no ser no mundo, no ser *páthico*, na particularidade do querer, do dever e do poder, no ser que existe na espacialidade e na temporalidade, em um devir e um porvir, no ser de linguagem, no ser que pensa, sente e move-se dotado de um corpo próprio (*Leib*), que sustento esta pesquisa.

Esta investigação foi motivada pela pesquisa do fenômeno da angústia com base nos enunciados metafóricos de pacientes na clínica. Enunciados tais como: “Tenho sensações como garras fincadas no meu coração fazendo sangrar e saio, desnorreada, na tentativa de aliviar”, estão presentes nas expressões dos pacientes, e resultou na elaboração de um artigo fundamentado no estudo das metáforas de angústia e ansiedade com o título: *Entre a Angústia e a Ansiedade: um estudo das Metáforas e Imagens Pictóricas em um Processo Terapêutico*¹.

No estudo sobre a metáfora do caminho, a primeira indagação com a qual me deparei foi quanto à abordagem teórica que fundamentaria a metáfora no contexto da frase. Tais estudos levaram-me à leitura de textos do filósofo Paul Ricoeur (1913 – 2005), onde encontrei substancial sustentação para esta pesquisa. Ricoeur trata da importância da metáfora no contexto semântico da frase, pois considera a frase a primeira unidade portadora de significação no discurso². É, portanto, na frase enunciada metaforicamente pelo paciente que me detenho, de modo a pesquisar as metáforas do caminho.

¹ GAMA, Jane e MARTINS, Francisco. Artigo: Entre a angústia e a ansiedade: um estudo das metáforas e imagens pictóricas em um processo terapêutico. (Artigo não publicado).

² RICOEUR, Paul. *Metáfora viva*. Trad. Davi Dion Macedo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005 e RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009.

De acordo com Ricoeur, o enunciado metafórico é um discurso breve reduzido, no mais das vezes, a uma frase em que transporta sentido e possibilita a significação³. O levantamento dos enunciados aqui apresentados se deu na prática da escuta terapêutica, registrados por anotações e gravações. A pesquisa, portanto, deu-se durante as sessões psicoterapêuticas, realizadas por mim num período de dois anos, com minhas pacientes. Todas do sexo feminino, com idades entre trinta 30 e 70 anos. No sentido de sustentar meu trabalho, apresento um estudo de caso, como instrumento de um percurso, no contexto da clínica, na apreciação da metáfora do caminho.

A palavra “metáfora” é formada por duas partes. *Mētā, āē*, do latim VIRG. dar-se pressa em chegar ao termo (estar no fim); sinal que indica ou demarca o ponto final das corridas; marco, limite; alvo, mira, objetivo, fim. E *Fōrūm* do latim, praça pública, o que é de todos. Do grego, caminhar na direção de, caminhar para⁴. A palavra “caminho” [do celta pelo lat. Vulg. *camminu.*] S.m. representa uma faixa de terreno destinada ao trânsito de um para outro ponto, estrada, vereda, via, trilho, direção, rumo, destino⁵; significando ainda, projeto, jornada, trilha, trajetória, obra, entre outros.

O tema deste trabalho se inscreve em uma forma de pleonasma que confere vigor aos enunciados metafóricos aqui pesquisados, como fenômeno de linguagem em que expressam a experiência vívida do paciente. Temos como hipótese a premissa de que o sentido como significação, do *se sentir afetado*, do corpo próprio (*Leib*), é transportado pelo enunciado metafórico, e é fenômeno que orienta a direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente.

A *experiência vívida* é compreendida como a intensidade da experiência vivida que se faz presente no ato do enunciado. O termo *sentir afetado* é proposto como as qualidades sentidas sobre as coisas ou pessoas que revelam o modo como o eu se vê intimamente afetado no momento da enunciação. Tal compreensão está fundamentada no que Ricoeur define como

³ RICOEUR, Paul. *Metáfora viva*. Trad. Davi Dion Macedo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 371.

⁴ SARAIVA, Santos F. R. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Garnier, 2006. p. 733 e 501 e FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. 12ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975. p. 917.

⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 262.

sentimento, “nada mais nada menos que a direção mesma do comportamento enquanto sentido.”⁶ O termo *corpo próprio* (*Leib*) é compreendido como o corpo físico (*Körper*), que tendo corporificado a experiência vivida, registra em si os afetos sentidos. O termo *direção*, do latim *Dīrēctiō, ōnīs, directione*, representa o sentido para onde alguém se volta ou se dirige: esquerda e direita, em cima e embaixo, à frente e atrás. O termo *sentido* é empregado como sentido das sensações que estão sendo produzidas no corpo próprio (*Leib*) e, ainda, sentido como significação do enunciado metafórico. O *automover-se* está na particularidade da vontade do querer, do desejar, do ter interesse. O *mover-se*, é compreendido como ato pulsional que tende a abrir caminhos com direção e sentido.

A metáfora do caminho é, pois, uma metáfora de raiz que significa ser uma metáfora dominante, por ser capaz de gerar e organizar uma rede em uma série de outras metáforas. Podemos constatar, por meio desta pesquisa, que uma metáfora de raiz, como define Ricoeur, tem o poder de conjugar as metáforas parciais tiradas dos diversos campos da nossa experiência⁷. A formulação do enunciado metafórico é um recurso do eu, que diz das experiências vividas registradas no corpo próprio (*Leib*), expressas na forma estética do sentir, e que se referem ao corpo próprio (*Leib*) em sofrimento, em ferimento, em dor. Expressam, ainda, sentido do corpo próprio (*Leib*) em plenitude do sentir, em satisfação.

Nesta pesquisa temos por interesse compreender, na clínica, o processo metafórico presente no discurso dos pacientes. O objetivo é averiguar o *sentir afetado*, do corpo próprio (*Leib*) do paciente, por meio dos enunciados metafóricos que transportam sentido e mostram a intencionalidade do eu, para que seja interpretado e desvelado, tornando consciente, quanto à direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente.

Desse modo, pretendemos associar os enunciados metafóricos da pesquisa à metáfora de raiz, caminho, para confirmar que a metáfora do caminho é uma metáfora de raiz dominante, por ser capaz de gerar e organizar uma rede de outros enunciados metafóricos tirados dos diversos campos da experiência dos pacientes.

⁶ RICOEUR, Paul. *Na escola da fenomenologia*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 293 e 294.

⁷ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009. p. 67 a 99.

Segundo Lakoff e Johnson, as metáforas são originárias de nossas experiências concretas, da realidade cotidiana⁸. Formalizamos, com base nestes autores, três segmentos das metáforas: metáforas estruturais, metáforas ontológicas e metáforas orientacionais⁹.

No primeiro capítulo, nos detemos sobre a metáfora do caminho: compreender e interpretar estruturando conceitos no qual descrevemos o compreender e o interpretar dos enunciados metafóricos na clínica. Recorremos à Metáfora na Retórica em Aristóteles, que confere importância à metáfora no contexto da palavra. A compreensão da definição de pensamento, em Aristóteles, foi expressiva na condução e na elaboração do raciocínio exposto nesta pesquisa. Para Aristóteles

Tudo quanto se exprime pela linguagem é do domínio do pensamento. (...) pensamento inclui todos os efeitos produzidos mediante a palavra; dele fazem parte o demonstrar e o refutar, suscitar emoções (como piedade, o terror, a ira e outras que tais) e ainda o majorar e o minorar o valor das coisas¹⁰.

Para Aristóteles, o estilo do discurso é o meio que mais contribui para dar, ao pensamento, clareza. No estilo está o suscitar emoções e o majorar e o minorar o valor das coisas. A metáfora aplica-se a toda transposição de termos por via de analogia. É a metáfora que põe o objeto debaixo dos olhos, ou seja, que mostra as coisas em ato¹¹. A palavra é de valor significativo, entretanto meu interesse está no enunciado metafórico, ou seja, no contexto da frase, na semântica da frase, fundamentada essencialmente pelo pensamento do hermenêuta Paul Ricoeur.

Para Ricoeur, a metáfora não existe em si mesma, mas numa e por uma interpretação. É o conflito entre duas interpretações, uma literal e outra metafórica, em nível de toda a frase,

⁸ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 22.

⁹ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. pp. 49, 53 e 75.

¹⁰ ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 17. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005. p. 271. ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro Sousa. 7. ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2003. p. 130.

¹¹ ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005. p. 176;177;178;187;188;189;196, 274 e ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro Sousa. 7. ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda 2003. p. 130.

que sustenta a metáfora, extraindo uma verdadeira criação de sentido, uma vez que a interpretação literal seria absurda¹². Nesta pesquisa, para compreender a intenção do paciente ao partilhar a experiência vivida, por meio dos enunciados metafóricos, sob a investigação do sentir afetado, utilizamos o método fenomenológico e hermenêutico, pois os enunciados metafóricos, como fenômeno de linguagem, desvelam verdades ao serem significados e interpretados. O método tem o objetivo de procurar a intenção original dos enunciados metafóricos, circunscritos na história do paciente, no contexto da metáfora do caminho.

A definição que exprime uma compreensão de maior amplitude da hermenêutica e que contribui para o exercício da clínica, é, no meu entendimento, a de Hans-George Gadamer. Gadamer pressupõe

que a interpretação se aplica não apenas aos textos e à tradição oral, mas a tudo que nos é transmitido pela história: o acontecimento histórico, expressões espirituais e gestuais, de comportamento etc., e que é necessário olhar para além do sentido imediato a fim de descobrir o “verdadeiro” significado que se encontra escondido¹³.

Outro teórico de grande valia neste trabalho é Heidegger. Segundo o filósofo a expressão grega φαινόμενον, a que remonta o termo “fenômeno”, deriva do verbo φαίνεσθαι. Φαίνεσθαι que significa: mostrar-se. Portanto, φαινόμενον, fenômeno, é o que se mostra, o que se revela¹⁴. O enunciado metafórico é fenômeno de linguagem para que seja desvelado por meio da interpretação. O partilhar das experiências vívidas pelo ato da fala abrange além do dizer, expressões fisionômicas, emotivas, gestos, valorado pela intensidade e tonalidade da voz. Estes fenômenos fundamentam, no contexto do paciente, a intencionalidade do eu em dar significação para apropriar-se por meio da compreensão interpretativa de um novo sentido, de modo a reorientar o caminho da existência.

¹² RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009 p. 73 a 77.

¹³ GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*. Trad. Paulo Cesar Duque Estrada. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 19.

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 67.

No capítulo sobre a compreensão e interpretação, recorremos à fenomenologia em Sokolowski¹⁵, demonstrando que o tempo verbal do enunciado metafórico tem relação com a estrutura de memória, de percepção e da imaginação; na qual os enunciados podem estar referenciados no passado, quando recordado (de como era), no presente (como é), na sua percepção presente, no futuro imaginado (como se), ou em um futuro antecipado, idealizado (como será). Esta relação do tempo verbal com a estrutura da memória, percepção e imaginação são orientadoras na direção e no sentido para o qual tende o mover-se do paciente.

Para interpretação dos enunciados metafóricos fundamentamos no ciclo da estrutura do teórico Weizsaecker. Segundo ele, os verbos *páthicos* são disposições particulares para o automover-se e o mover-se. São verbos *páthicos*: querer no sentido da vontade, desejo (*Wollen*); dever como necessidade, precisar (*Müssen*); poder no sentido de ser capaz, entender (*Können*); o dever moral é significado como ser obrigado (*Sollen*) e o poder moral (*Dürfen*) como ter permissão, autorização, ter o direito. Estes verbos, para Weizsaecker, são *páthicos* porque estão em uma relação de referência à particularidade do ser. Para Weizsaecker há dois caminhos no ciclo da estrutura: o caminho da vontade e o caminho da graça, que estão em referência aos verbos *páthicos* querer e poder. No caminho da vontade há uma preponderância do querer sobre o poder. A sentença se enuncia: “Tu podes, se tu queres”. Ou seja, a vontade se efetua concretamente em um automover-se. No entanto, há na existência condições que se interpõem independentes do querer, que faz prevalecer o verbo *páthico* do poder e, assim, formalizando o ciclo da estrutura, do querer para o poder e do poder para o querer. Quando o poder se sobrepõe ao querer, o caminho se constitui no caminho da graça, pois o mover-se se dá na condição de que seja concedido o poder para o querer. A sentença se enuncia: “Tu quererás, se a ti é dado o poder”. Há uma condição de que seja dado o poder para advir o querer¹⁶. O ciclo da estrutura dos verbos *páthicos* na relação entre o querer e o poder está contido nos enunciados metafóricos dos pacientes, portanto, na experiência concreta, da realidade cotidiana.

¹⁵ SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 75 a 85.

¹⁶ WEIZAECKER, V. von. *Le cycle de la structure*. Traduit par Michel Foucoult e Daniel Rocher. Paris: Desclée de Brouwer, 1958. p. 217 a 225

No primeiro capítulo, ainda, para demonstrar a importância da significação e interpretação para desvelar o sentido da intencionalidade do paciente por meio do enunciado metafórico, descrevemos uma série de enunciados metafóricos expressos por L., em dois anos de pesquisa, que trazem à luz as experiências vívidas registradas no corpo próprio (*Leib*) que expressam o sentir afetado em sofrimento.

Propomos a metáfora do caminho na estruturação de conceitos. As metáforas estruturais para Lakoff e Johnson são as que estruturam conceitos metaforicamente em termos de outro¹⁷. Estrutturamos dois modos perceptivos de conceitos acerca da vida, nos quais formalizamos os enunciados metafóricos dos pacientes. A conceituação da vida é estruturada sob os temas: A vida é esforço e A vida é caminho.

Coadunamos as metáforas dos pacientes que fazem referência à vida como esforço. Como podemos ver nos enunciados colhidos na clínica: “(...) A sensação que tenho é de estar carregando cadáveres.”; “(...) De três anos para cá deixei de ter prazer para carregar uma cruz.” O simbolizante cadáveres e cruz mais a força do significado na ação do verbo carregar são denunciadoras da vida em esforço, em sofrimento.

Desenvolvemos a idéia da vida como caminho e formulamos a conceituação da vida como caminho: A vida é caminho. Nos enunciados metafóricos, as pacientes dizem: “(...) É importante na vida ter um sentido para onde caminhar.”; “(...) Eu ainda não sei qual o projeto que eu vim realizar na vida.”; “(...) Quanta decepção eu tive que enfrentar na vida, mas confiei em mim e tomei nova direção.” O enunciado significa demonstração, predicação e comunicação, pois se mostra por e a partir de si mesmo por uma interpretação. Os enunciados carregam como significação “a vida como esforço” e “a vida como caminho”. No primeiro caso significa dizer que a vida se deixa e faz ver com esforço, e no segundo, como caminho, como projeto a ser realizado. Tanto o esforço; como o caminho são meras representações da vida, como predicação é a vida. O segundo significado funda-se no primeiro, esforço-vida, caminho-vida.

¹⁷ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 59.

As metáforas ontológicas são para Lakoff e Johnson metáforas necessárias que ao enunciarmos nos ajudam a lidar racionalmente com nossas experiências, especialmente com o nosso corpo. Para os autores, as metáforas ontológicas dão sentido aos fenômenos do mundo em termos humanos¹⁸. O enunciado diz: “(...) Coração em chaga que dá uma inquietude. Uma tristeza embotada, algo que fere. Uma cápsula de dor para poder esvaziar.” A paciente enuncia com singularidade criativa de sentido, vivificando no seio do enunciado as emoções que emergem do sentir afetado do corpo próprio (*Leib*), em uma correlação sistemática no campo da experiência com o sentir do corpo vívido. A metáfora ontológica é uma metáfora que está contida na sua significação: A experiência vívida do corpo afetado em um sentir que diz, significando o afeto quer do sofrimento, quer da satisfação plena do viver.

No segundo capítulo descrevemos as metáforas do caminho e as disposições fenomenológicas existenciais. Como disposição fenomenológica existencial primeira, enfatizo o tema da angústia. Angústia, do latim, *Āngō, ĩs, ěrě, v, trans.* Apertar, afogar, esganar, estrangular, sufocar, passagem estreita e difícil. *Āngōr, ōrĳs*, s. ap. m. (de *angere*) é uma dor intensa, aflição pungente, tormento, dor de alma ou do corpo¹⁹. Averiguamos os enunciados metafóricos da angústia e demonstramos, por meio dos enunciados, os sintomas produzidos no corpo próprio (*Leib*). Na angústia tendendo à depressão melancólica, há impedimento para mover-se. Os enunciados das pacientes dizem do corpo (*Körper*) paralisado e em agonia: “(...) Sinto-me paralisada”; “(...) Imagina eu (*sic*), deitada com uma pedra em cima do meu coração, totalmente imobilizada e sem poder fazer nada e passar três dias em agonia.”

Na angústia tendendo à depressão com ansiedade, o corpo (*Körper*) está em agonia, inquieto, ansioso, com o eu em desespero pelo terrível sentimento de desprazer, tendendo a mover-se em queda. Ansiedade, do latim *Ānxĳētās, ātĳs, Ansietate*, que significa ânsia, desassossego, inquietação²⁰. A paciente enuncia: “(...) Meu desespero é tão grande de estar aqui dentro que às vezes a minha sensação é de sair correndo e me atirar.” Evidenciamos por

¹⁸ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 76 a 85.

¹⁹ SARAIVA F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12 ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 76. DUROZOI, Gérard; ROSSEAU, André. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. Editora Papiros, 1996. p. 28.

²⁰ SARAIVA F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 85.

meio dos enunciados metafóricos, os sintomas comuns produzidos no fenômeno da angústia expressos como um sentir vazio: “(...) Sinto um vazio dentro de mim.” Como sufocação, falta de ar, comprometimento das vias respiratórias, “(...) Sinto uma dor intensa, algo me apertando, me sufocando, me impedindo de respirar.” Como estranheza, “(...) O que eu sinto é uma dor que não tem nomeação, é uma agitação interna, um *trem*, uma coisa.”; “(...) Sinto um nó na alma.” Vemos pelos enunciados, que o fenômeno da angústia não nomeia o seu sentir, mas padece pela falta de significação ou mesmo pela fuga em não querer sentir o que sente. Ao procurar ajuda, o paciente deseja aliviar o corpo próprio (*Leib*) afetado pelo sofrimento.

O corpo ocupa um espaço, o que para Heidegger não é alguma coisa, algum corpo material (*Körper*), mas o corpo como o corpo próprio. O corporar do corpo (*Leiben des Leibes*) torna vivo o sentir que mostra o mover-se do sentir afetado, das emoções em uma expressividade, sonora, que por meio da linguagem e em sintonia com os gestos, fisionomia, dão o exórdio do discurso. Enfatizamos o eu e as direções de sentido na questão: *Como vai você?* no item seguinte. A questão do *Como vai você?* de acordo com Martins, coloca todos nós face ao destino que se aproxima, pois a questão envia a pessoa para a situação que se encontra no caminho da vida, de modo a declarar o seu estado²¹. A questão do *Como vai você?* na clínica é orientadora do caminho quanto à direção e ao sentido para o qual tende o mover-se do paciente. Os enunciados metafóricos das pacientes dizem: “(...) Eu estou mais ou menos, estou desesperada.”; “(...) Como estou? Eu estou chata, eu estou pesada.”; “(...) Como estou? Estou inerte, o ânimo está adormecido. Preciso de algo que movimente. Acho que estou em crise existencial.”; “(...) Eu já me senti de todas as formas, bem, mal, mais ou menos.”

A seguir apresentamos as metáforas orientacionais nas disposições fenomenológicas para o mover-se nas direções e sentido sob três orientações: a primeira orientação com especificações dos enunciados nas direções esquerda e direita, no sentido para o mover-se em horizontalidade no ir e vir. Na segunda orientação demonstramos a verticalidade nas direções de em cima e embaixo, no sentido do subir e do descer. Finalmente, discorreremos das direções do que está à frente e do que está atrás no sentido do mostrar e esconder.

²¹ MARTINS, Francisco. *Psicopatologia I*. Prolegômenos. Belo Horizonte: PUCMINAS. 2005. p. 30.

Por último, no terceiro capítulo, apresentamos um estudo de caso, como instrumento de um percurso, no contexto da clínica, na apreciação da metáfora do caminho. Após explicitarmos o caso, apresentamos as imagens pictóricas e contos produzidos por N. em trabalho psicoterápico. E, em seguida, descrevemos um sonho utilizando a técnica interpretativa da associação livre.

Para Zambrano, o caminho ordena a paisagem e permite que nos movamos para uma determinada direção. Caminho, álveo de vida!²². O paciente, ao partilhar a experiência vívida, diz de modo a superar a solidão da vida, iluminada por um momento pela luz do discurso. Como afirma Ricoeur: Eis o milagre!²³.

CAPÍTULO I

A Metáfora do Caminho: compreender e interpretar.

(Estruturando conceitos)

1. Compreender e interpretar os enunciados metafóricos na clínica.

²² ZAMBRANO, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Trad. José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000. p. 28.

²³ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 30 e 34.

A palavra “Metáfora”, do latim *Mētā, ā*, VIRG. Dar-se pressa em chegar ao termo (estar no fim). Sinal que indica ou demarca o ponto final das corridas; marco, limite; alvo, mira, objetivo; fim. Fōrūm do latim *forum*, praça pública, o que é de todos. Do grego caminhar na direção de, caminhar para²⁴. Caminho [do celta pelo lat. Vulg. *camminu.*] S.m. faixa de terreno destinada ao trânsito de um para outro ponto; estrada, vereda, via, trilho, direção, rumo, destino²⁵. Significando, ainda, projeto, jornada, trilha, trajetória, obra, entre outros. O tema deste trabalho se inscreve em uma forma de pleonasma que confere vigor dos enunciados metafóricos pesquisados. Os enunciados metafóricos constituem fenômeno da linguagem e expressam a experiência vívida em um sentir do corpo próprio (*Leib*) afetado. Deste modo, os enunciados metafóricos contribuem para dar clareza para compreensão e interpretação da experiência vívida do paciente, orientando, pois, a direção e o sentido do caminho para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente.

Na retórica a metáfora é o meio que mais contribui para dar ao pensamento clareza, agrado e o ar estrangeiro. A clareza é uma virtude do estilo que exprime o suscitar das emoções (como piedade, o terror, a ira e outras) e o majorar e o minorar o valor das coisas. É preciso também que a metáfora seja tomada dos termos belos quer pelo som, quer pela significação, dizendo-se o mesmo quanto à fealdade. É a metáfora que põe o objeto debaixo dos olhos, ou seja, que mostra as coisas em ato. A metáfora, em Aristóteles, aplica-se a toda transposição de termos por via de analogia. As metáforas são feitas de enigmas velados pelos quais é possível a transposição de sentido²⁶.

Para Ricoeur a metáfora na retórica é um tropo, pois resulta no privilégio abusivo no que diz respeito à significação da palavra. Ricoeur admite a metáfora não mais como palavra, mas como frase compreendida como enunciado metafórico. O enunciado não consiste somente em falar de uma coisa em termos de outra, mas também de perceber, pensar e

²⁴ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Garnier, 2006. p. 733 e 501 e FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975. p. 917.

²⁵ FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 262.

²⁶ ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. de Antônio Pinto Carvalho. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005. p. 176;177;178;187;188;189;196,274 e ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro Sousa. 7. Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2003. p. 130.

sentir²⁷. O enunciado metafórico é reconhecido na interpretação semântica, visto que a frase é a primeira unidade portadora de significação do discurso. No ato da fala as palavras articuladas formam feixes de frases. Uma frase é um todo irreduzível à soma das suas partes. As várias frases individuais formam um feixe de relações que se combinam e produzem sentido ao discurso. Conforme Ricoeur os enunciados metafóricos são constituídos em discursos breves reduzidos, o mais das vezes, a uma frase em que transportam sentido, possibilitando a significação²⁸. Esta pesquisa, embora valora a significação da palavra, se fundamenta na significação do enunciado metafórico expresso pelo paciente produzindo sentido por meio da interpretação. No enunciado metafórico o paciente diz, comunica, partilha a experiência vivida.

O enunciado significa demonstração, predicação e comunicação, pois se mostra por e a partir de si mesmo por uma interpretação. O enunciado metafórico *A vida é caminho* significa dizer que a vida se deixa e faz ver como um caminho. O caminho não é mera representação da vida, mas o caminho como predicado é a vida. O que se enuncia, isto é, o que determina a vida é o caminho. Toda predicação só é o que é como um mostrar a partir de si mesmo e por si mesmo. O segundo significado funda-se no primeiro, caminho-vida.

A metáfora, para Ricoeur, não existe em si mesma, mas numa e por uma interpretação. É o conflito entre duas interpretações, uma literal e outra metafórica, ao nível de toda a frase que sustenta a metáfora, extraindo uma verdadeira criação de sentido, uma vez que a interpretação literal seria absurda. A metáfora se assemelha mais à resolução de um enigma do que a uma associação simples baseada na semelhança; é constituída pela resolução de uma dissonância semântica, resultando da tensão entre dois termos, cuja significação é resultante de sua interação²⁹. Na clínica, esta dissonância, portanto, evoca sentido que produz por meio da escuta a interpretação de modo a desvelar sentido, ou seja, o que intenciona dizer o paciente. Ricoeur concebe que é um milagre podermos, por meio da linguagem, superar a

²⁷ RICOEUR, Paul. *A Metáfora viva*. Trad. Davi Dion Macedo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p 77, 134.

²⁸ RICOEUR, Paul. *A Metáfora viva*. Trad. Davi Dion Macedo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p 77, 371.

²⁹ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009 p. 73 a 77.

solidão que existe em cada um de nós. Pois, ao partilharmos o mundo, a solidão da vida é iluminada por um momento pela luz comum do discurso. A comunicação de uma experiência vivida, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública. Para ele a comunicação é, desse modo, a superação radical da não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida³⁰. Ao partilhar a experiência vivida, o paciente evoca percepções antigas, ou seja, recordações. De maneira que, ao recordar, o paciente revive uma percepção, remontando o passado que reativa na memória. Esta experiência uma vez reativada mostra por meio dos enunciados, das emoções suscitadas, das expressões do corpo, como os gestos, a tonalidade e intensidade da voz o *quantum* dos afetos constelados, vivificando-as.

Para que possamos compreender o que intenciona dizer o paciente no enunciado metafórico torna-se necessária a interpretação. Para tanto utilizamos a hermenêutica. Hermenêutica provém do verbo grego ηρμηνευειν (bem como de seus derivados ηρμηνευζ e ηρμηνεια); significa declarar, anunciar, interpretar ou esclarecer e, por último, traduzir, significar que alguma coisa é “tornada compreensível” ou “levada à compreensão”³¹. A hermenêutica teve origem na necessidade da teologia de esclarecer o significado de textos sagrados. O teólogo alemão Schleiermacher (1768 - 1834) ampliou a hermenêutica para abarcar não só textos escritos em geral, mas toda a esfera da expressão simbólica humana. Por hermenêutica, Ricoeur compreende como a teoria das regras que presidem a uma exegese, isto é, à interpretação de um texto singular ou de um conjunto de signos suscetível de ser considerado como um texto³².

Para Gadamer a primeira pressuposição do conceito de interpretação é o caráter “estranho” daquilo a ser compreendido³³. Estranho (*allogrios*) é o “que... designa outra coisa”,

³⁰ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 30 e 34.

³¹ CORETH, Emerich. *Questões Fundamentais de Hermenêutica*. Trad. Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EPU/EDUSP, 1973. p. 1

³² RICOEUR, Paul. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 19.

³³ GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*. Trad. Paulo Cesar Duque Estrada. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 19.

“que pertence a outra coisa”³⁴. Os enunciados metafóricos, portanto, transportam sentido em que o caráter estranho e que em movimento (*epiphorá*) deslocam-se de... para... em um processo de mudança para significação.

A definição que exprime uma compreensão de maior amplitude da hermenêutica e que contribui para o exercício da clínica é da de Hans-George Gadamer. Gadamer pressupõe

que a interpretação se aplica não apenas aos textos e à tradição oral, mas a tudo que nos é transmitido pela história: o acontecimento histórico, expressões espirituais e gestuais, comportamento etc., e que é necessário olhar para além do sentido imediato a fim de descobrir o “verdadeiro” significado que se encontra escondido³⁵.

Nesta pesquisa, a hermenêutica é essencial para compreensão dos enunciados metafóricos no contexto da metáfora do caminho, pois o paciente ao partilhar das experiências vividas pelo ato da fala abrange além do dizer, expressões fisionômicas, emotivas, gestos, valorado pela intensidade e tonalidade da voz. Estes fenômenos fundamentam, pois, no contexto presente do paciente, a intencionalidade do eu em dar significação para que possa apropriar-se por meio da compreensão interpretativa de um novo sentido, de modo a reorientar no caminho da vida.

Duas fundamentações de teóricos ao qual sustentam as interpretações dos enunciados metafóricos estão na fenomenologia em Sokolowski, ao qual descreve a diferenciação entre a memória, percepção e a imaginação correspondendo respectivamente o mover-se do paciente em um olhar para o passado, para o presente e para o futuro. No tempo passado o paciente diz do como era, reativando a memória. No presente, a percepção do paciente está significada pelo ser, pelo sentir. No tempo futuro o paciente diz de algo imaginado podendo estar relacionado a um “como teria sido se”, ou seja, a um lamento ao qual descreve o futuro remetido ao passado. E há, ainda, a imaginação em um futuro em que o paciente descreve em ordem ao desejo, ao querer, a vontade. O verbo querer é um verbo *páthico*. Segundo Weizsaecker, no ciclo da estrutura, os verbos *páthicos* são disposições particulares para o

³⁴ RICOEUR, Paul. *Metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 29 a 32.

³⁵ GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*. Trad. Paulo Cesar Duque Estrada. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 19.

automover-se (vontade) e o mover-se (pulsão em ato). Vejamos nestes autores estas formulações de modo que nos orientem possibilitando a interpretação para compreensão dos enunciados metafóricos.

1.1. A memória, a percepção e a imaginação segundo Sokolowski.

Segundo Sokolowski, a memória e a imaginação são estruturas muito similares. Porém, a memória opera com a crença (como era) dos acontecimentos em um contexto passado, no mundo recordado e que experienciamos. A percepção chega com a crença (como é), ou seja, algo presente. A imaginação, contudo, opera numa modalidade dóxica diferente (como se), uma ação futura que imaginamos e que penetramos por um sentido de irrealidade, ou mesmo pelo desejo de algo do passado que venha a se cumprir em um tempo futuro.

Sokolowski descreve, ainda, uma forma de imaginação que tem de se tornar realística, um modo da crença que é experiência antecipada de nós mesmos numa nova situação, em um futuro antecipado, idealizado (como será)³⁶. Ou seja, uma forma de imaginação como abertura de caminhos que promovem o automover-se para o si mesmo que intenciona ser no mundo. A imaginação realística é o sentido do querer, do interessar-se, do planejar algo para ser realizado, o concretizar algo, o que nos faz imaginar a nós mesmos em alguma condição futura que nos encaminha em função das escolhas que fazemos. Para Sokolowski,

a estrutura formal do deslocamento, no qual podemos no aqui e agora imaginar a nós mesmos ou recordar a nós mesmos ou antecipar a nós mesmos numa situação em qualquer outro lugar e em algum outro tempo, nos permite assim viver no futuro e no passado, bem como na terra de ninguém da livre imaginação³⁷.

³⁶ SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 80 e 81.

³⁷ SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 83.

Vejam os a seguir, as estruturas de memória, percepção e imaginação segundo Sokolowski, com os respectivos modos e tempos verbais, na língua portuguesa exemplificado por enunciados metafóricos. Demonstramos que os tempos verbais aos quais estão formulados os enunciados metafóricos dizem respectivamente a estrutura de memória, de percepção e de imaginação orientando-nos na direção e sentido para o qual tende o mover-se do paciente. Na clínica o paciente ao partilhar da experiência vivida perpassa pelo passado, pelo presente e pelo futuro em tempos que indicam a direção e o sentido para o qual estão orientados.

Quadro 1: A memória a percepção e a imaginação, os modos e tempos verbais e os enunciados metafóricos.

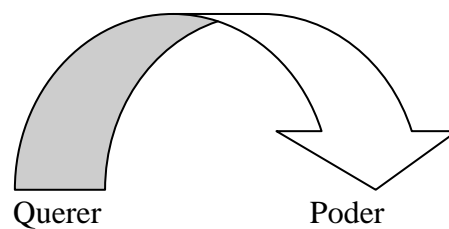
Estruturas	Tempo	Modo Verbal e Tempos verbais	Enunciados Metafóricos
Memória	Passado (de como era) Mundo recordado	Modo Indicativo: Pretérito: Imperfeito; perfeito, mais-que-perfeito	“(…) Fui muito bombardeada. Meu ex-marido quando brigava comigo eu ia dormir. Eu travava... Falta eu me mostrar, eu me libertar disso.”
Percepção	Presente (de como é)	Modo Indicativo: Presente	“(…) Ela é uma âncora que não deixa ele se movimentar.” “(…) Meu desespero é tão grande de estar aqui dentro que às vezes a minha sensação é de sair correndo e me atirar.” “(…) Sinto uma dor intensa, algo me apertando, me sufocando, me impedindo de respirar.”
Imaginação	Futuro (como se)	Modo Subjuntivo: Pretérito imperfeito e mais-que-	“(…) Se teu tivesse feito eu não estaria vivendo este sentimento de

	Mundo imaginado	perfeito; Modo Indicativo: Futuro do pretérito simples e composto.	culpa.” “(…) Sinto-me como se tivesse em um labirinto e não sei como sair.”
	Mundo antecipado	Ou Modo Indicativo	“(…) Irei realizar este sonho.”
	Querer, desejar, interessar-se por.	Futuro do presente	“(…) Eu vou realizar em breve esta viagem.”

Como vimos no quadro acima, na estrutura de memória a paciente ao recordar diz do seu mover-se orientada a um tempo passado que expressa o modo do sentir afetado “(…) Fui muito bombardeada” o seu mover-se é de recolhimento “(…) ia dormir.” Em seguida tomada pelo sentir afetado diz “(…) Falta eu me mostrar eu me libertar disso.” que mostra que o enunciado metafórico vivifica o sentir afetado de modo a possibilitar a elaboração ressignificação e conseqüentemente produzir no paciente nova orientação de direção e sentido para o mover-se. Na estrutura de percepção o verbo está no presente indicando como é percebido “(…) Ela é uma âncora...”, “(…) Meu desespero é tão grande...”, “(…) Sinto uma dor intensa...”. Na imaginação o verbo pode estar remetido a uma condição passada de algo que não se cumpriu e por isso fixado, deseja que venha se cumprir em um condicional “como se”. A paciente diz: “(…) Se teu tivesse feito eu não estaria vivendo este sentimento de culpa.” A imaginação pode ainda, ser futura por antecipar o mover-se em algo que se realize pelo querer, pelo desejo, por ter interesse, mobilizado pelo ser *páthico* “(…) Irei realizar este sonho.”; “(…) Eu vou realizar em breve esta viagem.” O corpo marcado pelas experiências vividas, constituído de afetos, memórias, fatos históricos, orientam, por meio da linguagem, o tempo para o qual o paciente está voltado, ou seja, para uma ação passada, presente ou futura e que o faz mover-se em uma direção e sentido.

1.2. O ser *páthico* no caminho da vontade e da graça de acordo Weizsaecker.

De acordo com o ciclo da estrutura definido por Weizsaecker há dois modos condicionais de caminho: o da vontade, na qual o homem tem a liberdade para escolha e o da graça, caminho, este, que há um impedimento em que o homem não controla. São verbos *páthicos*: querer no sentido da vontade, desejo (*Wollen*); dever como necessidade, precisar (*Müssen*); poder no sentido de ser capaz, entender (*Können*); o dever moral é significado como ser obrigado (*Sollen*) e o poder moral (*Dürfen*) como ter permissão, autorização, ter o direito. Estes verbos para Weizsaecker são *páthicos* porque estão em uma relação de referência à particularidade do ser. Segundo o autor o ciclo da estrutura se estabelece entre os verbos *páthicos*: querer e poder. No caminho da vontade há uma preponderância do querer sobre o poder, a sentença se enuncia: “Tu podes, se tu queres.” Ou seja, a vontade, o desejo, o interesse, o querer se efetua concretamente em um automover-se para o mover-se. No entanto, há na existência condições que se interpõem independentes do querer o que faz prevalecer o verbo *páthico* do poder e assim formalizando o ciclo da estrutura, do querer para o poder e do poder para o querer.



Para Weizsaecker, quando se sobrepõe a vontade, ao querer, o caminho se constitui no caminho da graça, pois mover-se se dá em condição de que seja concedido o poder para o querer. A sentença se enuncia: “Tu quererás, se a ti é dado o poder.”³⁸. Há uma condição de que seja dado o poder para que o querer advir. No ciclo da estrutura é necessário que o querer determine a ação para o automover-se e que seja dado o poder para que seja consumado o querer em um mover-se. No quadro 2 elucidamos o ciclo da estrutura entre os verbos *páthicos* do querer e poder e do poder sobre o querer em base a enunciados

³⁸ WEIZAECKER, V. von. *Le cycle de la structure*. Traduit par Michel Foucoult e Daniel Rocher. Paris: Desclée de Brouwer, 1958. p. 217 a 225

metafóricos da paciente R. A paciente R. tem formação acadêmica, profissional dedicada ao trabalho, expressa docilidade no seu modo de ser pela leveza do olhar, da tonalidade e intensidade da voz. É introvertida. R. passa por um momento de separação do segundo casamento e vive um momento de luto também por ter perdido um irmão recentemente. R. traz na experiência vívida o sentimento do luto, o vazio, a perda.

Quadro 2: No ciclo da estrutura as disposições *páthicas* para o automover-se e para o mover-se na relação dos verbos querer-poder.

Ciclo da Estrutura dos verbos: Querer – Poder.	Disposições <i>páthicas</i> do caminho.	Enunciados metafóricos de pacientes.
Querer – Poder A vontade, o querer é determinante para o mover-se.	Caminho da vontade: “Tu podes, se tu queres.”	“(…) É importante na vida ter um sentido para onde caminhar.”
Poder – Querer A vontade está sob a condição do poder. Há uma condição para que seja concedido a graça.	Caminho da graça: “Tu quererás, se a ti é dado o poder.”	“(…) Você pode até traçar um caminho, mas não sabe se chega ou não.”

Como vemos no caminho da vontade há um querer, uma vontade em uma disposição *páthica* do automover-se para o mover-se. A paciente R. ao enunciar: “(…) É importante na vida ter um sentido para onde caminhar”, ou seja, é importante ter a vontade, o querer para o automover-se, que é gerado a partir de uma disposição particular para fazer ação em um mover-se. No enunciado: “(…) Você pode até traçar um caminho, mas não sabe se chega ou não.” A paciente diz que se pode até traçar um caminho, mas não sabe se será concedido o poder para que a vontade seja consumada. A paciente R. está no caminho da graça, sobrepondo-se algo sobre o seu querer. R. diz da possibilidade de na vida haver impedimentos, pois não sabe se chega ou não no caminho que foi traçado. O querer de R. está sob a condição da graça que seja dado a ela o poder para querer, para que se cumpra a sua vontade em chegar no caminho “traçado”. R. está em dúvida “não sabe se chega ou não” se

haverá ou não a graça, ou seja, o consentimento, o não impedimento para que seja consumado em um porvir o seu querer, a sua intenção, o seu interesse, a sua vontade.

2. Enunciados metafóricos com base nas experiências vívidas do corpo próprio (*Leib*).

Para Lakoff e Johnson as metáforas são

originárias de nossas experiências concretas, da realidade da vida cotidiana. Com base às nossas experiências corporais compreendemos o mundo e a nós mesmos de modo a estruturar o que percebemos em um sistema de conceitos que governam nossos pensamentos e nossa atividade cotidiana. O sistema conceitual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana, nas experiências do mundo. Para estes autores, a essência da metáfora permite compreender e experienciar uma coisa em termos de outra³⁹.

Os enunciados metafóricos estruturam conceitos que levam à compreensão da experiência vívida, do sentir afetado do corpo próprio (*Leib*). É demonstrável, na clínica, que as metáforas se originam das experiências concretas e que registram ideias de um eu que se sustenta em base destas experiências. Descrevemos os enunciados metafóricos da paciente L. no decurso de dois anos desta pesquisa para que possamos evidenciar que os enunciados metafóricos, na clínica, são formulações que tratam das experiências vividas de um corpo próprio (*Leib*) afetado. Os enunciados metafóricos originários das experiências vividas, concretas, dizem da realidade do paciente. Esses enunciados são importantes, pois norteiam o trabalho na clínica desvelando o sentir afetado marcadas no corpo próprio (*Leib*), como um ferimento que faz sangrar em dor e sofrimento. Vejamos os enunciados da paciente L. que desvelam o sentir afetado pelo sofrimento.

A paciente L. é uma mulher de 45 anos, dedicada ao trabalho em uma exigência para consigo mesma de perfeição, de dever como obrigatoriedade, do dever imposto como ordem a ser cumprida. L. nas primeiras sessões enuncia: “(...) Eu tenho um mecanismo de defesa que utilizo que é ter várias personagens, eu sou grosseira, sarcástica, tenho boas tiradas, mas ninguém sabe que eu tive uma vida sempre triste. Eu tenho vários personagens que você vai gostar de uns e de outros não.” L., diz de um mostrar em que utiliza várias personagens, grosseira, sarcástica, de boas tiradas e diz de um esconder, a sua tristeza. “(...) Eu sou uma

³⁹ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 22, 45, 47 e 48.

pessoa que coloco os pingos nos is.” L. coloca “os pingos nos is”. Colocar os pingos nos is é um enunciado metafórico cotidiano em que se esclarece o que está obscuro, em que se resolvem conflitos, se expressam o pensar e o sentir a respeito de algo. Ao colocar os pingos nos is enuncia a sua inquietude existencial em tentar esclarecer o seu sentir afetado.

L. enuncia: “(...) Eu tenho medo de mudar.” L. tem diz ter medo de mudanças, de viver novas experiências. O medo expresso por L. é significativo para compreensão do sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) orientando na direção e sentido para o qual tende o mover-se de L.. L. enuncia: “(...) Eu sinto como se tivesse recebido uma facada no peito.” L. diz do seu sofrimento, de algo que está ferido, em um sentir que sangra, ferida aberta. Podemos observar que nestes enunciados o eu a quem L. referencia é a si mesma, no modo de se perceber no mundo.

O enunciado metafórico L. diz: “(...) Eu estou apática. De dez anos para cá eu me tornei diferente. Estou mal cuidada, perdi a minha espirituosidade. Eu era mais alegre.” L. expressa em um lamento presente algo perdido no passado que esvaneceu o seu humor alegre e instalou-se um estado de apatia. Este algo perdido está na experiência vivida do corpo próprio (*Leib*). L. diz ter se tornado diferente. O verbo tornar do latim *Törnō*, *ās*, *āvī*, *ātūm*, *ārē*, v. trans. (*de tornus*). CIC. PLIN. Tornear, arredondar, lavar ao torno; dar voltas (a um objeto). Voltar, regressar, vir retornar, tornar⁴⁰. O tornar-se para L. é transfiguração da aparência no abandono do corpo, “estou mal cuidada”, na mudança no humor “perdi a minha espiritualidade”, da alegria para o estado de apatia. Apatia do grego *ἀπάθεια*, do latim *Āpāthiā*, *æ. s. ap.* insensibilidade do ânimo, ausência de paixão, *apáthia*. L. está apática, ou seja, sem ânimo, sem direção e sentido. Há impedimentos. Há angústia. O querer para o automover-se está sob domínio de imposições existenciais. O desejo de L. é de algo que se perdeu no passado e que está requerendo por ter perdido. As experimentações da vida tornam-se densas, enfadonhas, o que a leva ao abandono de si mesma, com sensações de um corpo próprio (*Leib*) disforme.

⁴⁰ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. Ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Garnier, 2006. p. 1210 e FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 1389.

L. versa entre as sensações do corpo próprio (*Leib*) da plenitude para o esvaziamento, do admirável para o desprezível, da alegria para o apático. Da experiência à conceituação da vida, da experimentação da vida como espiritualidade para um sentimento afetado, que a tem deixado em um estado de desinteresse para consigo, em estado alterado do humor, apático, comprometendo a sua disposição para o automover-se.

L. enuncia: “(...) Eu só vivo de passado, eu não tenho futuro, nem presente.” L., ao dizer viver de passado, reafirma o seu mover-se em uma direção e sentido às reminiscências. Fixada em acontecimentos passados, os desejos se perdem em um lamento. L. retém na memória recordações passadas que a aprisionam, de modo a viver em um corpo próprio (*Leib*) que se move em um ir e vir, sob o domínio do dever como obrigatoriedade.

No enunciado metafórico L. diz: “(...) A sensação que tenho é de estar carregando cadáveres.” A sensação como experimentação sensorial no corpo próprio (*Leib*) em um mover-se que traz consigo carga, peso, cadáveres. Este mesmo enunciado metafórico após alguns meses de trabalho é novamente expresso: “(...) Tenho a sensação de estar carregando cadáveres.” L. dá a seguinte significação para o que sejam cadáveres: “(...) Cadáveres podem ser uma coisa, podem ser um peso morto, uma pessoa, uma situação, um fato que aconteceu” e complementa: “(...) Eu tenho que me livrar destes cadáveres, me livrar desses pesos mortos. Preciso me livrar. Vejo que estão em uma fase terminal e não os deixo morrer. Preciso extirpar uma coisa que eu não quero na minha vida.”

Comprovamos nesta experiência clínica a importância da significação do enunciado pelo paciente, no momento em que enuncia. Visto que pudemos confirmar que o enunciado foi vivificado, de modo a produzir em L. reflexões para elaboração só depois de ter significado o que são os cadáveres. As imposições morais do dever em L. a distanciam do seu sentir fundamental, comprometendo a sua disposição pulsional para realização do querer que são traduzidos pelos sintomas simbólicos marcadas no corpo (*Körper*), como problemas endocrinológico, que pouco a pouco tomam significação.

O domínio do dever moral, como obrigação a ter que fazer produz em L. um dano, prejuízo existencial, pois fere a sua condição ética de estar no mundo, de modo a defender a si mesma diante da necessidade e disposição da sua vontade. L. se refere ao eu no mover-se de um corpo próprio (*Leib*) que carrega cadáveres, ainda que, em fase terminal, não se desfaz do peso morto. Sustentada nas experiências vividas, L. está em apego, pois não deixa de olhar

para o passado que a petrifica. O seu sentir afetado é reafirmado a cada sessão em lamento, em choro, em sofrimento.

Para Ricoeur, o sentimento visa qualidades sentidas sobre as coisas ou sobre as pessoas, mas ao mesmo tempo desvela o eu no sentir afetado⁴¹. O afeto é o modo como o corpo (*Körper*) experimenta quando afetado. L. está afetada e expressa a experiência vivida, na qual o sentimento manifesto pelo sofrimento aflitivo, pela inquietude do corpo (*Körper*), dá a direção e o sentido para a qual tende o mover-se. L. está em um corpo próprio (*Leib*) exaurido. Devido ao peso que toma para si, L. se mantém em um estar soerguida, na vida, com esforço. O cadáver foi significado por L. como podendo ser uma coisa, um peso morto, uma pessoa, uma situação, um fato que aconteceu. Evidenciamos que o enunciado metafórico faz referência às experiências vividas e que de modo significativo está afetando a paciente, tendendo a um estado de depressão ansiosa. É no partilhar da experiência vivida do corpo próprio (*Leib*) que o paciente, por meio da fala, diz acerca do seu sentir no modo em que o eu se encontra afetado.

L., ao enunciar: “(...) Preciso me livrar”. “Preciso extirpar uma coisa que eu não quero na minha vida”, começa a dar os primeiros passos, sinalizando um desejo, um dever, uma necessidade. Este precisar é base fundamental para que “se deva”, ou seja, para que haja uma necessidade, na particularidade do ser. Para tanto é necessário que L. extirpe o que não quer na sua vida. Neste enunciado metafórico, L. diz em um apontar direcionado ao querer, pois precisa, necessita, deve livrar-se de algo, extirpar uma coisa e que a coloque em um estado de liberdade. Extirpar do latim *Ēxstīrpō, ās, āvī, ātūm, ārě*, v. trans. (*de ex e stirps*) CURT. COCLUM. Arrancar, desarraigado, abolir, destruir, suprimir, acabar com⁴². A necessidade como um dever para consigo mesmo dá uma nova direção e sentido, apontando para um querer. L. começa a valorar entre o querer e o não querer. Há uma luta em L. para que não seja dominada, tomada por afetos. O esforço far-se-á no sentido de livrar-se desses pesos mortos que afetam o seu modo de viver. Ao se constituir no querer, L. tenderá a uma nova direção e

⁴¹ RICOEUR, Paul. *Na escola da fenomenologia*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 293

⁴² SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Garnier, 2006. p. 462.

sentido que a fará tomar decisões consubstanciadas em um viver, realizando a si mesma, sem que tenha que sofrer para existir ou, mesmo, “carregar cadáveres”.

O sentir afetado de L. a leva às reminiscências infantis. L. enuncia: “ (...) Eu me sinto como se fosse uma menina de 10 anos de idade. Pensei que quando chegasse aos 45 anos eu já fosse uma mulher e, diante do meu pai, eu me sinto uma menina de 10 anos.” Este enunciado é significativo para o trabalho clínico, pois trata das questões do complexo edípico. L., ao partilhar a experiência vivida marcada no corpo próprio (*Leib*), dá abertura para que pouco a pouco tratemos deste núcleo que afeta a todos nós, as relação afetivas com a figuras parentais. L., ainda aos 45 anos, se sente menina diante da autoridade do pai. L. não se sente mulher, mas menina, em estado regredido, sob o domínio do amor filial. L. está ressentida. O ressentido sofre de uma memória reiterada, de um impedimento de esquecer que faz com que L. ab-reaja em choro ao tratar da sua relação com a figura paterna durante dois anos de trabalho.

Para Nietzsche cada um que sofre procura instintivamente a causa da sua dor, e procura uma causa animada, uma causa responsável, suscetível de sofrer, um ser vivo contra o qual possa, ao menos em efígie, descarregar a sua paixão. Para ele, esta vingança é o supremo alívio, o narcótico de todos os que sofrem⁴³. O que L. resiste em esquecer? O poder da autoridade se sobrepõe ao querer que a faz permanecer no passado, sem futuro e sem o fluir da vida que se faz presente no devir. Há um ressentimento que faz com que L. esteja presa ao passado. L. deseja algo que não se cumpriu e, fixada, busca de modo incansável que se cumpra em meio ao ideal de sentir o amor, o cuidado do pai. L. vive em nostalgia, em tempos passados e reconhece o seu sofrimento, mas atribui o seu sofrimento à responsabilidade de um outro, suposto agente do mal que a vitimou.

L. está destituída da vontade para o automover-se que com freqüência enuncia o sentimento de um esforço fracassado. Está mortificada, em negação e sacrifício de si mesma. Enuncia L.: “(...) Para mim é como se eu tivesse subido, subido, subido e cheguei lá em cima do morro e agora estou na sacada da casa, parada.” O mover-se de L. faz-se pelo dever, como

⁴³ NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 2009. p.122.

obrigação, como condição moral a ser obrigado a algo externo ao querer, à vontade. É, portanto, no sentido de obrigatoriedade que se dá o mover-se de L.. O dever moral se sobrepõe sobre o querer que a estrutura em uma forma de pensar e agir por vezes com certa rigidez. Para L., “é como se” em uma estrutura imaginária de uma condição comparativa de estar no mundo, de sentir-se em um mover-se em ação de subir com esforço.

Com referência, ainda, a este enunciado metafórico, vimos que o sentido ao qual L. alude é diferente do que seja o subir como significação de algo que se eleva que se sublima. O modo de sentir que L. se refere é um mover-se em esforço, com esgotamento, exaustão, cansaço. Ao dizer “estou na sacada da casa, parada”, o estar parada poderia ser compreendido como contemplação por ter alcançado um objetivo existencial. Mas não é esta a interpretação, pois para L. uma vez que o “estar parada” valorado pelo tom e intensidade da voz diz de um eu assustado, diz de uma imobilidade, de um vazio por não saber a direção e o sentido para o qual a sua vontade, o seu querer a determinaria para mover-se. O mover-se de L. está automatizado em um esforço posto ao dever como obrigação. Há um impedimento em L. que interfere no seu devir e que gera angústia, mas que L. tem medo de sentir as sensações que dela advém. Pelo medo, L. distancia-se do sentir de modo a mover-se tendendo a direção de um estado de depressão com ansiedade.

No enunciado metafórico, L. diz: “(...) Eu tinha tudo para naufragar, cair do barco e morrer. Eu me salvei porque eu me diferenciei.” Este enunciado remete a uma alegoria na produção da imagem fundada no que representa à navegação. O simbolizante barco é simbolizado como instrumento de navegação, de conquista de terras distantes, de realização do percurso do destino por vias fluviais, mas também de naufrágio como impedimento para travessias. Naufragar significa sofrer naufrágio, perder-se, extinguir-se, malograr-se, fracassar, perder uma embarcação em virtude de um acidente marítimo, afogar. No naufrágio o sentido de descida é de afundar, de morrer por afogamento, sufocação. Há neste enunciado uma paisagem que reflete a imagem produzida em que L., sendo o barco, tinha tudo para naufragar, se afogar, sufocar e estando no barco, tinha tudo para cair e morrer em queda. Mas L. se diferencia, o que a salva. O diferenciar-se para L. está na força com que L. embate para o mover-se em um dever de ter que, como necessidade, para manter-se em navegação que nos mostra que há em L., uma intenção de um querer para automover-se em direção e sentido de modo a livrar-se do sofrimento.

Diz o enunciado metafórico de L.: “(...) A vida é uma selva de pedra – tem sido uma luta.” O caminho da vida para L é de luta, de coisas selvagens, habitado por um núcleo duro, de pedra. L. é sensível ao mundo e inquieta-se em uma busca permanente em compreender o que se instala de modo selvagem no seu corpo próprio (*Leib*) e que a leva a mover-se em um ir e vir, subir e descer, naufragar e sobreviver.

L. Enuncia: “(...) Eu tenho que estar cheia de coisas senão eu entro no vazio.” L. enche-se de “coisas”, em um fazer compulsivo, para distanciar-se e assim não sentir o vazio, o sentir da estranheza. O vazio é assustador e por medo, distancia-se do sentir fundamental, o que faz sobrepor o ter sobre o ser. O que era “ser” passa a se constituir no “ter”. Nesse momento, o desejo está em buscar veementemente o objeto fora de si mesmo. Esta busca provoca consequentemente um estado de inquietação, de perturbação aflitiva com modos de afetação com relação ao eu, de susto, medo, temor e terror. L. tem medo de sentir o que sente tendendo a mover-se em aflição, mostrando-se e escondendo-se do seu verdadeiro sentir na busca ansiosa por algo perdido. Assim, L. distancia-se do pensar a vida, do silêncio, de modo a poder encontrar em si sentido que dê significação ao existir.

Entretanto, ao sair da sessão, por um momento, enuncia o seu refletir acerca da vida: “(...) Nós só buscamos porque temos certeza do fim.” L. mostra o seu pensar a existência. L., mostra a sua sensibilidade, mas encontra-se consumida por um eu em desespero, refugiando-se no medo de sentir o que sente e colocar-se em abertura para poder refletir a vida. L. tem potencial criativo para pensar em profundidade a vida, mas resiste a lançar-se a esta possibilidade como meta a ser cumprida. L. diz do buscar e da certeza de ter. A certeza do fim não é o que faz com que L. mova-se de modo a buscar o caminho para que em uma meta venha a realizar algo para dar significação ao seu existir e, deste modo, sentir-se ser no mundo?

Podemos constatar que os enunciados metafóricos expressos por L. são originários da realidade das experiências por ela vividas. A referência à qual o paciente alude é o eu, no que diz respeito ao seu modo de estar no mundo, mostrando por meio das suas emoções, no mover das paixões, o *quantum* dos estados afetivos que, constelados, impedem ou mesmo são propulsores para o mover-se. Portanto, o conceito que estrutura o modo de ser de L, no qual experiencia a vida, é de sofrimento. L. mantém-se soerguida na vida com esforço, com dificuldade. O investimento pulsional de L. está no dever para, o que implica a expressão de um corpo próprio (*Leib*) em exaustão, em saturação. O conceito que estrutura o modo de L.

compreender o mundo e a si mesma é do dever moral sobreposto ao querer. O dever moral é o dever em que se está em obrigação a. L. está afetada por ressentimento que a faz mover-se na direção e sentido fixado no passado na tentativa de fazer cumprir o que para ela foi perdido. É necessário que L. chegue à compreensão da sua sensibilidade do pensar a mais a vida e, assim, perceba a profundidade do ser que é.

3. A metáfora de raiz: a metáfora do caminho na estruturação de conceitos.

A metáfora de raiz para Ricoeur tem o poder de conjugar as metáforas parciais tiradas dos diversos campos da nossa experiência. As metáforas de raiz são metáforas dominantes, capazes de gerar e organizar uma rede⁴⁴. Para Ricoeur é como se certas experiências humanas se constituíssem num simbolismo imediato, que preside a mais primitiva ordem metafórica. Este simbolismo originário parece aderir ao mais imutável modo humano de estar no mundo, quer se trate de em cima ou embaixo dos pontos cardeais, caminhos⁴⁵. O caminho indica a direção para onde alguém se volta ou dirige.

No experienciar da vida, o sentido de caminho está no contexto da existência em que o ser no mundo, o homem, move-se em direção a. Para Zambrano,

quando vivemos em contato com um pensamento último, revelador, temos, antes de mais nada, um horizonte onde nos sentimos acolhidos e um instrumento técnico para situar e colocar ordenadamente os problemas, os pensamentos; o caminho ordena a paisagem e permite que nos movamos para uma determinada direção. Caminho, álveo da vida⁴⁶.

A palavra caminho no sentido metafórico é uma metáfora de raiz que coaduna uma série de outras metáforas. Os enunciados metafóricos desta pesquisa são expressos na

⁴⁴ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009. p. 67 a 99.

⁴⁵ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009. p. 93.

⁴⁶ ZAMBRANO, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Trad. José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000. p. 28.

singularidade da experiência vivida do paciente e estruturam conceitos que dizem respeito à concepção perceptiva acerca do mundo e de si mesmo. Estas estruturas conceituais, portanto, orientam na compreensão de como está estruturado o eu, do paciente, a direção e o sentido para o qual tende o mover-se.

Na terapia, por empatia, o momento em que o dito reverbera na escuta, lança luz em um olhar no qual o paciente projeta e desvela o mundo, ordenando imagens e orientando quanto à direção e ao sentido no seu mover-se existencial, pois enuncia a sua verdade. Verdade do latim *Vērītās, ātīs*, s. ap. f. (*de verus*). Verdade. *Veritas dicere* GELL. Dizer verdade. TER. PLIN. Franqueza, sinceridade, candura. CIC. Justiça, equidade⁴⁷. O termo grego para verdade é *Aletheia*, que significa veracidade, honestidade, sinceridade. A verdade é primordialmente um aspecto da realidade. Portanto, a verdade que buscamos, nesta pesquisa, está contida nos enunciados em que os pacientes falam com veracidade, com sinceridade, franqueza o que sentem substanciando esta pesquisa no que é nosso objeto o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) do paciente transportado por enunciados metafóricos. Estes enunciados geram uma rede de modo a destacarmos a metáfora de raiz: a metáfora do caminho.

São comuns, na clínica, enunciados que estruturam conceituações da vida como esforço. Na metáfora estrutural, segundo Lakoff e Johnson, o conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro⁴⁸. O sistema conceitual está baseado em nossas experiências no mundo. Formulamos, de modo a demonstrar por meio desta pesquisa, duas concepções que se enraízam, dando sustentação para a compreensão das metáforas do caminho. Na primeira conceituação acerca da vida estruturamos enunciados metafóricos que se constituem no conceito do caminho da vida como esforço: A vida é esforço. Na segunda conceituação estruturamos em conceitos que coadunam a percepção da vida como caminho: A vida é caminho.

⁴⁷ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Garnier, 2006. p. 1266.

⁴⁸ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 59.

3.1. A vida é esforço.

A vida é esforço. Dos enunciados metafóricos dos pacientes estruturamos as seguintes metáforas com um sentido de esforço: “(...) De três anos para cá deixei de ter prazer para carregar uma cruz.” A cruz como símbolo religioso está representada pelo sofrimento cristão. Ocorre uma inversão do prazer em dor. O esforço se sobrepõe ao prazer, de modo que a vida se reveste em algo não contemplado. O mover-se se faz pelo sacrifício, pelo sofrimento. E, deste modo, a vida se sustenta em um esforço para manter-se soerguida, visto que o peso que carrega tende a fazer com que o corpo (*Körper*) decaia.

“(...) A sensação que tenho é de estar carregando cadáveres.” O sentir é de peso, algo que se excede, que não é próprio. O sentir diz respeito às sensações vivenciadas marcadas no corpo próprio (*Leib*). O carregar diz de um corpo próprio (*Leib*) que sustenta cadáver, um peso morto, que vai além da possibilidade natural para manter-se soerguido como força de sustentação para o mover-se na existência.

“(...) Sinto como se estivesse nadando contra a maré.” O como é um comparativo no qual se expressa o sentir da paciente. O nadar é contra a maré que diz de uma força contrária que exige mais do corpo (*Körper*) em um exercício para não afundar, não afogar.

“(...) Não quero ficar arrastando corrente.” O não querer de um ato contínuo de arrastar, levar, puxar, mover à força a corrente que aprisiona condenados. Impõe o não querer de uma determinação volitiva em não permanecer prisioneira e, portanto, ter a liberdade para mover-se sem ter que arrastar correntes.

“(...) Tenho a sensação de estar carregando um peso terrível.” A sensação que afeta o modo de sentir o corpo próprio (*Leib*) é expresso pelo terrível, que infundem terror e produzem resultados funestos. O peso está além da capacidade de sustentação que gera o desconforto, inquietude, agonia. O peso dificulta o mover-se, que tende a decair devido à força contrária em manter o corpo (*Körper*) ereto para o mover-se. Há uma imposição de força além do que seja, suportável, sustentável e que a faz permanecer em exaustão.

“(...) A sensação que tenho é que estou num barco remando, remando, fazendo força.” O remar no exercício permanente de um cotidiano que se impõe pela força, pelo dever moral, pela obrigação, mas que não contempla pela ausência do prazer.

“(…) Como dói caminhar.” O caminhar da vida, a dor que reflete no exercício do mover-se em um pensar a mais, em um sentir vívido que reflete no corpo próprio (*Leib*) a intenção do eu na busca da verdade.

“(…) Quanto esforço tenho feito na vida, mas para ir para que lugar?” Ao indagar o lugar para onde ir, a paciente diz do vazio por desconhecer o caminho. O esforço pode significar que não há lugar, não há direção e que o mover-se se faz pelo ato do dever pelo ter que ir, caminhar, viver. Ou ainda, que intenciona encontrar a direção e o sentido para mover-se pela necessidade de tornar-se consciente para que em reflexão se sobreponha o seu querer. A dúvida se interpõe no caminho da vida, na qual temos que fazer escolha.

“(…) A diferença entre nós é que eu quero me encontrar! E me encho de coragem e sofro e, corro e levo na cara, mas busco uma saída, matando um leão por dia para abrir essa jaula e deixar a fantasia para viver a realidade, que pode não ser tão bonita, mas é que eu quero ser: real.” A diferença do querer si mesmo em relação ao querer do outro. Caminhos se bifurcam. O desejo de encontrar, de dar sentido ao seu existir, em um querer que dê direção e sentido para que seja si mesmo. Na existência é necessária disposição para o querer. A paciente corre, leva na cara, mata um leão por dia, abre a jaula, liberta o que está aprisionado, libera a fantasia para viver o sentido de realidade, de querer ser real, de buscar a sua verdade.

Nestas metáforas há uma exigência pulsional para o mover-se. Estes enunciados denotam um caminhar com esforço, intentam dizer de um corpo (*Körper*) cansado, bloqueado no devir, com impedimento para o mover-se. Há desafios: carregar uma cruz, carregar cadáveres, carregar um peso terrível, que denotam caminhar com sobrecarga de peso, arrastar correntes, nadar contra a maré que estão coerentes em uma horizontalidade, em um devir de tensão, de caminho penoso, de grande exigência corporal, de difícil sustentação, de um esforço angustiado, de um corpo em exaustão, tendendo o mover-se em desordem para baixo.

Os pacientes expressam suas dores, sofrimentos contidos em uma tensão emocional afetiva que os desnorteiam, que os fazem sentir a perda de sentido na existência, na direção, no caminhar, no viver. O paciente se encontra identificado e contido no sentir afetado e que, ao dizer, expressa a experiência vivida em um tempo real perceptível em que o mover-se se dá em forma de sofrimento na conceituação a vida é esforço.

Podemos perceber, nestes enunciados metafóricos, que há uma intenção do desejo com significação de *desiderio*. O desejo como *desiderio* faz com que compreendamos que a

intenção do paciente se refere a algo que se perdeu ou algo que esteja requerendo por ter perdido. O desejo, com a significação do latim de *desiderio*, *Dēsīdērō*, *ās*, *āvī*, *ātūm*, *ārē*, é o desejar no sentido de ter necessidade de; achar falta, ter que desejar, perder; pedir em juízo, requerer, que faz referência mais ao passado e futuro⁴⁹. Desejo este que se substancializa em um desejar de algo que se perdeu ou de algo que esteja requerendo por ter perdido, que faz fixar no passado.

A paciente N. enuncia: “(...) Eu ainda sofro muito por ter deixado a minha terra”, há um rememorar em N. que a remete ao passado. N. vive as reminiscências que a fazem sofrer em um desejo (*desiderio*) de voltar para o lugar de onde veio. Podemos compreender, portanto, que nesta busca em um olhar permanente para o passado, houve algo externo, um acontecimento, que se interpôs retirando o objeto de desejo, fixando N. ao passado em uma busca pelo objeto perdido. Entre o passado e o futuro, move-se o querer o que faz o corpo próprio (*Leib*) padecer em sofrimento.

Impedimentos se interpõem no caminho da existência e esses impedimentos são geradores da angústia como abertura para o mover-se em uma direção e sentido. Ainda que com o querer condicionado ao poder de algo que se imponha como impedimento, há a glorificação da contínua luta no jogo da vida. No enunciado metafórico de L. como vimos acima: “(...) Eu tinha tudo para naufragar, cair do barco e morrer. Eu me salvei porque eu me diferenciei.” Há exaltação em L. pelo esforço em manter o corpo próprio (*Leib*) soerguido. O corpo (*Körper*) padece em um esforço absoluto, de força e resistência de manter-se soerguido, o que gera também o sofrimento, levando a um esgotamento do corpo (*Körper*), anunciado pela “ferida na carne” por meio dos sintomas.

Ao partilhar da experiência vivida em uma memória perceptiva da vida com esforço, o paciente diz do seu empenho em manter-se soerguido, ainda que mediante as intempéries da vida, identificamos que há pulsão, há vontade, há desejo. Na singularidade expressiva dos enunciados metafóricos se dá a correlação que fundamenta a estrutura de um conceito: a vida é esforço na metáfora de raiz: a metáfora do caminho.

⁴⁹ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 361.

3.2. A vida é caminho.

Como demonstramos, há uma fusão dos sentidos parciais que coadunam a um conceito geral, amplo. Mas não é só de sofrimento que move-se o homem. O ser no mundo, a cada instante, é mobilizado a fazer escolhas, escolhas estas que oferecem direção e sentido, dando significação ao caminho da vida.

O automover-se gera uma questão pulsional que implica no querer, na vontade, desejo. O querer como desejo, como interesse por. *Völō, vīs, vūlt, vōlū, vēllē*, do latim, querer, desejar, ter tensão de. *Īntērēst, ěrāt, fūtt, ěssě*, do lat. importar, ser do interesse de, cumprir, relevar, pertencer⁵⁰. O desejo de algo que se cumpre no presente. A paciente enuncia: “(...) É importante na vida ter um sentido para onde caminhar.”, ter um sentido, ter um significado, motivo, pleito, objetivo, razão e que deseja como interesse que se cumpra. O desejo como interesse mobiliza a estrutura *páthica*, ou seja, a disposição para o querer (*Wollen*) em um automover-se, impulsionando a ação para mover-se, que implica em um fator determinante do querer para o mover-se em direção a.

Dentre outros conceitos, concebe-se a vida como projeção de algo a ser alcançado, algo que se traça, se objetiva, se deseja, se idealiza e dá sentido de que a vida se faz no devir, em um mover-se que tem meta, algo a ser alcançado, um lugar em que vislumbra chegar. É para onde nós nos encaminhamos para realizar algo que intencionamos, a nós mesmos como seres existentes, dotados de potencialidades, de interesses, de vontade, de desejos de que algo se cumpra como abertura de caminho. Tais considerações nos conduzem a estruturamos a vida no seguinte conceito: A vida é caminho. Vejamos dentre os enunciados metafóricos aqueles que podemos identificar dentro da conceituação da vida como caminho:

“(...) Na vida tem-se que ter um norte.” O ‘ter que’ como dever como necessidade para que se cumpra o querer. Ter um norte significa o que norteia que dá direção; dirigir, orientar, guiar, lugar para onde caminhar.

⁵⁰ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 625 e 1288.

“(...) Eu chego lá em algum lugar.” Há referência ao eu, que diz chegar a algum lugar. Há convicção no querer para que dê sustentação para o mover-se em direção a algum lugar que a faça chegar, concretizar, realizar o que possa conferir à sua vontade, ao seu desejo a certeza do querer.

“(...) Tenho duas possibilidades, ou uma ou outra: tenho que escolher.” Há bifurcação do caminho, com duas possibilidades, ou uma ou outra. Na vida é exigido que façamos escolhas, dentre uma ou outra, ou dentre diversas. “Tenho que” impõe o dever para que, mediante a escolha, se realize o querer.

“(...) A escolha é a mais difícil de todos os processos, pois a cada escolha se desiste do infinito menos um.” E enuncia metaforicamente: “(...) Um balão não sobe sem soltar sacos de areia.” A todo instante temos que fazer escolha. Ao valorarmos uma possibilidade dentre várias estamos sujeitos a perdas e ganhos no “jogo da vida”.

“(...) Na minha trajetória tenho como projeto.” Trajetória do latim *Trājēctō*, *ās*, *āvī*, *ātūm*, *ārē*, v. *trans. freq.* de *Trajicio*. Atravessar, varar, traspasar⁵¹. O trajeto, o projeto, o percurso do existir na significação do caminho da vida.

“(...) Há sempre uma forma de encontrar caminhos.” Os caminhos são diversos na possibilidade do existir, que faz com que sejamos singulares, em um ser *páthico*, dotado de vontade e que nos mobiliza a irmos em direção a um objetivo, a uma meta, em disponibilidade particular em um modo de ser no mundo.

“(...) Eu ainda não sei qual o projeto que eu vim realizar na vida.” Projeto do latim *Prōjēctūs*, *ūs*. PLIN . Ação de se estender, extensão. *Prōjēctō*, *ās*, *āvī*, *ātūm*, *ārē*, v. *freq.* de *Projicio*. Lançar para adiante. Desconhecimento, incertezas, dúvida do sentido do realizar algo, da meta a ser atingida, da direção para o mover-se dando sentido ao próprio existir.

“(...) Os gênios, na sua genialidade, fazem um caminho e acabam se auto-destruindo.” Os gênios estão na mira, mas muitos são os que não encontram sentido no existir e se autodestroem. Ocorre que muitas vezes sensações que se instalam no corpo (*Körper*) e

⁵¹ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 1215.

provocam o desespero de um eu que, por não ver a possibilidade de liberta-se das sensações que o atormenta, em aflição, toma o caminho na direção de um fim trágico.

“(…) Estou em uma estrada, esbarro, tem um buraco ou pego um trampolim, ou caio no buraco, ou fica empacado. Ou arranja um jeito de pular e seguir em frente. Não tenho trabalho, filhos, estou casada há muito tempo. É o fim de uma linha. É como se fosse um ponto de ônibus, fim de linha e tem que pegar outro ônibus para fazer outro caminho, ou fica parado ali. Para onde você quer ir? A casa tá vazia. E eu para onde vou? Cair no buraco?” G., uma mulher de 58 anos, extrovertida, alegre, realizada na vida amorosa. Retorna ao trabalho psicoterápico para reorientar o sentido da sua existência. G. encontra-se, no momento, em novas buscas face ao casamento da filha única a quem se dedicou, honrando o compromisso de ser uma mãe dedicada e amorosa. G. está em crise mediante a destinação para o sentir vazio. G. percebe e antecede a necessidade de formalizar no querer e assim recriar a sua vida em meio às mudanças. G. tem urgência de reconduzir a vida de modo a recriar a vida.

A paciente G. prevê que no caminho da vida há possibilidade de quedas, de saltos, de transposições de modo que faça escolhas baseadas em um querer que dê sustentação ao seu existir em uma direção com sentido. G. descreve a vida como uma estrada que tem buraco na significação de abismo pela possibilidade de queda, ou o buraco pode ter uma significação como passagem no sentido de que, sendo estreito, pode empacar. O final de linha para que se possa transcorrer em outra linha, de um sentido para outro, da primeira fase da vida para a segunda. Há uma necessidade em recriar a vida, tomando um novo caminho, pois, caso contrário, se poderá permanecer parado, ou seja, em angústia sucumbindo à ordem natural do processo de transformação. Afirma Jung que, no caminho da individuação, buscamos na meia idade uma nova significação do nosso existir⁵². G. quer dar um novo sentido à sua vida o que a faz mover-se na busca da ajuda terapêutica.

“(…) Tenho que me encontrar. Não sei se conseguirei de imediato porque a urgência é iminente, mas sei que o caminho é complicado.” Há uma imposição no ter que, como dever, como necessidade para que se sobreponha o querer. A paciente diz saber que o caminho é complicado, ou seja, diz do emaranhado em desordem dos pensamentos, sentimentos. O se

⁵² JUNG, C. *Gustav. A prática da psicoterapia*. Trad. Maria Luiza Appy. 6. ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes. 1998. p.103.

encontrar é dar sentido ao seu pensar, ao seu sentir, ao seu mover-se, à sua existência. Pois, o estar perdido gera sofrimento por não saber a direção e o sentido.

“(…) Quanta desilusão eu tive que enfrentar na vida, mas confiei em mim e tomei nova direção.” Somos como lenhadores que abrimos caminhos para que continuemos aquecidos em uma ocupação conosco mesmos, enfrentando na vida o que vier a se interpor como impedimento.

“(…) Não podemos esperar que o outro queira fazer o nosso caminho, cada um tem o seu.” Somos ser no mundo. Podemos compreender o mundo como o que está a nossa volta, o ambiente, como mundo na relação com outras pessoas e o mundo que diz respeito ao nosso mundo próprio, si mesmo. Não podemos transferir ao outro a responsabilidade das nossas próprias vidas. A nossa liberdade sustenta-se no nosso querer, que determina o nosso automover-se em uma direção e sentido para.

“(…) A vida segue seu curso.” Do latim curso *Cūrso, ās, āvī, ātūm, ārē, v. intrans. e trans. freq. de Curro. CIC. Correr a miúdo. Sentio cursari. TER. Sinto, ouço ir e vir. Cūrso, ūs, s.ap.m (de currere). Viagem por mar, navegação; voo; andamento, movimento; seguimento; continuação*⁵³. A vida com significação de curso, de seguimento, do que percorre, do que continua. O correr a miúdo no ir e vir da vida, no mover-se numa direção, o fluir, o andar, rumo, sentido, álveo.

Entre o ir e o vir, entre o por que e o para que, se dá o mover-se na clínica. Ao intencionarmos compreender a “ferida na carne” em registro da expressão profunda do sofrimento do paciente lançamos luz de modo a desvelar as intenções do paciente. O paciente deve ser capaz não só de reconhecer a causa, a origem de seu sofrimento, mas também de saber a meta a ser atingida. Intentamos, pois, significar a fala do paciente para que desperte o eu que deseja a si mesmo, em compreensão, em transformação, na retomada de um caminho que recrie a vida, porque é necessário que se torne si mesmo, consciente de sua identidade profunda como ser único e autêntico. O paciente deve ser capaz também de reconhecer que é único o caminho que dá a direção e o sentido para a significação das experiências vividas, que é a particularidade da experiência vivida, como também é único, singular, o caminho para

⁵³ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 328.

qual fundamenta o seu querer, de modo a consumir a sua vontade, o seu querer, o desejo como interesse.

Abrem-se caminhos na intervenção clínicas interpretativas, pois os construtos dos enunciados metafóricos, quer pelo paciente, quer pelo psicoterapeuta, produzem um efeito expressivo, face à realidade do paciente, uma vez que são vivificadas, tomando novas significações ao serem interpretadas. Produzindo, desta maneira, um efeito catártico. Os construtos metafóricos, uma vez introjetados, são tomados como referência em um processo de reflexão. Por consequência produzem, no paciente, a transformação do eu. O eu em processo investe em disposição para uma nova direção e sentido.

Para Ricoeur a metáfora não é um ornamento do discurso, pois nela está contido mais que um valor emotivo, por oferecer uma nova informação acerca da realidade⁵⁴. No enunciado metafórico há uma intenção de que algo seja desvelado. Fica claro que os enunciados metafóricos, na clínica, não são para agregar e enfeitar o discurso do paciente em uma retórica do bem falar. Na clínica os enunciados metafóricos são mais que retórica, que um talento do pensamento que o desvelar de enigmas. Os enunciados metafóricos são um recurso do eu que diz das experiências vividas, registradas no corpo (*Körper*), e expressa o sentir afetado, na forma estética do sentir, enunciando o sofrimento, o ferimento, a dor. Os enunciados metafóricos constituem fenômenos de linguagem essências, produzidos no ato da fala, que dizem não só pela palavra, mas concomitante à palavra, o corpo próprio (*Leib*) se desvela de forma auto-expressiva, valorando pelo tom e intensidade da voz, pelos gestos, pela expressão fisionômica, e assim, produzindo significação.

Compreendemo-nos como seres constituídos em um corpo próprio (*Leib*) dotados de vontade, de desejos, de interesses. Intencionamos realizar algo, para que nos constituamos ser no mundo. O sentido de liberdade para o querer mobiliza a nossa vontade em uma disposição para o automover-se, mediante as nossas escolhas. O realizar algo dá sentido ao existir que, de modo criativo, coloca em ato as nossas potencialidades. Conduzirmo-nos a uma meta, a um objetivo que nos dê sentido, satisfação, prazer, entusiasmo.

⁵⁴ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009 p. 76 e 77.

No entanto, podemos ser surpreendidos pela interrupção e ficamos atordoados, paralisados gerando uma sensação de finitude, de mortificação. Por um instante, temos que fazer novas escolhas que nos conduzam a novos caminhos e nos façam crer em um sentido, em um fazer permanente, para que possamos dar passos firmes e significativos rumo à clareira. Sugere Heidegger na metáfora do caminho da floresta (*Holzwege*) a direção rumo à clareira como busca da verdade. Para Heidegger a metáfora do caminho da floresta é uma metáfora ontológica que diz respeito ao ser no mundo em uma “*Trans*” que significa ser e estar a caminho, uma movimentação para além de si mesmo, um lançar-se. O caminho da floresta é o filosofar, o pensar a vida, o existir. Para o filósofo é essencial que criemos, para nós mesmos, a grandeza interior por meio de uma luta em que vençamos nossas próprias inquietações⁵⁵.

4. A metáfora do Caminho na compreensão ontológica.

Para Heidegger o mundo é o todo da constituição ontológica. Ele não é apenas o todo da natureza, da convivência histórica. Ele é a totalidade específica da multiplicidade ontológica que é o ser com os outros, o ser junto ao mundo e no ser si-mesmo que está em jogo o seu poder ser mais próprio⁵⁶. Segundo Heidegger, a ontologia só é possível como fenomenologia⁵⁷. Ao tratar do problema ontológico, Heidegger se fundamenta na fenomenologia da existência humana, ou seja, a presença do homem no mundo. Segundo Heidegger, a expressão grega φαίνόμενον, a que remonta o termo “fenômeno”, deriva do verbo φαίνεσθαι. Φαίνεσθαι, que significa mostrar-se. Portanto, φαίνόμενον, fenômeno, é o que se mostra, o que se revela⁵⁸. Os fenômenos constituem a totalidade do que está à luz do

⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *Introdução a Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 430.

⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. *Introdução a Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008 pp. 328 e HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, (1927). Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 247.

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, (1927). Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 75.

⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, (1927). Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 67.

dia ou se pode pôr à luz, enunciá-lo, trazer para o primeiro plano, realizar a verdade. Os fenômenos são o que mostram, desvelam.

Logos, λόγος, é aquilo que é transmitido na fala (deixar ver), tem o caráter de um dizer, de uma articulação em palavras. Para Ricoeur o *logos* da linguagem requer pelos menos um nome e um verbo e é o entrelaçamento destas duas palavras, que constitui a primeira unidade da linguagem e do pensamento. O nome tem um significado e um verbo tem, além do seu significado, uma indicação do tempo. A conjunção produz um elo predicativo, que se pode chamar *logos*, discurso⁵⁹. Na Retórica, no estilo do discurso, está o mover e valorar das emoções, que constitui a clareza, o ar estrangeiro ao discurso, visto que desvia a palavra do seu sentido ordinário⁶⁰. É, portanto, por meio da linguagem, na expressividade do dito que se dá o *logos*, ou seja, o discurso como racionalidade e sentido. O sentido é a manifestação do sentir afetado do corpo próprio (*Leib*). As emoções manifestadas e enunciadas no ato da fala indicam a direção para o qual tende o mover-se. Toda manifestação está remetida a um fenômeno. O fenômeno mostra para que seja dado o sentido como significação e, desta maneira, desvelar-se e tornar-se consciente.

Para Heidegger,

o homem se diferencia do animal apenas por poder “dizer”, isto é, por ter uma linguagem. Nem todo falar é um dizer, mas todo dizer é um falar. O falar é sempre sonoro, mas se pode dizer algo sem som, silenciosamente, ou seja, o dizer pode acontecer sem verbalização. Mesmo quando pensamos algo em silêncio, conosco mesmos, e não verbalizamos, tal pensar é sempre um dizer. Dizer (*Sagen*), de acordo com o seu significado arcaico, significa mostrar (*Zeigen*), deixar ver⁶¹.

A fala autêntica é para Heidegger aquela que retira o que diz daquilo sobre que fala, de tal maneira que, em sua fala, a comunicação falada revela e, assim, torna acessível aos outros

⁵⁹ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009. p. 11 e 12.

⁶⁰ ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antonio de Carvalho Pinto. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005. p. 214 e 215 e ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro Sousa. 7. ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2003. p. 130.

⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. Trad. Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. 3 ed. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Universitária São Francisco e ABD, 2006. p.124.

aquilo sobre que fala ⁶². A fala do paciente enuncia algo que intenciona mostrar. As emoções suscitadas dos pacientes, o sentir afetado, manifestam-se em meio aos enunciados metafóricos que, como fenômenos da linguagem, transportam o sentido de modo a reluzir o significado para que mostrem, em um deixar-se ver na sua real significação. Na clínica somos ouvintes da fala do paciente, procedemos por meio de intervenções clínicas, de modo a dar significação aos seus pensamentos e sentimentos, orientando-os nas suas ações. O diálogo decorre, portanto, da relação que se estabelece no ato interlocutório, predominantemente, entre os sistemas psíquicos do paciente e do psicoterapeuta.

Somos seres no mundo, detentores da linguagem, o que nos possibilita expressarmos a nossa convivência histórica, na dialética Eu - mundo, dando sentido às nossas existências. Ricoeur concebe que o sentido do enunciado contém a intenção de referência. Para Ricoeur,

(...) somente a dialética sentido (*Sinn*) e referência (*Bedeutung*), por sua originalidade, dizem alguma coisa acerca da relação entre a linguagem e a condição ontológica do ser no mundo, pois somos seres que estamos no mundo, porque somos afetados por situações e, porque nos orientamos mediante a compreensão em tais situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer a linguagem. A noção de trazer a experiência é a condição ontológica da referência, com a qual pressupomos a existência de coisas singulares que identificamos. Pressupomos que algo deve existir para que algo se possa identificar. A função de identificação singular suscita de um modo originário uma questão legítima da existência ⁶³.

Na existência somos lançados para movermo-nos em um jogo no qual não somos meros espectadores, observadores passivos do que vivemos. Somos também participantes ativos no “jogo da vida”, o modo pela qual nos encontramos em uma disposição, a fim de orientarmos-nos em direção e sentido, o que dá significação à ideia de caminho. Somos seres históricos constituídos em espaço e tempo. A espacialidade diz respeito ao ser no mundo em um corpo (*Körper*), que ao experienciar se faz presente, em um eu, em singularidade, em si mesmo. O espaço que nos circunda orienta-nos na vida a direção e o sentido, em devir e porvir.

⁶² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, (1927). Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 72.

⁶³ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação. O discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009 p. 35 a 38.

A partir de mim, apreendo as concepções de estar no mundo em um mover-se em horizontalidade e verticalidade, marcada pelas direções: esquerda-direita, em cima-embaixo, em frente-atrás. A temporalidade perpassa pela vivência do corpo próprio (*Leib*) em uma sucessão de acontecimentos em tempos presente, passado e futuro. Nosso corpo (*Körper*) está infiltrado de significações próprias que nos fazem mover não só fisicamente, mas intencionalmente. Somos seres de vontade, de necessidades, de desejos, de interesses, que consubstancializa o nosso modo de ser no mundo em um automover-se e em um mover-se com direção e sentido realizando objetivos, metas, projetos, caminhos, vida, existência.

A existência para Heidegger só pode ser dita da essência do homem, ou seja, apenas do modo humano de “ser”; pois até onde podemos experimentar, só o homem é abandonado no interior do destino da existência⁶⁴. Existir do latim *Ēxsistĕ* ou *Ēxistĕ*, *is*, *stīī*, *stītūm*, *sīstĕrĕ*, elevar-se acima, sair de, aparecer, deixar-se ver, mostrar-se e consistir, provir, resultar⁶⁵. O estar lançado para Heidegger, porém, é o modo de ser que sempre é suas próprias possibilidades e isso de tal maneira que ele se compreende nessas possibilidades e a partir delas (projeta-se para elas)⁶⁶. Existir é viver uma vida com sentido.

No trabalho clínico, por tratamos da singularidade no existir, demonstramos a importância dos enunciados metafóricos, pois estes têm uma extensão de sentido própria de quem as enuncia, constituindo, assim sentido em um reconhecimento do que sejam as metáforas ontológicas. Para Lakoff e Johnson as metáforas ontológicas

fundamentam-se em correlações sistemáticas no campo de nossa experiência em uma forma de conceber acontecimentos, emoções e estados necessários para tentar lidar racionalmente com nossas experiências, em especial com o nosso corpo, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos⁶⁷.

⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. *Marcas do Caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 336.

⁶⁵ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 461.

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcanti Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. §39. p. 246 e 247.

⁶⁷ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 76 a 85.

Os enunciados metafóricos são, na sua maioria, constituídos no interior de uma criação singular, dado a particularidade da experiência vivida enquanto vivida do corpo próprio (*Leib*), que, ao ser enunciada, torna-se uma metáfora vívida em uma representação do sentir afetado, quer pelo sofrimento, quer pela satisfação plena de viver.

Para Ricoeur a metáfora não é viva apenas por vivificar uma linguagem constituída. Ela o é por inscrever o impulso da imaginação em um “pensar a mais” no nível do conceito⁶⁸. Segundo Ricoeur, emerge na metáfora viva uma nova significação que engloba toda a frase. Para ele é só no nível da frase que nos é permitido distinguir o que é dito e aquilo acerca de que se diz, o que constitui a intenção do sujeito lógico do discurso, o referir ao eu⁶⁹. É na metáfora viva que se tem um valor emotivo por oferecer uma nova informação, ou seja, dizer algo acerca da realidade⁷⁰. Na clínica, a realidade a que o paciente se refere é ao eu, de modo a desvelar o *quantum* do sentir afetado refletido do corpo próprio (*Leib*), marcado predominantemente pelo sofrimento.

A paciente S. enuncia com singularidade criativa de sentido, vivificando no seio da frase as emoções que emergem do sentir afetado, em correlação sistemática no campo da experiência com o próprio corpo: “(...) Coração em chaga que dá uma inquietude. Uma tristeza embotada, algo que fere. Uma cápsula de dor para poder esvaziar.” S. está em sofrimento. Na cultura ocidental o coração é considerado o guardião dos sentimentos. O enunciado diz do coração em chaga. As chagas são ferimentos que sangram, geram dor, sofrimento, são feridas abertas. Há uma inquietude, uma tristeza embotada que denota enfraquecimento, perda de vitalidade, de sensibilidade. As chagas estão embotadas pela tristeza, que fere. Encapsulada em dor há uma compressão, que provoca uma contenção em espera para aliviar, promovendo, pois, a sensação de esvaziamento. Embora este enunciado

⁶⁸ RICOEUR, Paul. *Metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 465.

⁶⁹ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009. p. 26, 27 e 35.

⁷⁰ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 73, 76 e 77.

metafórico seja permeado pela significação da metáfora do coração, ele denuncia o sentimento que aflige a paciente, a angústia.

Podemos compreender este enunciado metafórico como uma metáfora ontológica, visto que diz respeito a como S. está concebendo o sentir afetado especialmente nas sensações experimentadas no corpo (*Körper*). Em uma tentativa de lidar racionalmente com a experiência vívida no corpo próprio (*Leib*), a paciente S. diz, concebendo sensações, identificando aspectos, dando significação ao fenômeno da angústia.

O coração é um órgão essencial para inspirar e expirar a vida, é o órgão que move o sangue, vitalizando, transportando o alimento para o corpo (*Körper*). Observamos que o sentimento da angústia é referenciado com o sentir relacionado ao órgão cardíaco, uma vez que o enunciado metafórico é descrito pela falta de ar, sufocação, aperto no peito. Na angústia o corpo padece em aflição, em inquietude pela estranheza, restringindo, comprimindo, estreitando o respirar. Zambrano traduz a metáfora do coração como

feridas; lentas, às vezes impossíveis de sarar. Dir-se-ia que as feridas nele nunca se fecham porque têm um certo caráter ativo, são feridas vivas, como feridas das quais mana constantemente uma gota de sangue que impede a sua cicatrização. Mas que também pode encontrar a solução de um conflito interior quando se caiu num labirinto inextricável por obra das circunstâncias⁷¹.

A paciente S. está tomada por angústia que é própria de um *pathos* existencial, que a leva ao labirinto por obra da graça, como possibilidade de abertura para compreensão. No labirinto, diferentemente do dédalo (em inglês, *maze*), mesmo encontrando dificuldades, mas por convicção, nos orientamos em direção à meta, em uma particularidade, determinada pela vontade, pelo querer. S. na busca de encontrar sentido diz do corpo próprio (*Leib*) já padecimento que encapsula para poder esvaziar. Assim, possibilitando por meio da reflexão a compreensão que dê significação ao sentir para poder esvaziar, ou seja, para poder elaborar e ressignificar de modo que o ato pulsional seja orientada em direção e sentido para o mover-se com força criativa.

⁷¹ ZAMBRANO, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Trad. José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000. p. 22.

A experiência vivida marcada no corpo (*Körper*) pela angústia promove em S. uma significação, de modo que S. não só resolve o conflito, mas, também, toma atitudes que a faz mover-se no existir em realização de si mesma. Comprovamos, na clínica, que os enunciados metafóricos que compreendemos no contexto ontológico existencial são expressões fundamentais do sentir, do sensível, da estética que se inscreve na própria carne como uma carta escrita pela vida.

Podemos considerar os enunciados metafóricos que expressam o sentir da vida em desordem, em desorientação, como metáforas ontológicas por desvelarem o sentir afetado, dando significação ao fenômeno, de quem se encontra sem direção e sentido, sozinho na sua dor. É comum estes enunciados serem expressos, logo nas primeiras entrevistas, o que demonstra que a ausência de sentido na existência evoca primariamente o sentir desamparado, a sensação de estar perdido, sem rumo, sem direção, de estranheza incidindo nas sensações reais no corpo próprio (*Leib*), descrito como um sentir vazio.

Compreendemos que estes enunciados evocam a mais primitiva ordem do ser no mundo que constitui compreensão fenomenológica existencial. A paciente enuncia: “(...) Sinto-me perdida.” O sentir-se perdida diz da falta de direção e de sentido para o mover-se. No enunciado a paciente diz: “(...) Não sei por onde começar.” o não saber da paciente diz do estado de confusão, dúvida, dentre várias possibilidades de escolha. Tem dificuldades em delimitar o motivo que a levou a buscar ajuda terapêutica, ou ainda, a paciente diz de uma não clareza por não saber o começo ou o lugar para o qual deve dirigir sua vontade. O não saber, o desconhecimento, descumprimento da ordem, do começo, do meio e do fim. Diz o enunciado: “(...) Não me sinto fazendo parte do contexto.” a paciente diz não se sentir participante, excluída da existência. Identificamos aspectos de como é o sentir do paciente. No enunciado metafórico a paciente expressa: “(...) Sinto-me paralisada.” o sentir-se paralisada significa ausência de ação para o mover-se.

Podemos compreender que estes enunciados metafóricos desvelam sentido, pois orientam na direção de como está o paciente, ou seja, o estado em que se encontra no caminho da vida. O saber do estado de confusão que se encontra produz no paciente, reflexão para que lide racionalmente com a desordem inicial, orientando-o para o mover-se.

Evidentemente, na desordem em que se apresenta há no paciente um apelo que, expresso pelo ato da fala ou pela ação de mover-se em direção ao trabalho terapêutico, a

paciente diz do seu pedido de ajuda: “(...) É um pedido de ajuda.” São nas primeiras entrevistas que, por empatia, averiguamos a disposição pulsional do querer, do automover-se para o mover-se do paciente. Em situações de risco é importante que intervenhamos de maneira que oriente o paciente em uma direção e sentido não só para que ele não se sinta sozinho na sua luta com os conflitos, mas também para ajudá-lo a encontrar algo de essencial que o faça suportar o sofrimento e possa adquirir firmeza suficiente para estabelecer uma meta, um caminho, um sentido para a existência.

Para o paciente não é o ato promissivo de alívio para o seu sofrimento, ou mesmo falar da sua história, no sentido de partilhar das experiências vividas, que propicia o processo de cura, mas é o compromisso consigo mesmo em um dizer que reflita a sua verdade e traga à luz o que está permeado da obscuridade. Ele pode, assim, reescrever a sua realidade em um modo de ser que é ser si mesmo em criação de um eu processual, em uma visão ampliada do mundo (*Weltanschauung*). Para Heidegger, a Visão de mundo não é nenhuma mera contemplação das coisas, tampouco uma soma do saber sobre elas.

Visão de mundo é sempre tomada de posição que realizamos por convicção própria, podendo ser expressamente formada, seja uma convicção que compartilhamos com outros ou reproduzimos de outros, como uma convicção que acabamos assumindo. É uma convicção que é força fundamental, que movimenta nosso agir⁷².

Ao ampliarmos nossos horizontes visionais a respeito do mundo e de nós mesmo, tomamos posição, ou seja, pensamos a vida de modo a movermo-nos, dando sentido ao nosso existir em um eu em permanente transformação. Como vimos os enunciados metafóricos estruturam conceitos em base as experiências vividas. As experiências vividas estão marcadas no corpo próprio (*Leib*) que ao serem partilhadas, por meio da linguagem e significadas, desvelam sentido permitindo-nos compreender os fenômenos existenciais manifestos e como eles se mostram, aos quais identificamos dentro da conceituação das metáforas ontológicas.

Abordamos, a seguir, o fenômeno da angústia como disposição fenomenológica existencial. No fenômeno da angústia demonstramos, por meio dos enunciados metafóricos dos pacientes, as descrições do sentir afetado do corpo próprio (*Leib*). O sentir é desvelado

⁷² HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 249.

por meio dos enunciados metafóricos que transportam a intencionalidade do eu para lidar racionalmente com as sensações que são produzidas no corpo (*Körper*). Estas sensações são abertura para compreensão do fenômeno da angústia. As metáforas de angústia podem ser compreendidas como metáforas ontológicas e como metáforas orientacionais. Pois ao permitirem dar significação para poder lidar racionalmente com as experiências produzidas no corpo próprio (*Leib*), elas são também, orientadoras da direção e do sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente. Vejamos a seguir as metáforas de angústia formalizadas no contexto das metáforas orientacionais.

CAPÍTULO II

A metáfora do caminho: disposições fenomenológicas existenciais.

1. A angústia, o impedimento e o mover-se.

Angústia do latim, *Āngō, ĩs, ěřě, v, trans.* Apertar, afogar, esganar, estrangular, sufocar, passagem estreita e difícil. *Āngōř, ōřĳs, s. ap. m. (de angere)* é uma dor intensa, aflição pungente, tormento, dor de alma ou do corpo⁷³. A angústia implica uma limitação pulsional ou estreitamento ligados às sensações físicas de opressão, sufocação, estranheza, a uma aflição pungente, a um sentimento de vazio⁷⁴. A angústia se manifesta por meio das sensações no corpo (*Körper*) e, de modo significativo, mostra-se como sintoma na região pulmonar, cardíaca, epigástrica, o qual é acompanhada por alterações dos ciclos vitais, dentre eles: o respirar, o alimentar e o sono, provocando inquietude, dor aflitiva e sofrimento.

⁷³ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino- Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 76. DUROZOI, Gérard; ROSSEAU, André. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. Editora Papiros 1996. p. 28.

⁷⁴ GAMA, Jane e MARTINS, Francisco. Artigo: Entre a angústia e a ansiedade: um estudo das metáforas e imagens pictóricas em um processo terapêutico. (Artigo não publicado).

O pressuposto ontológico da angústia em Heidegger é de que o angustiar-se é um modo de ser-no-mundo, disposição fundamental para abertura para o ser⁷⁵. Aquilo com que a angústia se angustia é o “nada” que não se revela “em parte alguma”, ou seja, é indeterminado, não se constitui em um objeto que “ameaça”. Fenomenalmente, a impertinência do nada e do em parte alguma intramundanos significa que a angústia se angustia com o mundo como tal, sendo um modo de ser no mundo. Para Heidegger a angústia não tem objeto o que dá o sentido da estranheza. O que caracteriza o referente da angústia para Heidegger é o fato do ameaçador não se encontrar em lugar algum⁷⁶. Podemos evidenciar, na clínica, o fenômeno da angústia por meio dos enunciados metafóricos em que os pacientes descrevem o sentir do corpo próprio (*Leib*) afetado. Essa estranheza, ou indeterminação do objeto da angústia é expressa pelo paciente com sensações do sentir vazio, com o comprometimento nas vias respiratórias. Enuncia a paciente: “(...) Sinto um vazio dentro de mim.”; “(...) Sinto um buraco no estômago, um vazio. O que é o vazio? Não sinto nada, só falta de ar.”

A angústia é descrita como um sentimento de estranheza, ou seja, não há familiaridade, não identifica o sentir do corpo próprio (*Leib*) por ausência de significação. Esta estranheza é, portanto, a ausência de objeto. A paciente enuncia: “(...) O que eu sinto é uma dor que não tem nomeação, é uma agitação interna, um *trem*, uma coisa.”

Na angústia há estreitamento no respirar a vida, de modo a ser descrita como um sentir de sufocação. Os enunciados metafóricos descrevem: “(...) Me sinto sufocada.”; “(...) Sinto uma dor intensa, algo me apertando, me sufocando, me impedindo de respirar.”; “(...) Mais uma vez estou chateada, magoada, com angústia tão grande que sinto dificuldades de respirar”. Na angústia há, ainda, a dor física na região cardíaca. Enuncia a paciente: “(...) Sinto um aperto no peito...”.

Na angústia o corpo (*Körper*) pode paralisar. No enunciado a paciente diz: “(...) Sinto-me paralisada.” Ao sentir-se paralisada a paciente enuncia com perplexidade face a

⁷⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcanti Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. §40. p. 256.

⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcanti Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. §40. p. 250 a 258.

indisposição pulsional para o mover-se que restringem o respirar a vida, interrompendo de maneira abrupta em impedimento. Impedimento do latim *Īmpĕdīmĕntŭm*, ī, s. ap. n. (*de impedire*). CIC. Dificuldade, impedimento, empecilho, embaraço, obstáculo, estorvo⁷⁷. O impedimento é algo que se interpõe no devir e que gera sofrimento. Na angústia o paciente está impedido no devir, limitando, conseqüentemente, o seu modo de expressão. O paciente tomado pelo fenômeno da angústia tende a mover-se a um estado de depressão melancólica.

No fenômeno da angústia o paciente ao expressar o seu sentir afetado descreve as reações do corpo próprio (*Leib*) face ao sofrimento. Da angústia para a depressão melancólica tende o mover-se em queda em que C. descreve a sua experiência vívida em registro no corpo (*Körper*). C. é uma mulher de 60 anos. Procurou o trabalho terapêutico com o diagnóstico de depressão. C. faz uso de antidepressivo há dez anos. No período em que iniciou o tratamento psiquiátrico ocorreu o fato dos filhos, já adultos, terem saído de casa. Podemos evidenciar nos enunciados metafóricos de C. que as suas reações se dão no corpo (*Körper*) paralisado, impedido para mover-se: “(...) Imagina eu (*sic*), deitada com uma pedra em cima do meu coração, totalmente imobilizada e sem poder fazer nada e passar três dias em agonia.”

C. está com o corpo próprio (*Leib*) tomado em dor, imobilizado, impedido para o mover-se. C., destituída de poder querer não se sente capaz de mover-se, permanecendo por três dias imobilizada, em agonia. C. está em um estado de mortificação, deitada com uma pedra que comprime o coração, interferindo no respirar a vida. A pedra como matéria pode ser pesada e medida, portanto, o corpo enquanto corpo (*Körper*) se ressentido pelo peso que o oprime. Ao experienciar, C. toma para si a singularidade da experiência vívida no corpo próprio (*Leib*) que agoniza pelo sofrimento, pois não é mais o seu querer que prepondera, mas o impedimento de algo de que não tem controle. Há uma pedra no coração de C. que a impede mover-se. Diz o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987)⁷⁸: No meio do caminho.

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento

⁷⁷SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 579.

⁷⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. *José & Outros*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.

na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

C. está no meio do caminho, na meia idade e no seu caminho tem uma pedra, no qual seu sentir está afetado em um corpo (*Körper*) padecido, fatigado, atormentado na dor, impedido de respirar a vida. Para C. no seu peito há uma pedra. Para Drummond no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho. No meio do caminho encontra-se C. em estado de angústia, em estranheza, em impedimento para mover-se, com sensações de haver uma pedra sobre o coração, que a impede de viver.

Para Zambrano, dentre as visões do coração, está o sentido de que o coração pesa; e que pode fazer sentir o seu peso, que equivale ao do universo inteiro, como se nele pesasse a vida de alguém que, na vida, não pode já vivê-la⁷⁹. A vida de C. está destituída de sentido. C. está sem direção, isolada, abandonada. C., ao partilhar a experiência, vivifica o seu sentir por meio do enunciado metafórico que a faz refletir em abertura para compreensão de si mesma no seu modo de ser no mundo. C. reelabora restituindo ao eu sentido ao resignificar.

C. enuncia: “ (...) Eu quero ter a minha casa de volta. Eu sempre fui a mulher, a mãe, a filha, mas nunca fui eu mesma. Eu sempre estive à procura de mim e só agora, aos 60 anos, estou compreendendo que era a mim que eu procurava.” C. passou uma vida à procura de si. Enuncia querer a sua casa de volta, diz querer ter a si mesma. O simbolizante casa, levado à interpretação, é simbolizado pelo que habita, moradia da alma. C. quer a si mesma, a sua alma que se encontra perdida. Quer o seu si mesmo mediante ao que sempre foi, a mulher, a mãe, a filha. C. imputou-se a obrigação, o dever em face ao destino da tradição, projetou-se na realização dos diversos papéis, negando a sua realização em outros dos seus interesses, em uma recusa ao seu jeito de ser. Esquecida de si, aos poucos foi entristecendo. Abandonou a quem jamais deveria ter abandonado, a si mesma. E, ao se ver em noite escura, buscou ajuda. O primeiro sonho que C. trouxe para trabalho terapêutico foi o de um casebre abandonado em

⁷⁹ ZAMBRANO, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Trad. José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000. p. 22.

meio ao lamaçal. C., aos poucos, foi reconstruindo, em meio ao lamaçal, encorajando-se a dar pequenos passos que a fizeram imprimir uma nova direção e sentido e, assim, recriar a vida.

Observamos que o esvaziamento, essa sensação de falta experimentada como um sofrimento insustentável faz com que o paciente parta em fuga provocando uma busca ansiosa por um objeto que se interponha de modo a não sentir o que sente. O sentir aflitivo tomando todo o corpo próprio (*Leib*) por ansiedade fica alterado, perturbado, acelerado agoniza em dor. Ansiedade, do latim *Ānxiētās, ātīs, Ansietate*, que significa ânsia, desassossego, inquietação⁸⁰. Encontrando-se em um ponto zero de uma nulidade de sentido, o paciente com um eu destituído, mas com o corpo próprio (*Leib*) tomado pelo sentir aflito, refugia-se na fuga pelo medo. O corpo (*Körper*) manifesta-se em inquietude “(...) Tenho sensações como garras fincadas no meu coração, fazendo sangrar e saio, desnorteada, na tentativa de aliviar.” As garras fincadas fazem sagrar o coração em um dizer do corpo ferido, afetado. Que, ao se sentir ferido, tenta livrar-se das garras que fincam, que ferem, que fazem sangrar e que, desnorteada, sem destinação, sai, move-se na tentativa de aliviar. Para Freud a angústia é o mais terrível dos sentimentos de desprazer. Freud descreve que, nos sonhos, a angústia nos retém em suas garras até despertarmos, devido às emoções produzidas serem de conteúdo aflitivo⁸¹.

Enuncia a paciente L: “(...) Pela ânsia vou buscar para entender.” Pela estranheza, pela falta de objeto o corpo próprio (*Leib*) é tomado por ansiedade de modo a mover-se em diversas direções e sentido na busca em dar significação ao sentir aflito que a coloca em tormento, em inquietação e que a faz mover-se nas direções e sentidos do ir e vir, subir e descer, mostrar e esconder.

Enuncia a paciente K.: “(...) Eu procuro sempre o caminho mais difícil. Porque não pego o caminho mais fácil para chegar, tenho que pegar o que tem mais curvas, mais complicado. Eu faço isso com a minha vida. É complicado! Sinto uma aflição quando fico parada no sinal.” K. é uma mulher jovem que viveu o primeiro casamento de muita hostilidade. O seu segundo casamento também foi de hostilidade, desrespeito, violência. K. não se sente realizada no compartilhar dos afetos. K. descreve o momento da aflição que é o

⁸⁰ SARAIVA F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 85.

⁸¹ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Trad. Walderedo Ismael Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p 147 e 171.

ficar parado no sinal. O caminho ao qual K. diz procurar é o mais difícil, tem mais curvas e é mais complicado. Ao significar este enunciado, K., compara à sua própria vida. Assim, procede na vida, ao tomar caminhos difíceis mantém-se em uma estrutura em que está sempre repetindo. K. está em um *dédalo*. *Dédalo* é o nome do arquiteto grego construtor do labirinto de Creta que significa cruzamento confuso de caminhos; encruzilhada, coisa complicada ou obscura, confusão, emaranhamento⁸². K. ao sair de um *dédalo*, entra em outro *dédalo*, e, assim, estruturada repete a experiência vivida em um eterno retorno. K. sente-se perdida por ter dificuldades em fazer escolhas que a coloque em uma direção e sentido em benefício a si mesma, rompendo com a tradição da estrutura.

O corpo tomado por angústia faz com que esqueçamos de nós mesmos, em um estado de paralisção, agonia, dor, tristeza, atonicidade e perplexidade diante do fenômeno. No enunciado metafórico K. expressa o sentir do impedimento para o mover-se: “(...) Sinto-me como uma semente que não consegue ter forças para romper a terra e fazer brotar. A minha energia é fraca, eu não consigo dar o primeiro passo, que é rasgar para abrir a semente e transformar. E, presa à terra, vem o sintoma, de sudorese, medo, pânico, que me paralisa e me tumultua, impedindo-me de crescer.” K. diz do potencial humano, que, como a semente ao ser lançada à terra, faz brotar a flor e da flor o fruto. Diz, ainda, do ser no mundo em abertura para tornar-se o que é. K. está impedida pelo medo de romper a semente, ou seja, dar passos significativos e necessários com base ao seu querer que a faça decidir por si e para si mesma. K. tem medo de mudanças. A angústia de K. está expressa por meio dos sintomas como episódios de pânico. K. está em angústia e se refugia no medo que a impede de realizar a vida. De maneira a se lançar em projeto, que a faça sentir o romper a terra em um ato pulsional para mover-se em um sentido e fazer brotar o seu potencial, em recriar a vida, em abertura e transformação.

K. enuncia reafirmando a metáfora da semente das suas aflições por não conseguir automover-se, ou seja, ser impulsionada pelo sua vontade em um querer: “(...) Eu tenho dificuldades de decisão, de sair do lugar, eu sou acomodada.” Há um desinteresse, uma desmotivação, falta de sentido, de objeto. No momento, K. não demonstra interesse para o mover-se de modo a fazer em ato a ação. K. está acomodada.

⁸² FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975. p. 424.

Como vimos por meio dos enunciados metafóricos, a angústia é o modo do sentir em uma aflição pungente, de tormento, de dor, de estreitamento, ligada às sensações físicas que se manifestam pela dificuldade de respiração, com enorme tristeza evocando sentimentos de falta, de vazio, de estranheza. Ocorre que essa estranheza no sentir, conduz ao medo. Instala-se, contudo, a ansiedade. Esta ansiedade na cotidianidade leva a um modo exacerbado do ter sobre o ser. Em uma fuga do sentir, o objeto já não é mais o corpo próprio (*Leib*), mas algo fora dele. O que era “ser” passa a se constituir no “ter”. Nesse momento, o desejo está em buscar veementemente o objeto, provocando, por consequência, um estado de inquietação, de perturbação aflitiva, de ansiedade destinado a um mover-se com modos de afetação com relação ao eu de medo, que o corpo (*Körper*) experimenta, imprimindo em si, por meio dos sintomas, os modos de ser afetado.

Em contraposição à angústia, Heidegger trata do fenômeno do medo como uma recusa para abertura. O medo é um modo de disposição que possui o caráter de ameaça⁸³. No medo tem algo de seguro, pois se conhece o objeto do medo. O medo paralisa, fascina e se é absorvido pelo objeto temido em esquecimento de si mesmo. Ao contrário da estranheza provocada pela angústia, no medo se está familiarizado com o objeto, que protege, dá conforto e segurança. Pode-se também nomeá-lo, dizê-lo, compartilhá-lo. K., para não sentir a angústia, em fuga, se abriga no medo. K enuncia o medo: “(...) Tenho medo de mudar a minha vida” e acrescenta: “(...) Na última sessão sai daqui frustrada por ver que não estou fazendo nada. Tenho medo de avião, tenho medo que meus pais morram, meus filhos, tenho medo da morte. Enquanto eu ’tiver nessa não vou seguir um caminho. Minha cabeça se divide em duas partes, ora sobe, ora desce, está em constante desequilíbrio. Tenho que definir meu objeto, mas, quando eu sei que tenho que dar o passo, vem o sintoma e eu recuo”.

K. encontra-se assustada diante do medo da morte. O eu, sentindo-se ameaçado de ser tomado por estes afetos a impede de mover-se. O medo a estremece. Ao mobilizar-se para buscar o que deseja, definir seu objeto, recua pelo medo e é tomada pelos sintomas de mãos

⁸³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcanti Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. §39. p.199 a 202.

frias, palpitação cardíaca. K. declara a falta do objeto, de sentido. K. está adormecida e paralisada diante do compromisso em modificar a realidade para o qual tende a destinar-se. Há uma recusa em direcionar a si mesma de tomar decisões que a tirem deste contemplar, em uma espera, sem direção e sentido. O sofrimento de K. é aparente, pois há negação do sentir, distanciando-se, contudo, do que seria premente, o eu que sente. A falta de reação imprime no corpo (*Körper*) sentido sendo, pois, tomada pelos afetos constelados, traduzidos pelos sintomas. Conforme Martins: “O sintoma vem como uma irrupção no silêncio do meu corpo, do meu sentir e do meu mover-se no mundo. Irrompe também na consciência, que se vê tomada como por lava quente em geleira perene: o sintoma corrói e afunda o pensar racional em água e vapor inútil”⁸⁴.

Evidenciamos por meio dos enunciados metafóricos, portanto, que os sintomas que se apresentam são ameaçadores, provocando, no paciente, um sentimento de inquietude, de aflição, dor e sofrimento. Estes enunciados são expressões das experiências vívidas do sentir afetado, no corpo próprio (*Leib*). As emoções são suscitadas, valoradas pelas expressões do corpo (*Körper*): pela intensidade e tonalidade da voz, por gestos, expressão fisionômica, pelo choro, pelo silêncio.

Esta composição harmônica em uma sonoridade do enunciado metafórico em sintonia com as expressões do corpo (*Körper*), como os gestos, dão o exórdio do discurso. De modo que, como clínicos, é preciso que compreendamos esta composição harmônica para que se interprete de modo a dar clareza ao que intenciona desvelar o paciente. Vejamos o enunciado da paciente M. A paciente M. está em um processo de separação e tomado por um corpo próprio (*Leib*) em angústia. A paciente M. enuncia: “(...) Sinto um nó na alma.” E, ao dizer, com o gesto, eleva a mão à região cardíaca e chora. O dizer associado ao gesto de elevar a mão ao coração e chorar, nos fornecem significações compreensivas do sentir afetado do paciente. Portanto, há um entrelaçamento do dizer com o gesto de elevar a mão ao coração, fazendo referência ao eu e a significação ao que aperta, a dor, ao sofrimento, ab-reagindo em choro. Ocorre que a distância entre intenção e gesto conflui num único ato que ao mesmo tempo eleva, dando significação ao que intenciona dizer o paciente. O dizer está carregado de sentido, sentido em um sentir afetado, na qual referencia ao que sucede. As emoções

⁸⁴ MARTINS, Francisco. *Ensaio Acerca dos Sintomas Simbólicos*. Brasília: Ed. UNB, 2009. No prelo.

suscitadas tornam-se animadas, vivas, eclodem do pensamento ao ato em um permanente mover-se.

Ao descrever, substancialmente, o seu sentir, “*sinto*”, a paciente desvela o modo de estar afetada, valorando de modo a substanciar o sentido do seu sentir com base em sua expressão fisionômica, entristecida, e no tom de sua voz, embargada, levando-a ao choro. Ao elevar a mão ao coração, a paciente faz referência ao seu eu, a si mesma, intencionando dar significação pela expressão viva do corpo próprio (*Leib*) em sofrimento. O nó é o que aperta, estrangula, comprime, impede o fluir, relacionado ao seu momento existencial em um sentir-se impedida, podendo paralisar ou, em um ato pulsional, mover-se em toda e qualquer direção e sentido, face ao sofrimento. O enunciado denota sofrimento e o corpo (*Leib*), tomado por angústia, ab-reagindo em um choro, conseqüentemente aliviando a carga tensional contida. A coerência do dizer entrelaçado a toda e qualquer expressão do corpo próprio (*Leib*) são importantes para que interpretemos os enunciados metafóricos, dando significação ao que intenciona dizer o paciente. Os enunciados metafóricos são fundamentais, pois se originam na experiência vivida, expressando o sentir afetado em que está contido no corpo próprio (*Leib*) do paciente.

Os enunciados metafóricos, ainda, na clínica, favorecem reflexões para compreensão acerca do paciente e do mundo no qual é jogador participante. Nosso dito e nossa expressão do corpo (*Körper*) se harmonizam, portanto, confluindo nossos atos intencionais e os nossos gestos em uma composição e, assim, dando significação à nosso pensar, ao nosso sentir, ao nosso existir. Na modulação de tons e semitons, nas pausas e compassos há uma vibração que faz mover, animando e fazendo da obra uma obra viva.

Podemos interpretar face aos enunciados metafóricos das pacientes C. K. e M que estes expressam o sentir do corpo afetado por angústia. Os enunciados de C. dizem de um corpo (*Körper*) paralisado, na qual há impedimento. Esta paralisção dada pelo impedimento para o mover-se orienta na direção e sentido em que C. tende a mover-se a um estado depressivo melancólico. A paciente K. para não sentir o que sente, a estranheza do sentir aflito em que o corpo próprio (*Leib*) experimenta quando tomado por angústia, em fuga, refugia-se no medo com sensações aflitivas, de tormento e de ansiedade. K. tende a mover-se na direção e sentido em um estado de depressão ansiosa, com sintomas do pânico. A paciente M. tomada pelo sofrimento da angústia perde-se sem saber a direção e o sentido para o mover-se com tendência ao estado de depressão ansiosa, em um ir e vir, subir e descer com

sintomas no corpo (*Körper*). Vimos que os enunciados metafóricos como discursos breves reduzidos transportam sentido, possibilitando a interpretação.

Os enunciados metafóricos são fenômenos de linguagem que, ao serem ditos, manifestam a realidade efetiva de quem os enuncia em abertura para compreensão por meio da interpretação. A interpretação desvela a intencionalidade do eu em orientar quanto a direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-s do paciente. O enunciado metafórico transporta sentido, desvelando o que nele está oculto. Toda manifestação está remetida a um fenômeno. Certificamo-nos que o paciente ao partilhar a experiência vivida tem por intenção significar o modo em que o sentir do corpo próprio (*Leib*) está afetado, pois assim desvelam verdades dando sentido a fenômenos que se inscrevem no corpo (*Körper*).

O corpo (*Körper*) ocupa um espaço, que para Heidegger “não é alguma coisa, algum corpo material, mas o corpo como corpo é o meu. O “meu” é relacionado a mim mesmo. O corporar do corpo (*Leiben des Leibes*), que se determina a partir do modo do meu ser”⁸⁵. É essencial a compreensão da demarcação do corpo como “meu”, visto que o corporificar do corpo (*Leiben des Leibes*) torna vivo o sentir que mostra, deixando ver. Orientamo-nos por modalidades espaciais a partir do nosso corpo próprio (*Leib*). Situamo-nos em horizontalidade, que nos faz compreender que, quando falo eu, estou relacionando a mim mesmo como corpo (*Körper*), demarcando, contudo, os espaços que me circundam, podendo estar à esquerda, à direita, em cima, embaixo, à frente, atrás. No mover-se na horizontalidade pode se dá na ação dos verbos ir e vir. Na verticalidade, na ação dos verbos subir e descer. E na espacialidade o que se coloca à frente é o que se mostra, é o que os nossos olhos alcançam que formam a paisagem. O que está atrás é o que os nossos olhos não alcançam, por isso, algo que se esconde. O que está à frente podemos compreender o porvir. O que está atrás nos faz compreender pela significação de algo passado, uma ação passada. Com essas concepções apreendidas ao sermos indagados na questão do *como vai você?* nos posicionamos de modo a darmos orientação de direção e de sentido ao nosso mover na existência, desvelando, contudo, o nosso estado de humor.

⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. Trad. Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. 3. Ed. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Universitária São Francisco e ABD. 2006. p. 123.

2. O eu, as direções e os sentidos na questão: *Como vai você?*.

Diz o poeta Fernando Pessoa (1888 – 1935)⁸⁶: Qualquer caminho leva a toda a parte.

Qualquer caminho leva a toda a parte
 Qualquer caminho
 Em qualquer ponto seu em dois se parte
 E um leva a onde indica a estrada
 Outro é sozinho
 Uma leva ao fim da mera estrada. Pára
 Onde acabou
 Outra é a abstracta margem
 ...
 No inútil desfilar de sensações
 Chamado a vida.
 No cambaleiar coerente de visões
 Do (...)
 Ah! Os caminhos estão todos em mim
 Qualquer distância ou direcção, ou fim
 Pertencem-me sou eu. O resto é a parte
 De mim que chamo mundo exterior.
 Mas o caminho Deus eis se biparte
 Em que eu sou e o alheio a mim (...)

A questão do *Como vai você*, segundo Martins, coloca todos nós face ao destino que se aproxima, pois a questão envia a pessoa para a situação que se encontra no caminho da vida, de modo a declarar o seu estado⁸⁷. A questão: *Como vai você?* conduz a um olhar sobre nós mesmos ao sermos indagados. Trazemos à memória a experiência vivida, atualizando-a em uma percepção de como nos sentimos. Ao colocarmo-nos em reflexão o olhar é referenciado ao eu, no modo de como o eu se encontra afetado pelo sentir do corpo próprio (*Leib*). Deste olhar reflexivo aponta para uma meta, um além, frente, atrás, acima, embaixo que diz do estado de ânimo, do humor, para onde tende o mover-se no caminho da vida. Somos seres constituídos no devir da existência. A vida é expressa de muitas maneiras, possibilitando-nos interpretá-la, compreendê-la. É no partilhar das experiências vividas que podemos ter acesso às marcas que são impressas como manifestação dos fenômenos que mostram e orientam a direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se.

⁸⁶ PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1995.

⁸⁷ MARTINS, Francisco. *Psicopatologia I*. Prolegômenos. Belo Horizonte: PUCMINAS. 2005. p.30.

A pergunta, portanto, do *como vai você* é orientadora do caminho: *Como vai?* Enuncia a paciente: “(...) Eu estou mais ou menos, estou desesperada.” O estar mais ou menos, significa dizer que ora sente-se bem, ora mal, oscila, portanto, o humor. O estar “*bem*” implica em um sentido de algo em cima, saudável, alegre, enquanto o estar “*mal*”, o sentido de algo embaixo, doente, triste, com sensações desagradáveis, em um ir “*mais*” e vir “*menos*”. O estar mais ou menos, aponta para diversas direções. Significa dizer que o humor da paciente está oscilando, provocando um estado de ansiedade, o que a faz ser tomada pelo desespero, levando-a em todas as direções de sentido.

Diz a paciente: “(...) Como estou? Eu estou chata, eu estou pesada.” O sentir-se pesada, carregada de afetos que a faz com que a paciente se sinta chata, com humor alterado. A palavra pesada dá significação de que está em queda tendendo a mover-se para um estado depressivo, com esforço.

Enuncia a paciente metaforicamente: “(...) Como estou? Estou inerte, o ânimo está adormecido. Preciso de algo que movimente. Acho que estou em crise existencial.” A paciente está inerte, imóvel, entorpecida, entediada, com o ânimo adormecido. O ânimo é seiva, entusiasmo, que dá vida e que faz mover o corpo (*Körper*), que, ao colocar-se em pé, *Antropos*, caminha em um sentido de direção que não se trata somente no sentido físico, de onde para onde, mas de um caminhar com vida animada, impulso vital. Neste enunciado há também expressão do desejo ao dizer que precisa de algo que a movimente que a tire do lugar, que a faça mover-se. A vontade, o querer da paciente, portanto, não é suficiente para fazer em ato o movimento. Permanecer entediada a destina à inércia, em um adormecer para viver em sono profundo. É necessária intervenção e reorientação terapêutica de modo a refletir a necessidade em reelaborar para que decida querer mudar o destino e, assim, reorientar a direção e o sentido para viver em um corpo pulsionado a automover-se, construindo seu modo de ser.

Nossos pacientes anseiam partilhar as suas experiências vividas, os seus mundos, o seu eu, os seus ditos e não ditos, de modo a compreenderem a si mesmos, dando significação à experiência vivida, tornando desta maneira o seu viver com sentido. Nossos sentidos são expressivos, nossos olhares são reveladores, assim como nossos silêncios. No encontro, podemos saber o outro por meio dos sentidos em um sentir empático em que, por meio da expressão do olhar, pela postura corporal, pelos gestos, pelo tom e intensidade de voz, diz como se sente, orientando quanto à direção e o sentido para o mover-se. Certifica Lakoff e

Johnson, que os nossos estados de humor estão condizentes com a nossa postura corporal, fisionômica⁸⁸.

As orientações na direção e no sentido têm como base as nossas experiências vividas do corpo próprio (*Leib*) em orientação espacial. Ao dizer eu, o paciente referencia ao si mesmo descrevendo o modo de como se encontra nos estados psíquico-físico, como percebe a si mesmo, em um olhar perceptivo presente. Mas que este sentir emerge em base às experiências vividas que suscitam emoções e conseqüentemente elevam o sentir em afeto de modo a descrever o seu estado em um mover-se nas direções e sentido: ir-vir, que compreende horizontalidade; subir e descer, que compreende a verticalidade, e o mostrar e esconder, que compreende o olhar sob si mesmo naquilo que vê e no que esconde.

A ação do verbo ir bem como do verbo sentir são orientadoras do modo de como se encontra o paciente. Podemos, ainda, questionar: *Como se sente?* A paciente enuncia: “(...) Eu já me senti de todas as formas, bem, mal, mais ou menos.” O mover-se se dá nas direções de sentido para subir significado pela palavra “bem”, da direção e do sentido para descer, mal. Na cultura ocidental a visão de mundo se fundamenta na divisão entre o que está em cima e o que está embaixo. Considerando, portanto, tudo que está em cima como, as coisas superiores, o que é bom, o que está bem e tudo que está embaixo como as coisas inferiores, o que é mau, o que está mal. E ainda podemos estar mais ou menos, em que o mover-se está entre o ir e o vir. *Como vai?* “(...) ’Tô levando a pulso”, este enunciado diz do estar impulsionada como força a um ir e vir, destituída do querer, mas levada pelo que impulsiona e exige como obrigação o mover-se face ao dever moral.

Destacamos que os enunciados aos quais respondem à questão do *como vai você* orientam na direção e sentido, para o qual tende o mover-se do paciente. A seguir damos continuidade à pesquisa com especificações dos enunciados nas direções esquerda e direita, no sentido para o mover-se em horizontalidade na ação dos verbos do ir e do vir. Em seguida, demonstramos a verticalidade nas direções de em cima e embaixo, no sentido do subir e do descer. E por último, discorreremos das direções do que está à frente e do que está atrás que compreendem o mover-se na ação dos verbos mostrar e esconder, que compreendem o sentir

⁸⁸ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. As faces da lingüística aplicada. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 22.

sob a perspectiva do olhar. Estes enunciados, segundo Lakoff e Johnson são classificados como metáforas orientacionais.

3. As disposições fenomenológicas para o mover-se nas direções e sentido:

3.1. Esquerda-direita em um mover-se para o ir e o vir.

A paciente J. enuncia: “(...) A vida é efêmera, seja lá o que isso queira dizer.” e significa: “(...) É tanta coisa que acontece em vinte e quatro horas que não tem como dizer se você é triste ou feliz. Nas vinte e quatro horas, você é feliz e triste várias vezes.” Desta maneira se dá o mover-se da vida. Entre idas e vindas, entre o estar feliz e o estar triste, entre o vazio e o pleno. Entre a certeza do caminho e a dúvida, entre o encontrar-se e o sentir-se perdido. Entre o subir e o descer, entre o mostrar e o esconder. Movemo-nos na diversidade na qual experienciamos a vida por meio do sentir, marcado por sensações, afetando nossos corpos em um sentir singular, próprio, que nos faz sentirmo-nos ser existentes. Diz a poeta Cecília Meireles (1901 – 1964)⁸⁹: Canção da tarde do campo.

Caminho do campo verde
Estrada depois de estrada.
Cercas de flores, palmeiras,
Serra azul, água calada.

Eu ando sozinha
no meio do vale.
Mas a tarde é minha.

Meus pés vão pisando a terra
Que é a imagem da minha vida:
Tão vazia, mas tão bela,
tão certa, mas tão perdida!

Eu ando sozinha
por cima de pedras
Mas a flor é minha.

Os meus passos no caminho
são como os passos da lua;

⁸⁹ MEIRELES, Cecília. *Canção da tarde no campo*. 2. ed. São Paulo: Global, 2002.

vou chegando, vai fugindo,
Minha alma é a sombra da tua

Eu ando sozinha
por dentro de bosques
Mas a fonte é minha.

De tanto olhar para longe,
Não vejo o que passa perto.
Subo monte, desço monte,
Meu peito é puro deserto.

Eu ando sozinha
ao longo da noite,
Mas a estrela é minha.

Na Canção da Tarde do Campo, Cecília Meireles faz referência ao eu no caminho do campo verde, na estrada da vida. O caminho na qual a poeta metaforiza é o seu experienciar vívido de um eu que sente o seu mover solitário, por meio de vale, por cima de pedras, por dentro de bosques, ao longo da noite. Seus pés pisam a terra, movendo-se em elevação, ao sublime, ao belo e ao mais profundo dos abismos, o vazio. Sobe monte, desce monte em um sentir no peito de puro deserto. O sentir no peito é puro deserto, vazio, sem objeto. Seus passos no caminho mostram e escondem. Ora é tão certa, ora tão perdida que, como passos da lua, vai chegando, vai fugindo. De tanto olhar para longe não vê o que passa perto. Em um mover-se nas direções do ir e do vir, entre o que se projeta, o futuro e o que a faz lembrar o passado, a poeta não vê o que passa perto, isto é, não se apercebe do que se faz presente. O caminho da poeta é solitário, silencioso, mas a tarde, a flor, a fonte, a estrela são suas. Os entes existentes no mundo a ela lhe pertencem em um eu que manifesta a si mesmo ao perceber, ao lembrar, ao imaginar, ao empatizar. A essência da vivência metafórica da poeta deixa de ser própria e torna-se universal.

A primeira referência que podemos identificar como legítima, na clínica, é ao eu quando, no dito do paciente, este referencia a si mesmo. Podemos perceber que a metáfora é um recurso de linguagem do poeta, do paciente e de todos nós no exercício da vida cotidiana. O enunciado metafórico nos possibilita darmos significação ao nosso sentir desvelando a intencionalidade do eu. A diferença é que na arte, a metáfora é intencional enquanto que na clínica ela surge pela falta de significante de modo a expressar a experiência vívida no sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) do paciente.

O eu trata da questão do ser, do ser situacional, do ser enquanto experiência vivida, o ser na realidade, o ser existencial, o ser histórico. O termo eu, pronome pessoal, segundo Sokolowski opera sob três pontos:

Primeiro, o enunciado se refere ao eu, distinguindo-a como o ser que fala. Segundo, o eu a que a se refere que é a si mesma, a representa como o a gente de verdade deste enunciado. Em terceiro, a representa como o a gente de verdade para a declaração particular que se segue.⁹⁰

O paciente ao dizer eu está direcionando a si mesmo como responsável pela enunciação, e pela verdade que expressa. A verdade declarada na particularidade da experiência vivida, do sentir afetado, se realiza efetivamente no corpo próprio (*Leib*). O eu em meio à intensidade das experiências vividas, expressa as qualidades sentidas sobre as coisas ou sobre as pessoas, desvelando, ao mesmo tempo, como se vê intimamente afetado. O afeto está relacionado a afetar como possibilidade eventual de prejuízo ou estrago. O eu, em desorientação pode perder o controle sobre suas ações em um mover-se em direções e sentido que cometa lapso e perturbe a memória. O eu, ao perder a condição de ser senhor de si, da liberdade do querer, é tomado pela complexidade dos afetos impondo, assim, o destino. Trazer à memória as experiências vividas incita reflexões, de modo a serem interpretadas, em uma composição lógica racional. Evidenciamos que os enunciados metafóricos são vivificados, o que produz sentido no contexto do paciente. A interpretação dos enunciados metafóricos promove reflexões perceptivas, de modo que descortina para o paciente, novos horizontes e reorienta quanto ao destino que se apresenta, prestes a se cumprir.

Como vimos os enunciados metafóricos que conceituam a vida como esforço são significativas na compreensão das metáforas orientacionais. Pois estas demonstram o sentido do mover-se em ir e vir na tentativa do corpo próprio (*Leib*) manter-se soerguido. Verificamos que é expresso uma exaustão do corpo (*Körper*) denunciado pelos sintomas.

O mover-se do ir e vir faz-se, também, no pensamento. No enunciado: “(...) Eu sinto uma agonia, coração disparado, cabeça imagina coisas negativas, tremor.” O eu a que a paciente referencia é a si mesma em que o corpo próprio (*Leib*) padece em agonia, com o coração disparado, imaginações e tremores. A paciente ao imaginar coisas, permanece entre o ir e o vir da imaginação à realidade. No trabalho clínico, faz-se também em um mover-se da ação entre o ir e o vir, pois ao partilhar a experiência vivida, o paciente rememora. Ao

⁹⁰ SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 129.

significar o seu sentir, tem percepções. E, ainda, por meio da imaginação quer no mundo imaginado ou no mundo antecipado o paciente, expressa o seu desejo no devir. Portanto, o paciente, perpassa por tempos; passado, presente e futuro.

3.2. Em cima-embaixo em um mover-se para o subir e o descer.

Ressaltamos que nos enunciados metafóricos que remetem à sensação de queda, de descida, há um componente da angústia com direção para o estado da depressão. Do latim, *Dēprēssūs*, ã, ùm, *part. p.* de *Deprimo*. Abaixado, deprimido, baixo. *Depressus in terram (animus)*. CIC. (Alma) atirada sobre a terra. Abatido, enfraquecido, debilitado, perdido, arruinado⁹¹. Na depressão melancólica se está abatido, enfraquecido, debilitado, perdido, em um estado de ânimo entristecido, impedido de agir, esvaziada de sentido, em uma atitude de recolhimento, em recusa para o mover-se em um corpo (*Körper*) sem vitalidade, em dor e sofrimento. Há uma destituição da vontade impedindo o livre fluir do caminhar da vida. Melancolia do grego μελαγχολία melangholia, de μέλας melas, “negro” – *kholé cholé*, “bílis”.

A melancolia se apresenta nos escritos de Hipócrates de Cós (460 – 377 a.C), em que é definida como um estado de tristeza e medo de longa duração. A melancolia aparece em Hipócrates diferenciada em endógena – aquela que aparece sem motivo aparente – e exógena, surge como resultado de um trauma externo. É através da teoria dos “humores” Hipócrates explica a melancolia. O temperamento dependia do equilíbrio de quatro humores básicos do corpo: o sangue, a linfa, a bile amarela e a bile negra, a que correspondiam os quatro temperamentos, sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. A melancolia é a doença típica do mundo ocidental. A síndrome típica é descrita pela presença de uma tristeza irremediável, acompanhada de intensa dor moral. Essa tristeza é acompanhada de modificações nas sensações, no sentir fundamental. A imagem de hemorragia e de esvaziamento pulsional, impedindo o ir e vir e o subir e descer é a grande agrura. É uma tristeza vital, onde o caráter de falta de fluência no tempo e no espaço faz sua marca

⁹¹ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p 358.

característica. Na melancolia há uma recusa para o mover-se. O mover-se está esvaziado de sentido, que submete o corpo próprio (*Leib*) a um estado de declínio, paralisação, um total desleixo, um abandono para com o corpo (*Körper*), o que leva ao estado da *putrefatio* de desta ao estado de *mortificatio*.

Retomemos os enunciados metafóricos da paciente C. de modo a verificarmos a orientação do caminho para o qual tendia o mover-se de C.. C. enuncia: “(...) Me deram o diagnóstico de depressão, tomo medicação há dez anos, mas nunca me senti depressiva, nunca deixei de fazer as coisas, só sentia tristeza por não saber qual o caminho a seguir, eu só buscava uma saída.” A paciente C. esteve por dez anos em um mover-se no sentido de ir e vir, em uma busca para encontrar-se no caminho da vida. O fio condutor de C. foi perdido, que entristecida por não saber a direção e o sentido foi tomada pelos sintomas da depressão em uma ausência da vontade para mover-se em realização de algo que desse sentido, significação para o seu existir. O fazer ao qual C. referencia no enunciado é um fazer automatizado, em um cotidiano em que exerce o dever como obrigação de algo e não um dever a partir da necessidade em se constituir *per se*. C. encontrava-se em um dédalo. No dédalo, a angústia está na tentativa de encontrar a saída, pois o dédalo tem caminhos alternativos, nos quais podemos nos encontrar perdidos, sem rumo, sem caminho, sem meta, sem direção e sentido. Interpõe-se o impedimento na tentativa do eu em desespero, em um ir e vir, subir e descer, mostrar e esconder exposto à dificuldade de no percurso da vida, encontrar a saída.

Fica claro, portanto, por meio do enunciado metafórico que C. manteve-se paralisada por muitos anos, sentindo-se perdida e com o sentir esvaziado, C. foi entristecendo tendendo a um estado de melancolia como vimos no enunciado em que descreve o seu sentir paralisado com uma pedra em cima do seu coração e pela descrição do texto no partilhar do sonho do casebre abandonado em meio ao lamaçal. Pela dificuldade em encontrar sentido ao seu existir, C. foi sendo tomada pela inquietude da angústia e impedida para o automover-se por desconhecer a sua vontade, o seu querer. C., permaneceu, por dez anos, prisioneira em um dédalo. Na ausência de ter uma meta C. é tomada pelo estado de tristeza. C. encontrava-se na obscuridade, no caos sem saber a direção e sentido. C. tomada pela angústia deseja si mesma e coloca-se, com coragem, em um olhar sobre si mesma de modo a automover-se em um querer para refletir, elaborar e ressignificar o seu modo de ser no mundo.

Das observações da depressão melancólica à depressão ansiosa. Vejamos os enunciados metafóricos da paciente A. em que por meio da interpretação, podemos

evidenciar a pulsão a mover-se em descida, em queda com ansiedade. A paciente A. é uma mulher dedicada ao trabalho. A. sente-se pouco valorizada e vive sentimentos de angústia. Na angústia tendendo à depressão com ansiedade, o corpo próprio (*Leib*) está em agonia, inquieto, ansioso, aflito, com o eu em desespero pelo terrível sentimento de desprazer. A. enuncia metaforicamente vivificando as sensações de desespero em que o corpo próprio (*Leib*) está tomado por ansiedade. A. enuncia: “(...) Meu desespero é tão grande de estar aqui dentro que às vezes a minha sensação é de sair correndo e me atirar.” A. está com o corpo próprio (*Leib*) tomado por angústia, em inquietude, em sofrimento, em aflição, em tormento. A. está impulsionada a mover-se pelo desespero com tendência a uma destinação de queda. A sua pulsão é de atirar-se, lançar-se para aliviar o que sente. A. tende a uma depressão ansiosa em que o corpo (*Körper*) tomado pela aflição, pela ansiedade, padece na inquietude, marcada no corpo agonizante do eu em desespero em sentir o que sente.

Entre o inferus e o superus. Do latim Infērūs, ħ, ũm, inferus que está abaixo, colocado em baixo. *Superus* do latim, *Sŭpĕrŭs, ħ, ũm, superus*, que está em cima, de cima, da parte superior, alto⁹². Do subir e descer, do em cima e embaixo, do que ascende e do que descende são modalidades em que o corpo (*Körper*) está em relação ao espaço. O subir em um sentido de verticalização do corpo (*Körper*) pode ser, também, denunciador do orgulho e da concepção do ser humano, por ser capaz de sustentar-se diante da dor. A sensação de estar em cima não necessariamente condiz com o bem estar, mas pode estar relacionada ao enunciado metafórico da vida como esforço.

Tomemos o enunciado da paciente L. em que o seu mover-se está orientado para o sentido na ação do subir: “(...) Para mim é como se eu tivesse subido, subido, subido e cheguei lá em cima do morro e agora estou na sacada da casa, parada.” Para L. não há visão de paisagem para ser contemplada. Para L. é como se tivesse subido em um mover-se com significação de esforço. O corpo cansado, parado, envolto em uma experiência vazia, sem sentido, sem significação. Podemos evidenciar por meio dos enunciados metafóricos que o caminhar da vida para L. se dá pelo esforço, no exercício do dever, como obrigação. L. estabelece em si a conceituação da vida com sofrimento, com esforço. L. está destituída do

⁹² SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006. p. 604 e 1161.

sentido existencial, na paisagem não há nada a contemplar, o que a faz paralisar. Seu mover-se é infrutífero, sua busca, inalcançável, pois tem uma exigência descomedida e permanente para consigo mesma que se faz presente em um estado de ansiedade.

Observamos que a vida como esforço é muitas vezes uma forma propulsora de sustentação para que nos mantenhamos soerguidos diante das intempéries e do destino que se impõe. Na impossibilidade de subir, de se soerguer, esforça-se em um ir e vir, sempre com sensações de peso, tendendo a deixar-se sucumbir, pois a exigência está além da sua capacidade de sustentação, como vimos nos enunciados metafóricos estruturados no conceito: a vida é esforço. “(...) Tenho a sensação de estar carregando um peso terrível.” Portanto, carregar um peso é condição para o existir, que impregna o corpo próprio (*Leib*) para que padeça em sofrimento, escravizado em obrigatoriedade, em dever imperativo, moral, cumprindo-se a vida desta maneira até que o corpo (*Körper*), sucumbe aos sintomas produzidos na carne.

Enquanto para muitos a vida é introjetada para o mover-se com esforço, para outros, no entanto, o mover-se faz-se de maneira que, ao lidar com as adversidades faz destas um aprendizado e uma reflexão acerca da vida. Nas adversidades do existir, movemo-nos, entre o dia e a noite, o calor e o frio, a alegria e a tristeza, o claro e escuro, a luz e a sombra, o que faz do nosso cotidiano o exercício permanente de reflexão para que se processem em nossas escolhas a direção e o sentido de modo adequado e que produzam em nós um estado de bem estar. Ao nos depararmos com situações que nos exigem encontros, é natural a disposição para um estado de depressão, que podemos considerar como uma disposição afetiva devido à necessidade de recuo, de um vir, em direção a si mesmo, como preparação para o mover-se em direção a. Os arqueiros, ao lançarem as suas flechas, esticam o arco para manter o máximo de tensão no arco, para depois disparar a flecha. Não obstante, assim nos sucede. Para tomarmos decisões necessitamos de recuo para, depois, nos lançarmos em uma atitude de força para a ação ou, mesmo, quando temos que fazer encontros que nos exigem determinação e coragem. Portanto, o recolhimento em si mesmo, em um silenciar, é organizador da nossa condição de equilíbrio.

A paciente K. enuncia: “(...) Sou uma semente que está sem agressividade para abrir e germinar. Este movimento de subir e crescer está sendo muito difícil.” K. diz de um mover-se necessário para romper a casca para germinar. Que significa abertura para mostrar-se, expor-se. Este mover-se, que é próprio da natureza, como abertura para a vida, é esforço para K.. K.

está desolada, em um estado de percepção do ir e vir da vida, com um olhar ausente para si mesma. Este enunciado metafórico vivificado faz com que K. introjete em uma reflexão que em processamento germine, de modo a possibilitar a transformação do eu em uma nova significação, de modo a reelaborar o seu sentir semente e colocar-se em ato para que de semente se torne flor e de flor se torne fruto em seu modo de ser, pois, caso contrário, a semente secará pelo tédio de nada ter o que germinar. No entanto, notamos que algo está incômodo em K, visto que ascende em K. a ideia do desejo em fazer germinar a semente em abertura para que viva em si mesma.

Os enunciados metafóricos aparecem na psicoterapia como manifestação da realidade efetiva do paciente. Ao enunciar o paciente manifesta o seu sentir afetado, na experiência vívida, deixando-se ver, para que desvele, o que o eu intenciona dizer.

3.3. À frente-atrás em um mover-se para o mostrar e o esconder.

A paciente A. enuncia: “(...) Estou expurgando todas as neuras.” O corpo (*Körper*) de A. está tomado por angústia, na ânsia de dar um nova direção e sentido à sua vida. A. sente-se exposta por ter saído do cargo em que trabalhou durante doze anos em que nos últimos três sentiu-se oprimida, desvalorizada. A. está desnorteada, sem direção e sentido, sem rumo, sem caminho, sem saber o que fazer. A. está ansiosa na busca de uma saída para o que gera a sua dor, o seu sofrimento. A. está expurgando, expressando o seu sentir. *Expurgare* do latim *Ēxpūrgō, ās, ārē*, v. trans. Limpar, tirar, expurgar. PLIN . Curar. A. expurga, manifesta por meio dos enunciados metafóricos, de modo a mostrar a violência que foi submetida no trabalho. A. está com o corpo próprio (*Leib*) em sofrimento.

No enunciado metafórico A. diz: “(...) Me sinto como um cachorro amarrado a uma mesa.” A. está impedida, perdida, sem direção e sentido na vida. Da angústia ao eu em desespero, tomada por ansiedade. A. está em fúria, raivosa. “(...) Sinto-me como um cavalo selvagem: meu temperamento é diferente. A sensação é que eu estou com o arreo na mão para eu não afrontar as pessoas.” A. sente-se em agonia no ambiente de trabalho, seu desejo é dormir, assim, não sente o assombro da violência no trabalho: “(...) Quando chego ao trabalho tenho vontade de encostar e dormir. Estou sem paciência, fatigada de estar lá.” O chefe tirou-lhe as atribuições e disse-lhe que assim ficaria contida, que a faz significar com o seguinte enunciado metafórico: “(...) A. é uma bomba atômica, vamos conter porque, senão, vai explodir, tudo.” A. enuncia: “O cara está com um câncer e, ao invés de dar morfina, você dá

anador.” A. está com o corpo adoecido em um cancro que corrói e domina todo o corpo em dor. Segundo Dejours,

(...) logo que se começa a ter comportamentos estranhos ou agressivos, no contexto do trabalho, não se é somente isolado pelos outros, mas estigmatizado como um doente, o que desestabiliza a pessoa, fazendo-a duvidar da sua própria razão. Atingindo a sua identidade, clinicamente se encontra em um estado pré-mórbido, do qual ele tende a se defender somente através dos seus próprios meios⁹³.

A., com o corpo inquieto, sentindo-se isolada pelos colegas de trabalho, estigmatizada como agressiva, desestabilizada pelo sofrimento, enuncia: “(...) Sinto uma eterna necessidade de dar uma parada e pensar na vida. Porque sinto necessidade de afastar-me do problema.” A. está sob o domínio da violência. A. está em inquietude, em ansiedade. A. expurga, manifesta o seu sentir em uma eterna necessidade de dar uma parada para poder olhar sob um ângulo diferenciado e, assim, poder pensar a vida. O que se esconde, o que está obscuro não é necessariamente perda. O que não é visto pode estar sob proteção ou em processamento, na espera do momento para ser colocado à mostra.

O mostrar não é só o que os olhos vêem. O enunciado metafórico, quando interpretado, põe o fato diante dos olhos, nos faz ver em um mostrar fenomenológico, pois traz à luz, constituindo a verdade ontológica do ser que diz e que pronuncia o ser que sou. Diz a poeta Ana Agra⁹⁴: Do poético.

Procuo uma metáfora
Metáfora segura
(Armadura)
Onde possa esconder
de mim
O ser que sou.

Conforme a epígrafe, o eu lírico só se deixa ver mediante o esconder-se. A metáfora é uma proteção contra o desnudamento. Não se trata de uma máscara, mas de recursos de

⁹³ DEJOURS, Christophe. Violência e dominação. Tradução Jane Borrallho Gama, Francisco Martins. In: MARTINS, Francisco M. M. C.; ARAÚJO, José Newton Garcia de; SOUZA, Mériti de. *Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico*. [S.l.: s.n., 2010?]. p. 49-65. No prelo.

⁹⁴ AGRA, Ana Maria. *Poemas em dor maior*. Brasília: Thesaurus/ASEF. 1991. p 16.

linguagem utilizados para proteger, ou seja, só mostra aquilo que se esconde, tal qual nos atos falhos, ou mesmo nas metáforas utilizadas pelos pacientes. Na poesia, Do poético, a poeta só se deixa ver mediante o esconder-se. Mostra, neste poema, a sua verdade ontológica, o ser que é ao procurar uma metáfora segura (Armadura). Portanto, a metáfora e a armadura são os recursos utilizados pela poeta para dar ao mundo clareza do seu ser onde possa esconder de si mesma o que é. Segundo Sokolowski, qualquer verdade que se realiza está sempre circundada por ausência e obscuridade, por mistério, pois a coisa que conhecemos é sempre mais do que sabemos, a referência é sempre mais do que o sentido⁹⁵.

Segundo Ricoeur, como vimos o dizer pode tomar-se de dois modos diferentes: podemos significar o “quê” do discurso que é o seu “sentido”, ou o “acerca de que” que é a sua referência⁹⁶. A referência é dialética, se refere a quem fala, e a uma experiência, à realidade, ao mundo. Portanto, na clínica o enunciado do paciente está dotado de sentido e constituído de objeto, em intencionalidade na referência ao si mesmo. Ao enunciar, o paciente, vivifica a experiência, tornando-a vívida no corpo próprio (*Leib*). Ao vivificar o corpo é tomado pela sentir afetado que é valorado pelos gestos, tonalidade e intensidade da voz, enunciando a sua verdade, na forma perceptiva do ser que é.

A composição harmônica do enunciado com a expressão do corpo (*Körper*), mostra a intencionalidade do eu. Ocorre que como clínicos, estando atentos às expressões do paciente verificamos que em certos enunciados esta composição não conflui em um único ato, sendo, pois denunciadoras para que interpretemos. No enunciado da paciente J. diz: “(...) Eu tendo à desistência quando sinto angústia. Eu me fecho, eu me guardo, eu fico com uma TPM federal.” Federal do latim [*foederale*] relativo ou pertencente a federação; muito grande ou intenso; incomum⁹⁷. Observamos que o enunciado em que J. diz sentir angústia não é compatível com os gestos e a tonalidade e intensidade da voz enunciada e com a significação do sentido de uma TPM federal. Portanto, ao apreendermos podemos perceber que os

⁹⁵ SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 187.

⁹⁶ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2009 p. 34.

⁹⁷ FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 618.

enunciados metafóricos podem suscitar emoções que são contrárias ao pensamento expresso, pois os enunciados por transportarem sentido carregam o modo afetado do sentir e se mostram o que está oculto para que sejam desvelados dando clareza à intencionalidade do eu. Vemos que neste enunciado as emoções suscitadas em J. são expressivas da raiva.

J. traz a experiência vívida em um corpo afetado pela raiva que, ao falar, faz referência ao seu sentir afetado, identificando seu modo de reagir quando tomada pela raiva J. diz que o seu mover-se se dá em um modo de fechar-se, de esconder-se, enclausurar-se, que a faz ab-reagir em choro por ter que conter o seu sentir, confirmando que o esconder-se é tão real quanto o mostrar-se. Nos enunciados expressos por J. é observável que, ao valorar as emoções, o seu sentir afetado, J. dá um tom significativo de humor, que faz os seus enunciados metafóricos se pautarem na ironia fina. Assim, podendo rir de si mesma, J. diz que nos momentos de muita pressão, quando o dever se impõe ao seu querer, ela toma para si os versos de Manuel Bandeira: Vou-me Embora pra Pasárgada. J. enuncia: “(...) Fui... Vou embora pra Pasárgada porque lá eu sou amiga do rei.” J. significa o ir pra Pasárgada: “(...) Vou para lá porque lá tenho o que quero, faço tudo o que quero.” “Pasárgada sou eu, onde faço o que eu sou, onde eu sou eu mesma. É o meu querer que prevalece. Ninguém me manda fazer nada. Pasárgada é um lugar que você faz o que quer.”

Diz o poeta Manuel Bandeira (1886 – 1968)⁹⁸: Vou-me embora pra Pasárgada.

Vou me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

⁹⁸ BANDEIRA Manuel. *Bandeira a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Alimbramento, 1986. p. 90,

E como farei ginástica
 Andarei de bicicleta
 Montarei em burro brabo
 Subirei no pau-de-sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio
 Mando chamar a mãe d'água
 Pra me contar as históricas
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcalóide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Pra gente namorar

E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 - Lá sou amigo do rei -
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada.

J. diz que, para suportar as tensões da vida cotidiana, quando sob pressão, o seu desejo é de ir para Pasárgada porque lá ela não é só amiga, mas é o próprio rei. E enuncia: “(...) Em Pasárgada se tem o poder de querer. O rei lá não quer o poder moral, ele quer o poder para poder escolher.” Em Pasárgada, para a paciente, o verbo *páthico* do querer se sobrepõe ao poder, pois lá é senhora de si mesma, encontrando em si o sentido da liberdade.

Demonstramos que na existência se faz presente o desejo em poder querer, constituindo-se em si mesmo em um ir e vir, cedendo, perdendo, em um subir e descer, em estados de humor ora triste, ora alegre, em um mostrar-se e esconder, deixando ver por meio da palavra, do enunciado, do discurso, do texto, das expressões do corpo, dos tons e intensidade de voz, dos gestos, pelas expressões fisionômicas, pelo choro, pelo silêncio.

Apresentamos no capítulo seguinte um estudo de caso como instrumento de um percurso, no contexto da clínica, como apreciação da metáfora do caminho com a utilização de imagens pictóricas, contos, sonhos produzidos pela paciente N.

CAPÍTULO III

Um estudo de caso para apreciação da metáfora do caminho.

1. Explicitação do Caso

O caso clínico sobre o qual discorreremos é de uma paciente do sexo feminino, 44 anos, nível superior, casada e tem dois filhos, identificada por N. N., nasceu no interior do Nordeste, emigrou aos 10 anos para Brasília acompanhada pela família de três irmãs e um irmão. Retornou para a sua cidade natal três anos depois. Aos quatorze anos veio morar novamente em Brasília, desta vez sem os pais, onde fixou residência. Simpatiza com a religião espírita. N. iniciou o trabalho terapêutico há cinco anos. Apresentou como queixas: tristeza, nostalgia, acompanhada de sensações físicas de cansaço, insônia e dores no corpo (*Körper*). N. chegou ao consultório com o corpo próprio (*Leib*), alterado, em um sentir afetado por esvaziamento de sentido existencial, tendendo a um estado depressivo melancólico.

N. por iniciativa própria decide buscar ajuda terapêutica. Apresentava um estado de tristeza, ausência de sentido e sofrimento. N. passou por avaliações clínica e psiquiátrica com diagnóstico de distímia e neurológica de esclerose múltipla. Os sintomas foram: desfalecimento do corpo, tremor, visão dupla, paralisia facial, dedos da mão adormecidos e um estado de tristeza.

O Transtorno Distímico é caracterizado por um quadro de depressão crônica, porém menos grave que o transtorno depressivo maior. O sintoma essencial da distímia é o achado de depressão do humor, quase que diariamente, por um período de pelo menos dois anos, porém sem necessidade dos outros critérios de depressão maior. Comumente, os pacientes queixam-se também de distúrbios do apetite e do sono, bem como de baixa auto-estima.

A Esclerose Múltipla é uma doença do Sistema Nervoso Central, lentamente progressiva, que se caracteriza por placas disseminadas de desmielinização - perda da substância - mielina - que envolve os nervos - no crânio e medula espinhal, dando lugar a sintomas e sinais neurológicos sumamente variados e múltiplos, às vezes com remissões, outras com exacerbações, tornando o diagnóstico, o prognóstico e a eficiência dos medicamentos discutíveis.

Os sintomas apresentados que levaram ao diagnóstico de Esclerose Múltipla ocorreram em 1997, sendo: diplopia - visão dupla - paralisia facial do lado esquerdo, dedos da mão adormecidos. Dois anos após a este episódio, N. submeteu-se a uma série de exames clínicos, tendo sido, então, diagnosticado o que seria o primeiro surto da doença. No período do surto N. descreve estar passando por situação de estresse físico violento, pois passara por situações de dificuldade financeira, os filhos ainda em fase de crescimento, onze e nove anos de idade, exigindo acompanhamento escolar, o casamento em crise e finalizando o curso de graduação. Pelo vazio que se instalara N. mudara três anos antes, para São Paulo na tentativa de fazer algo diferente, de encontrar um caminho que desse sentido, pois se encontrava descontente com a vida. Esta experiência diz tê-la deixado para baixo, derrotada, com a sensação de ter perdido o jogo, pois tivera que retornar a Brasília sem emprego.

N. vem sendo acompanhada por profissionais na área neurológica. A partir do diagnóstico da doença, N. passou a ser acompanhada por neurologistas. Na época, o neurologista que a acompanhou concluiu que o caso de N. não necessitava de medicação, devido à ocorrência de apenas um surto no intervalo de quase três anos. Após cinco anos consecutivos de acompanhamento sem apresentar novos surtos e face aos resultados de exames neurológicos específicos que não acusaram alterações, o neurologista deliberou para acompanhá-la anualmente.

N. fez uso de medicação: do Zetron e Lexapro por alguns meses, não havendo adaptação. Submeteu-se a tratamento fitoterápico, do qual fez uso por alguns meses, tendo se adaptado. Deixou o tratamento psiquiátrico em agosto de 2008, após três anos de trabalho psicoterápico. As observações clínicas quanto à conduta de N., estão marcadas por relações afetivas estáveis; estrutura psicológica sensível; capacidade criativa, afetiva; bom nível mental com capacidade de reflexão e elaboração; comprometimento com o trabalho psicoterápico estando presente às sessões, comunicando e justificando as ausências.

A relação interlocutória paciente-psicoterapeuta está marcada por um bom *rapport*; apresenta disposição à escuta mantendo uma relação de diálogo com uma aliança de confiança; apresenta modo expressivo da fala, eloqüência, com segmento lógico dos pensamentos, permeando pelo passado, presente e futuro ao discorrer sobre a sua história; sua aparência física é de cuidado; apresenta motivação para compreensão e resolução dos problemas; o ato de chorar como forma ab-reativa foi frequente nos dois primeiros anos; expressava, ainda, sentimentos de estranheza e de medo. N. apresenta reflexões acerca da existência, com capacidade de observação, reflexão, elaboração e ressignificação.

O rememorar das experiências vividas estava carregado de tristeza, nostalgia, mortificação e sofrimento. N. expressava nostalgia do lugar de onde veio, seu desejo (*desiderio*) era de retornar para viver na cidade natal. Para N. ter-se separado dos pais aos quatorze anos foi doloroso, provocando tristeza com sensações de solidão. N. descreveu as lembranças dos tempos da infância, na qual ocorriam as brincadeiras infantis nas árvores do quintal da casa; descrevia o acometimento da dor e tristeza profunda às vezes que deixava a cidade natal e retornar para Brasília. Os ensinamentos religiosos introjetados a fizeram lembrar do quarto escuro, onde ficavam os santos, lugar de oração da avó; descreveu as tardes da pequena cidade, onde da sua casa podia avistar o cemitério. Os enterros passavam em frente à sua casa e, também, a procissão do Senhor Morto na Semana Santa. As introjeções dos valores religiosos advindos da avó materna e da mãe estão presentes de forma significativa fazendo parte da composição e estruturação psíquica de N. Contrária à vaidade sustentava-se, com certo orgulho, na modéstia. N. sentia-se identificada com o “sacrifício franciscano”.

N. se apresentava sintomática, desorganizada. N. estava constituída em um devir perturbado. N. sentia-se estranha, triste, melancólica, nostálgica, insatisfeita, com sensações físicas de que estava paralisada. N. estava engessada, fechada em relíquias de valores morais, sociais e religiosos que a faziam abandonar o fluxo da vida e ficar contida em um desejo (*desiderio*) de reaver o que havia perdido no passado. N. estava tomada por angústia.

Enuncia N.: “(...) Um novelo em que me deixo enredar.” O novelo é dédalo em que N. enredava-se e perdia-se em uma história passada que a fixava em desejo (*desiderio*) permanente de retornar ao lugar de onde veio. E, na tentativa em ter para si o fio condutor de algo que se perdeu, se deixa enredar, emaranhar, embaraçar, enlear em desordem, e se perde na direção e sentido do existir, o que gera a angústia com sintomas depressivos. De tempos

em tempos, ocorria uma melhora em uma esperança do vir a ser feliz. Mas o vir a ser estava constituído pela imaginação em buscar algo impregnado pelo passado que não se realizou. Fazendo, assim, que N. ao sair do dédalo, encontrava-se em outro dédalo, em uma atitude de repetição.

N. era tomada por um estado de tristeza. O sentir afetado das experiências vívidas do corpo próprio (*Leib*) eram intensificadas nos finais de tarde, dos finais de semana. Sentia dores no corpo e desânimo em direção e sentido para mover-se em queda, descida. N. esforçava-se para manter o corpo próprio (*Leib*) soerguido, resistindo às forças contrárias. No enunciado metafórico N. diz: “(...) Sinto como se tivesse nadando contra a maré.” Entre o ir e vir, o subir e descer move-se. N. estava contida em uma estruturação do conceito da vida como esforço.

O diagnóstico de esclerose múltipla deixou N. em uma atitude tomada pelo medo com idéias permanentes de um corpo adoecido. N. estava recolhida, inibida, amedrontada, assustada. N. estava em uma estrutura sensível, tomada pelo susto, pelo medo, em um corpo anestesiado, paralisado. A intervenção clínica, neste momento, foi significativa, pois reorientou N. para que valorasse, mediante a sua vontade, algo que imprimisse o seu potencial criativo, de modo a dar sentido à vida e, assim, sobrepondo o medo. Sugeri que N. desenvolvesse algo na arte da escrita ou da pintura.

N. revelou que a possibilidade de expressar pela arte estava ferida, em um sentir afetado, pelo fato da experiência vivida na escola. N. descreveu: “(...) Na escola, quando criança, aos 8 ou 9 anos, pintei um desenho de uma menina com um gatinho. Procurei caprichar, fazer do meu jeito, eu queria que ficasse diferente do comum, caprichei. A professora falou na frente de todos os colegas e me criticou: Vê se pode laranja com preto! não existe gato dessa cor! Olha a roupa dessa menina, como está sem graça! Pode pintar de novo.” “(...) Detalhe, eu amava minha professora, fiquei muito envergonhada dela e dos meus colegas, de ter decepcionado a ela. Na verdade me senti... Acho que foi o meu primeiro momento, na qual podou-se a minha criatividade, querendo dizer você não tem capacidade de fazer uma coisa nova.” Desde então, parou de desenhar gerando um sentimento de incapacidade e impedimento. Consciente do acontecimento que a fez paralisar frente a sua habilidade de expressão artística, N. foi incentivada no processo terapêutico a começar a significar por meio da sua habilidade na arte do desenho, da pintura. O caminho que N. encontra para projetar está desde a escolha da imagem a ser produzida, à escolha das cores,

bem como os símbolos que formam a totalidade da obra. A trajetória é expressiva pelos traços, de pinceladas, após pinceladas, sob luz e sombra, pois em cada mancha se interpõe a proximidade entre intenção e gesto.

Assim, sua primeira tela, finalizada em 2007, tem como título: “Ruínas de Pompéia”. A cidade de Pompéia, hoje, sítio arqueológico, próxima do vulcão Vesúvio, sul da Itália, o qual entrou em erupção no ano de 79 a.C., provocando um forte terremoto e expelindo grandes quantidades de pedras incandescentes, lava vulcânica, poeira e fumaça tóxica, petrificando corpos atingidos pela lavas vulcânicas.

2. Imagens pictóricas, contos e as interpretações.

Para Ricoeur a iconicidade significa a revelação de um real mais real do que a realidade comum. Para ele a iconicidade é a reescrita da realidade e que o pintor possui um alfabeto óptico, dominando um novo material alfabético, conseguindo escrever um novo texto da realidade⁹⁹. N. reescreve a sua realidade por meio das imagens pictóricas.

Produção Pictórica 1: Ruínas de Pompéia (2007)

⁹⁹ RICOEUR, Paul. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 61 e 62.



Assim, N. escreve por meio da pintura o seu texto, interpretando a sua obra, depois de três anos: “(...) Foi difícil o processo de escolha do que eu iria pintar. Este foi o primeiro quadro que eu fiz a partir da minha própria vontade. Peguei várias revistas, olhava e olhava e aquelas figuras não me diziam nada. As imagens não me estimularam, naquele momento, a vencer o medo de pintar e criar coragem para colocar alguma coisa na tela. Olhando, vi que tinha uma reportagem sobre Pompéia. Gosto da Itália e tudo que envolve a história italiana na arte, a história em si. Fiquei olhando a figura e, especificamente, esta de Pompéia me chamou a atenção. Daí eu já estava em um processo de que deveria escolher alguma coisa, eu tinha que escolher. Eu não escolhi pela composição que ela tinha, porque ela tinha uma árvore, ou isto ou aquilo, mas porque achei bacana poder pintar alguma coisa deste ambiente. O processo de pintar este quadro foi sofrido. não conseguia acabar, não conseguia sair dele, não conseguia concluir. Aprendi várias técnicas. Mas parecia que eu não conseguia... é como se não conseguisse sair desse quadro. Até que um dia eu dei um basta e disse: chega! Não vou mais mexer, eu acho que já cheguei aonde tinha de chegar, vou parar. Engraçado que olhando vejo que está cheio de erros, mas nenhuma... é como se eu não tenho vontade de mexer. Pode ficar assim, deixa assim. Parece longe de mim. Eu quero que ele fique assim para eu observar que este quadro, neste momento, foi o que eu consegui fazer também. A minha

limitação perante a técnica e, de alguma maneira, este é um ponto em que mostra como foi o meu aprendizado. Mais que isso eu não sei, mas até aqui eu já consigo fazer (risos). Me lembra as pessoas queridas, da convivência, e queridas até hoje, da delicadeza, das brincadeiras, da relação afetiva. E pensando no quadro em si, na figura, eu continuo gostando muito de saber que existe um lugar assim, como algo que conta a nossa história de vida, de humanidade, de nós mesmos, do que a gente é como é. A gente não caiu neste momento, a gente veio de toda uma história, a gente veio com toda uma história da Grécia. E assim, estudando a história da arte como eu estudei, tem muitas coisas interessantes, coisas ruins também, mas que ajudam a gente a se entender melhor. Eu gosto de saber que existe isso que está lá como uma amostra de que o ser humano produziu algo, fez algo. E que isso aparentemente não tem vida, mas fala tanto. Então é uma aparência de ausência de vida ilusória. Eu acho!”

Na imagem pictórica Ruínas de Pompéia, N. mostra entre as ruínas dois pilares que identificam as construções Greco- romanas. Ruínas são restos de construções de um tempo vivido, tem como significação queda, decadência, aniquilamento, destruição o que nos faz interpretar o esvaziamento do componente humano, evidenciando o estado depressivo melancólico de N.. À direita na obra há um templo sobreposto a outro templo. O templo é reflexo do mundo divino. *Tēmplūm*, do latim lugar de onde a vista descortinava ao redor¹⁰⁰. Em meio às ruínas interpõe-se a árvore que evoca a verticalidade, vida, natureza que de forma cíclica se despoja e tornam a recobrir-se de folhas. Entre o desfolhar e florescer, entre o ir e vir, N. desvela o seu sentir esvaziado que presa de assombro, cercou-se em ruínas que a impedem em manifestar, desvelar, mostrar seu sentir afetado por meio da arte, mas expressas por sintomas simbólicos.

N. enuncia: “(...) É difícil finalizar. Existem várias possibilidades...”. “Tem uma hora que tem que dar um basta.” Confrontamo-nos com a obra ao finalizá-la. A obra deixa de ser privada para tornar-se pública ao partilhá-la. A obra, então, por-se-á sob o olhar do intérprete que a torna viva. Para Gadamer,

o círculo hermenêutico é um círculo rico em conteúdo que reúne o intérprete e seu texto numa unidade interior a uma totalidade em movimento. Para ele,

¹⁰⁰ SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Garnier, 2006. p. 1187.

todo encontro significa a “suspensão” de preconceitos, seja o encontro com uma pessoa com quem aprendo a minha natureza e meus limites, seja com uma obra de arte, ou com um texto.¹⁰¹

Na clínica, colocamo-nos em abertura para a interpretação do que é transmitido pela palavra, na semântica da frase, no enunciado metafórico, no discurso, no contexto histórico do paciente, bem como as suas expressões gestuais, o tom e intensidade da voz, fisionomia, sintomas simbólicos etc. Fica claro que a produção pictórica de N. corrobora para que contextualizemos a direção e o sentido ao qual tende o automover-se e o mover-se de N.. Podemos compreender que a dificuldade em finalizar a sua expressão da imagem pictórica, Ruínas de Pompéia, está na exigência da perfeição que N. tem para consigo. Estas exigências a impedem para mover-se em uma direção e sentido, de modo a realizar o seu potencial criativo. N. tem medo, medo de ser criticada e, assim, não defende a sua causa, que é o seu modo de ser, de expressar: “(...) Uma das coisas que muito me impediu (*sic*) para expressar a arte é o medo de me expor. Expor as minhas limitações. Como uma necessidade de ser perfeita. Penso que não domino a técnica de luz e sombra, a composição. Eu preciso compreender que eu não sou perfeita. Não tinha isso racionalmente. Eu vejo que o meu medo é de me expor neste sentido. A crítica a tomo para mim, me sinto ferida. Esta questão de me sentir ferida toca em algum ponto que já está ferido. A outra questão que me dói é eu não reagir às críticas, as tomo para mim, não reajo, não consigo me expressar. Me dói não conseguir me expressar.”

Recuando diante da incerteza, no reconhecimento de si N., move-se em um ir e vir com o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) em menos valia: “(...) Me sinto intimidada a ponto de me sentir burra e recuo.” N. tem dúvidas do seu potencial criativo, deixando-se ofuscar, o que a faz esconder-se: “(...) A pessoa brilha tanto que você se ofusca.” E assim, contendo o seu mover-se em uma direção e sentido que a faça se sentir plena, N. esconde-se e paralisa: “(...) Como eu não tenho certeza eu faço um boicote comigo mesma e não reajo, e não reagir me reafirma que eu não sou mesmo capaz.” Tendendo a mover-se em um permanente subir e descer: “(...) Acho que o meu valor próprio ainda está muito insipiente.

¹⁰¹ GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*. Trad. Paulo Cesar Duque Estrada. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 14.

Ainda preciso do reconhecimento do outro.” Observamos que na angústia aparece, também, o componente da ansiedade, pois o mover-se se dá em várias direções e sentido.

N. rememora o lugar de onde veio durante os três primeiros anos de trabalho psicoterapêutico, de modo intenso, em um sentir afetado nostálgico, de sofrimento. A nostalgia é melancolia produzida no exilado pelas saudades da pátria. O desejo (*desiderio*) de algo que se perdeu e se faz presente, vívido, em um olhar permanente de volta a algo que já há muito ficou para trás, mas que jamais fora esquecido. Proclama o poeta Casimiro de Abreu (1839 – 1860)¹⁰².

Meus oito anos

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despertar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - largo sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d’estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã.
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

¹⁰² ABREU, Casimiro de . *As primaveras*. São Paulo: Livraria Editora Marins S/A, 1972.

Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 De camisa aberto ao peito,
 - Pés descalços, braços nus –
 Correndo pelas campinas
 À roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo,
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!

Oh! Que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 -Que amor, que sonhos que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras
 Debaixo dos laranjais!

N. está com o sentir afetado, pois sofre em ter perdido a tenra infância à sombra dos das árvores e do quintal repleto de hibiscos e flores. Em que despontava o horizonte em um céu azul e um quintal à sombra das mangueiras, onde brincava. Era freqüente o enunciado em que N. expressava o seu sofrimento de algo perdido: “(...) Eu ainda sofro muito por ter deixado a minha terra.” Regressar significa voltar ao que é familiar, ao lugar seguro, que implica em economizar a sua energia pulsional, mantendo-a, assim, em um estado regredido. O desejo (*desiderio*) de algo perdido enraíza-se em N de maneira que N. revive uma saudade permanente desse lugar. A nostalgia é expressa na produção pictórica: “O Refúgio”.

Produção Pictórica 2 : O refúgio (2007)



N. relata a sua interpretação e assim traduz em texto: “(...) Eu já tinha essa figura e achava mais linda esta paisagem. Eu olhava e pensava um dia eu quero morar no lugar assim, achava lindo. É curioso! Uma das coisas que eu não atentei, de jeito nenhum na época. Hoje quando bato o olho é a primeira coisa que eu vejo: que a porta e a janela estão fechadas. É um lugar lindo, mas é como não existisse ninguém aqui, não vivesse ninguém aqui. Como se fosse um lugar abandonado, ausência de vida. Foi um processo difícil de confecção por falta da técnica. Mas eu me lembro que teve uma parte especial que me deu muito prazer que foram as flores em volta da casinha. Fazendo as flores surgirem e a rede na varanda. Esta rede me dá a sensação de contemplação e entrosamento com esse ambiente todo aqui. A rede na varanda fora da casa. Por isso que me chama atenção estas portas e janelas fechadas. Dá uma sensação de ermitão, isolada. Eu não sou mais esta casa fechada. Posso continuar sendo ela, mas com o vento correndo nas portas, janela, balançando as cortinas, balançando as flores, sentido o cheiro que vem de fora também. É isso!”.

Na obra “O refúgio” N. expressa a casa isolada no campo, fechada, na qual mostra que no momento da sua expressão o estado em que se encontrava era de nostalgia, de angústia em

um estado de depressão melancólica. N. estava com o sentir afetado com sensações de abandono, de isolamento, de paralisação, em um eu solitário. N. chegava às sessões com um olhar entristecido e em estado de melancolia. Suas sensações de entristecimento eram freqüentes nos finais das tardes do domingo.

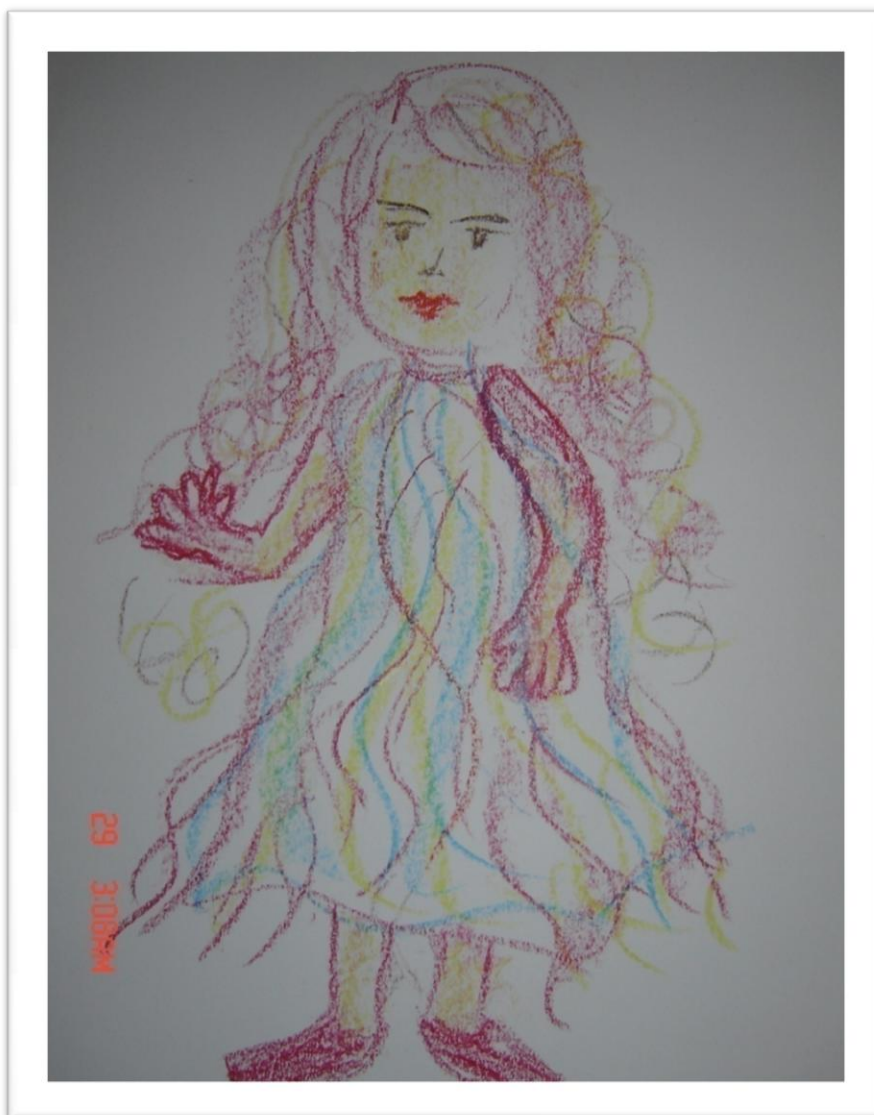
No trabalho seguinte, N. produziu durante a sessão imagens de desenhos expressivos do seu sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) como vemos a seguir. N. chegou na sessão tomada por angústia com o corpo próprio (*Leib*) aflito, inquieto por ter vivenciado um trabalho em grupo com desenhos, fora do contexto psicoterapêutico, e que compreende que não ficou finalizado, pois sentia-se perturbada necessitando partilhar. Resolvemos buscar a expressão da sua angústia por meio da projeção de imagens pictóricas. Com uma folha de papel de desenho e lápis de cera colorido, solicitei que N. expressasse o seu sentir. N. por meio da produção pictórica, projetou a primeira imagem e nomeou: “A menina engessada”. Abaixo a produção pictórica de N. Da imagem pictórica N. produziu um conto que veremos a seguir a descrição do conto e a interpretação.

Produção Pictórica 3 : “A menina engessada” (2007)



N. expressava seu sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) significando por meio da imagem pictórica, em que nomeou como A menina engessada. Tendo vivificado o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*), N mostra por meio da imagem para que seja desvelado a direção e o sentido para o qual tende o seu mover-se. O estado de paralisação diz do impedimento do corpo próprio (*Leib*) para o mover-se que desvela a angústia ao qual N. estava tomada, levando-a em direção e sentido para o estado depressivo melancólico. Continuamos o trabalho e solicitei que N. procedesse de modo a desengessar a menina a fim de que a possibilitasse dar expressão para o mover-se da menina. N. produz uma segunda imagem pictórica: “A menina solta.”

Produção Pictórica 4: “A menina solta”(2007)



Das imagens pictóricas produzidas por N. fez-se necessário o confronto com a obra que, sob o olhar de N., eclode em abertura para a significação dos conteúdos psíquicos intencionais. Solicitamos que N. elaborasse um conto.

O conto está constituído de um domínio discursivo artístico e tem como função de linguagem a função poética. A tipologia textual de um conto é predominantemente de narração, (relato de um episódio, real ou fictício, podendo estar na primeira ou terceira pessoa do discurso). O conto é uma narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação com espaço limitado a um ambiente, unidade de tempo e número restrito de personagens¹⁰³.

¹⁰³ CONTO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 536.

Para que as imagens pictóricas produzidas adquiram sentido, N. as significa passando de um primeiro plano, o plano da iconicidade, para um segundo plano, o ato da escrita. Estas expressões formam uma nova síntese a qual, mediada pela linguagem verbal, possibilita que nós clínicos intercedamos de modo a interpretar dando, portanto, interpretação em conjugação ao que foi verbalizado pela palavra pelo dito, à produção pictórica e a escrita. A escrita, segundo Ricoeur, é a plena manifestação do discurso e, graças à escrita, as obras de linguagem tornam-se tão auto-suficientes como as esculturas¹⁰⁴. O conto, portanto, escrito por N. é instrumento também de nosso trabalho, pois o conto constituído de enunciados metafóricos ao ser interpretado, dá a direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente. O segredo se desvela e por meio do conto N. expressa-o em palavras escritas. Palavras estas que comunicam imprimindo sentido e referência ao eu, a si mesma. Para Zambrano, o escritor sai da sua solidão ao comunicar o segredo, visto que, descobrir o segredo e comunicá-lo, são os dois acicates que movem o escritor.

Diz Zambrano:¹⁰⁵

Escrever é defender a solidão em que se está. O escritor defende a sua solidão, mostrando o que nela e unicamente nela, encontra. O escritor sai da sua solidão ao comunicar o segredo. Nesta solidão sedenta, a verdade ainda oculta aparece, e é ela, ela mesma a que exige ser tornada evidente. É que com rigor, se ela se mostra a ele, não é a ele, enquanto indivíduo determinado, mas enquanto indivíduo do mesmo gênero dos que devem conhecê-la; e mostra-se a ele, aproveitando a sua ânsia e solidão, o seu fazer calar a gritaria das paixões.

N. escreve e, assim, é iluminada pela luz do discurso que se faz texto, partilhando com o psicoterapeuta de modo a alentar o mover das paixões, no suscitar das emoções. A interpretação do conto escrito por N. se dá em base ao olhar clínico sustentado no objetivo deste trabalho, averiguando, pois, a disposição ao qual tende o automover-se e o mover-se de N. no contexto fenomenológico existencial.

¹⁰⁴ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, Lda., 2009. p. 42.

¹⁰⁵ ZAMBRANO, María. *A Metáfora do Coração e outros escritos*. Trad. José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000. p. 39.

Conto 1: “A menina engessada”

23 de abril de 2007

“Vou contar a história de uma menina que estava engessada, amarrada, presa do pescoço até os pés.

Ela ficava sentada em uma cadeira, querendo sair dali, querendo se mexer, esperando que algo acontecesse para tirá-la daquela situação.

Um dia ela quis tanto, tanto, que tudo mudasse que surgiram várias tesouras que foram cortando as bandagens e o gesso para libertar a menina. Quando tudo acabou ela ficou solta, ficou a pensar. Engraçado; ela não se mexeu – apenas ficou a pensar, e pensar, e pensar...

Ela já estava verde de tanto pensar e não fazer mais nada. Os cabelos estavam todos coloridos, esvoaçando ao redor dela. Então os cabelos cresceram, ficaram encaracolados e bem grandes, muito bonitos. Aí então ela vestiu um lindo vestido, colorido como os cabelos esvoaçantes, solto e leve. O vento batia neles – no vestido, no cabelo – e ela se sentia voando, livre e alegre.

Ela nunca mais vai querer ser engessada, nunca mais.”

Abaixo quadro interpretativo do conto “A menina engessada”.

Quadro 3: Interpretação do conto, “A menina engessada”.

Conto produzido pela paciente N.	Interpretação elaborada pelo psicoterapeuta.
<p><i>“Vou contar a história de uma menina que estava engessada, amarrada, presa do pescoço até os pés.”</i></p>	<p>O sentir afetado do corpo próprio (<i>Leib</i>) é de impedimento. N. está engessada, amarrada, presa fazendo-nos evidenciar a sua realidade de um estado de paralisação, impossibilidade, alterado, com o comprometimento do corpo (<i>Körper</i>) para realizar movimentos para ação. Portanto, há um bloqueio na expressão do sentir afetado que faz o caminho na direção dos sintomas simbólicos. N. esta impedida para o mover-se no devir.</p>

<p><i>“Ela ficava sentada em uma cadeira, querendo sair dali, querendo se mexer, esperando que algo acontecesse para tirá-la daquela situação.”</i></p>	<p>“Ela” quer sair, se mexer e espera por algo que aconteça para tirá-la daquela situação. N. descreve um estado de ansiedade onde o objeto está fora dela. Ocorre assim um recurso inconsciente conhecido em psicanálise como projeção. Há uma alteração do corpo (<i>Körper</i>). O querer está subjugado ao poder. A vontade de N. é de que a ela seja concedido o poder para querer.</p>
<p><i>“Um dia ela quis tanto, tanto, que tudo mudasse que surgiram várias tesouras que foram cortando as bandagens e o gesso para libertar a menina.”</i></p>	<p>Há um esforço, uma luta contra aquilo que foi fortemente introjetado, que a tenha provocado dano, dor, sofrimento, incertezas. N. projeta em algo que possa tirá-la da condição de aprisionamento. “Surgiram várias tesouras”. O simbolizante tesoura tem como simbolizado instrumento de corte. N. vai buscar no simbolizante da tesoura meios para desengessar e libertar a menina do que a aprisiona. De maneira que se imprima no corpo (<i>Körper</i>) a sua vontade em poder mover-se.</p>
<p><i>“Quando tudo acabou ela ficou solta, ficou a pensar. Engraçado; ela não se mexeu – apenas ficou a pensar, e pensar, e pensar...”</i></p>	<p>“Ela não se mexeu”. Ou seja, seu corpo não mexe no ir e vir da vida, como consequência da desvitalização do corpo próprio (<i>Leib</i>). N. não reconhece o caminho da vontade para o automover-se. A palavra “engraçado” ao qual N. enuncia dá uma significação de estranheza, de estar surpreendida por algo. N. mesmo estando desengessada, solta, não se sente livre para mover-se. Há possibilidade para o mover-se, no entanto N. não sabe o que fazer. N. está destituída da vontade sobrepondo-se o poder para que a ela seja dado permissão para o mover-se, ou seja, sentir como sensibilidade para estar no mundo, que a paralisa, ficando somente no pensar racional “pensar, e pensar e pensar...”. Fica claro um conflito entre o racional e o sentir como expressão estética. Portanto, há um mecanismo de negação da substantivação do sentir, como sentimento, como valor a ser reconhecido enquanto expressão do corpo próprio (<i>Leib</i>).</p>

<p><i>“Ela já estava verde de tanto pensar e não fazer mais nada. Os cabelos estavam todos coloridos, esvoaçando ao redor dela. Então os cabelos cresceram, ficaram encaracolados e bem grandes, muito bonitos. Aí então ela vestiu um lindo vestido, colorido como os cabelos esvoaçantes, solto e leve”.</i></p>	<p>O adjetivo verde mostra um corpo em alteração que perde o seu brio, o desejo, a vontade, o querer. O simbolizante verde é a cor do reino vegetal. O pensamento não processava em transformação, em amadurecimento, estava verde. Há, porém uma mudança de cor, do verde ao colorido. O que leva a uma interpretação de que começam a emergir experiências estéticas, de prazer sensorial: cabelos grandes e bonitos, lindo vestido colorido, cabelo esvoaçantes, solto e leve. Confirmamos na ação dos verbos o mover-se: esvoaçar, crescer, vestir. O esvoaçar significa a algo que está em movimento, em meio ao vento, como manifestação de leveza e comunicando da mais terna doçura até algo mais tempestuoso devido à agitação que fazem mover. Os enunciados metafóricos são como um cata-vento que mostram o indizível, apontando, orientando a direção da intencionalidade do eu para o qual tende o automover-se e o mover-se.</p>
<p><i>“O vento batia neles – no vestido, no cabelo e ela se sentia voando, livre e alegre. Ela nunca mais vai querer ser engessada, nunca mais”.</i></p>	<p>Nunca mais querer ser engessada implica em ser livre. N. está fixada no passado, no ser menina, por forças complexuais que a impedem sua expressão no devir. N. compreende que é necessário tornar-se si mesma em um <i>per se</i>. Face à vida, N. começa a dar pequenos e significativos passos, o mover-se se dá em direção à sua vontade. Responsabilizando-se em um querer para elaboração e ressignificação em um ato de criação, reorientando o caminho da vida.</p>

N. continuou produzindo Imagens pictóricas, “Casca de Flores” e “Os primeiros hibiscos”.

Produção Pictórica 5: “Cascaata de Flores” (2008)



Produção pictórica 6: “Os primeiros Hibiscos” (2008)



N. deu a seguinte significação das produções pictóricas das flores: “(...) As flores branquinhas. Eu adoro flores brancas são bonitas estas flores. É de uma delicadeza. Quando escolhi estas flores para pintar na realidade elas eram azuis, mas eu fiquei com vontade de pintá-las brancas. Eu achei que ficariam mais bonitas brancas. Este quadro foi uma exigência mais da escolha pela técnica realista de pintar as flores. E foi bem interessante esse processo porque eu tive que me segurar muito neste quadro porque eu sou muito indisciplinada no trabalho artístico, eu sou muito impaciente. Então eu tive que aprender a me concentrar e ficar mais paciente neste trabalho, ter mesmo paciência porque cada detalhe precisa ser trabalhado devagar para dar o efeito que precisa ser dado. É uma técnica bonita. Eu tenho comigo que o gostoso é ver que tem o seu toque no que você fez. Ainda estou longe de conseguir um estilo porque ainda não tenho técnica para conseguir um estilo, mas é muito bom fazer. Este quadro foi muito bom!” Pude compreender que eu ainda sou muito impaciente na realização de um trabalho e que esta é uma dificuldade que eu vou precisar superar se eu quiser conseguir fazer trabalhos que me agradem mesmo. Meu desejo, a minha vontade... quando aprendemos a escrever começamos com as letrinhas pontilhadas, treinando, assim é arte de pintar”. “Os hibiscos foi a minha tentativa de pintar mais livre, sem tanto controle. Na flor amarela pega várias cores e vai colocando no pincel e é muito gostoso de fazer. A minha impaciência fica mais satisfeita. Ela sai como mais rapidez. É como o outro, me falta ainda a técnica. Mas vem uma coisa melhor que é a liberdade de praticar. O outro cerceia muito a gente, aqui a gente joga o pincel e vai lançando as cores. Eu acho que é um processo mais rico de você se ir se adequando à caminhada do quadro. É mais difícil enquanto técnica, porque o outro se tem as regras definidas e esse aqui não existem regras, você tem que realmente se adaptar em um jogo de cintura para poder projetar. As flores para mim têm muito a ver com meu gosto pela natureza de uma maneira geral. Eu gosto muito da natureza, de verde de planta. De ter a natureza ao meu redor. Eu não tenho a ligação com o urbano, não tenho! O belo da natureza são as flores. O encontro de uma pétala com outra, o encaixe, a delicadeza. Uma pétala sai de dentro da outra. É muito bonito. “Eu gosto de contemplar a beleza da natureza, o belo para mim”.

Na produção pictórica 5 e 6, respectivamente, “Cascata de flores” e “Os primeiros Hibiscos”, N. representa de forma alegórica, flores. A flor como simbolizante possui uma infinidade de simbolizados, estes podem estar entre os atributos da primavera, da aurora, pois a flor é o sistema reprodutor de uma planta, nela ocorre a fecundação, ou seja, a união de uma célula sexual masculina com uma feminina. Podemos interpretar baseado no

simbolizante da flor que N. está no esplendor da produção que, por meio das imagens pictóricas consegue manifestar o seu sentir. N. em uma atitude criativa começa a mover-se para o caminho da vontade, na qual se lança para que algo seja fecundado e gerado como significação para o seu existir. Evidentemente a significação dada por N. das duas produções pictóricas das flores é relevante para nossa interpretação, pois vemos que para N., neste momento, é prioritário, que estabeleça uma confiança na sua expressão, compreendendo que não é a técnica a ordem, mas a confiança em poder expressar-se em um fluir de leveza e escolhas.

Passados três anos do trabalho na qual N. produziu “A menina engessada” e “A menina solta”, resolvemos trazer para a sessão os desenhos produzidos. Sob o olhar de N., solicitei que projetasse em uma folha de papel para desenho, colocando à sua disposição os mesmos lápis de cores para que N. fizesse uma produção pictórica que estabelecesse uma relação com as anteriores.

Este trabalho nos mostrou o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) de N. Possibilitou-nos, ainda, interpretarmos de modo a averiguarmos o mover-se de N. assim, dando condições para averiguarmos o mover-se do trabalho psicoterápico. N., expressa por meio do desenho a imagem pictórica “A menina mulher” e logo em seguida elaborou um conto, descrito a seguir:

Produção Pictórica 7: A menina mulher (2010)



Conto 2: “A menina mulher”

03 de fevereiro de 2010

“Hoje existe uma mulher que prefere ficar alegre, que sabe umas tantas coisas que não sabia antes, e fica mais tranqüila ou mais rebelde por conta disso tudo – mas que não quer mais, de jeito nenhum ser triste.

Ela sabe que há tristezas sim, que faz parte da vida também, mas acredita que, na maior parte das vezes, poderá sempre optar pela alegria.

Hoje ela está ouvindo mais suas vontades e desejos, hoje valoriza seus sentimentos, positivamente. Ainda tem muito de menina, dentro de si, mas não se entristece com isso.

Porque é uma menina bonita que é um porto seguro para ela em momentos importantes. Porque esta menina a ajuda a reconhecer a mulher que ela também é. E que lhe diz que a idosa que ela porventura tenha o privilégio de ser é só mais um momento no tempo da vida.

Esta menina não tem mais medo.

Esta menina se respeita.

Esta menina às vezes vê algumas pessoas e coisas de forma crítica, como por vezes a mulher não vê – e ri muitas vezes disto, pois não acha que é sério.

A mulher vai surgindo, cada vez mais, dia-a-dia e está sempre de mãos dadas com esta menina. Beijos! Valeu Jane!”

No quadro abaixo, procedemos ao trabalho interpretativo do Conto 2: “A menina mulher”.

Quadro 4: Interpretação do Conto 2: “A menina mulher”.

Conto produzido pela paciente N.	Interpretação psicoterapêutica
“Hoje existe uma mulher que prefere ficar alegre, que sabe alguma tantas coisas que não sabia antes, e fica mais tranqüila ou mais rebelde por conta disso tudo – mas que não quer mais, de jeito nenhum ser triste.”	Desejo de transcender à tristeza, de se tornar dona de si, ser mulher. Adversidade entre a tranqüilidade e rebeldia; alegria e tristeza. Evidencia-se mecanismo de negação pelo imperativo categórico “não quer mais, de jeito nenhum ser triste”.
“Ela sabe que há tristezas sim, que faz parte da vida também, mas acredita que, na maior parte das vezes, poderá sempre optar pela alegria.”	Ressaltamos novamente o mecanismo de negação e introjeção. Em uma interpretação que diz: “Eu sei que é assim, mas recuso”. Em um saber que na vida há tristezas que fazem parte da vida, mas que acredita em poder optar pela alegria. Introjeta o poder para se sentir no direito para estar constituída no prazer, na alegria. N. constrói uma nova realidade, um mundo novo.

<p>“Hoje ela está ouvindo mais suas vontades e desejos, hoje valoriza seus sentimentos, positivamente. Ainda tem muito de menina, dentro de si, mas não se entristece com isso.”</p>	<p>Fica claro a introjeção quando diz ouvir as suas vontades e desejos, incorpora a valorização dos seus sentimentos. Reconhece o seu jeito de ser menina, e aceita.</p>
<p>“Porque é uma menina bonita que é um porto seguro para ela em momentos importantes. Porque esta menina a ajuda a reconhecer a mulher que ela também é. E que lhe diz que a idosa que ela porventura tenha o privilégio de ser é só mais um momento no tempo da vida.”</p>	<p>Interage entre o ser menina e o ser mulher, entre o pueril e a maturidade, dando sentido do mover-se. Há um reflexo de identidade que a faz reconhecer-se. Em um porventura, por acaso, N. diz da possibilidade do vir a ser, no devir, em um mover-se na direção e sentido em um eu em processo, de amadurecimento.</p>
<p>“Esta menina não tem mais medo.”</p>	<p>Esta, essa, aquela. Pronomes que demonstram, apontam de modo projetivo o medo. E categoricamente afirma: “esta não tem mais medo”. No entanto, o esta ao qual N. se refere é a si mesma, reflete, elabora, ressignifica. N. por meio projetivo reverte em introjeção o que não quer mais para si, o medo.</p>
<p>“Esta menina se respeita.”</p>	<p>Da mesma maneira por meio da projeção, N. reverte em valoração para si. N. começa a reconhecer-se, estabelecendo uma relação de respeito para consigo mesma. N. está aceitando o seu jeito de ser, menina, que expressa o seu sentir, libertando-se de forças restritivas críticas para colocar-se em criação.</p>
<p>“Esta menina às vezes vê algumas pessoas e coisas de forma crítica, como por vezes a mulher não vê – e ri muitas vezes disto, pois não acha que é sério.”</p>	<p>Há humor. N. sinaliza a ironia de modo que possa rir de si mesma. Tem um olhar que sob determinado ângulo N. percebe coisas e pessoas de forma crítica de modo a perceber as divergências entre o ser e o não ser. Entre o que lhe é próprio e o que é do outro o que a faz rir.</p>

<p>“A mulher vai surgindo, cada vez mais, dia-a-dia e está sempre de mãos dadas com esta menina”.</p>	<p>A conjunção do ser que estava separado. N. traz para o seu cotidiano uma forma mais leve de compreender, de introjetar a vida cotidiana que de mãos dadas leva consigo este o humor mais descontraído, leve, que reconhece como algo a ser valorizado, expressado e reconhecido como pertencente a si mesma.</p>
---	---

Ao finalizar o desenho e o conto N. significa: “(...) A Imagem que tenho do desenho é de uma jovem. Sentimento de homenagear a alguém. A idéia era uma mulher, mas saiu uma mulher jovem. Há um sofrimento interno, mas no momento não tem o sofrimento nem no conto nem no desenho. Eu tinha medo do sofrimento. Me apavorava e agora não me apavora. Tinha um sonho do mundo perfeito. Uma necessidade que a vida andasse nos trilhos certo e tivesse controle. Optei por não estar triste. Eu acredito nesta opção de voltar a rir e ficar bem de novo.”

Para Jung:

O objetivo mais nobre da psicoterapia não é colocar o paciente num estado impossível de felicidade, mas sim possibilitar que adquira firmeza e paciência filosóficas para suportar o sofrimento. A totalidade, a plenitude da vida exige um equilíbrio entre o sofrimento e alegria. Mas como o sofrimento é positivamente desagradável, é natural que se prefira nem conhecer a medida do medo e inquietação para a qual o homem foi criado.¹⁰⁶

N. descreve o seu ideal de mundo, que tudo andasse nos trilhos certo e tivesse controle. Mas não é desta maneira que a vida se apresenta, os trilhos se entrecruzam, se interrompem, o que faz gerar, mediante o impedimento, a angústia. N. foi tomada pelo susto de algo que, de forma silenciosa, extrairia o mover-se, impedindo-a no seu livre fluir, no devir. N. da menina engessada transmuta para a menina solta e, desta, para a mulher jovem que reflete o eu em processo. O desejo de N. é de que se faça mulher. Assim, expressa N. ao finalizar a imagem pictórica 7, “(...) A idéia era uma mulher, mas saiu uma mulher jovem.” N. descreve o seu desejo de sentir-se ser o que é, mulher.

¹⁰⁶ JUNG, C. Gustav. *A prática da psicoterapia*. Trad. Maria Luiza Appy. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 78

Do susto o medo da possibilidade do caminho ser abruptamente interrompido. Ao fazermos um paralelo interpretativo dos dois contos. O primeiro conto intitulado “A menina engessada” produzido em abril de 2007 e o segundo conto, de fevereiro de 2010 podemos constatar o caminho elaborado psiquicamente por N. Há um mover-se na qual destacamos que N. no ano de 2007, com um ano e cinco meses de trabalho terapêutico estava fixada no sintoma. N. estava engessada, amarrada, impedida, impossibilitada para o mover-se, com considerável comprometimento dos movimentos físicos. Há o bloqueio do sentir fundamental, o que alterava as suas sensações, demonstrando, portanto um sentir afetado por angústia. N. ficou com o corpo próprio (*Leib*) paralisado, entretanto a cabeça ficou a pensar. N. estava esgotada, “verde” de tanto pensar. N. estava tomada pelo sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) que a paralisaram e a impediram.

No segundo conto, N. apresenta mais explicitamente o mover do eu entre a negação e a introjeção, em um corpo que move e que reflete sobre as adversidades. N. procura o equilíbrio, mas ainda esforçava-se por encontrá-lo. Transitando, assim no devir, perpassando tanto por sentimentos que dão sentido de elevação como a alegria como por sentimento que a levaram para o estado de tristeza. N. começa a rir de si.

3. Das imagens pictóricas às imagens dos sonhos.

Enfatizamos significativamente os sonhos produzidos por N. no decorrer do trabalho. Apresentamos um relato de um sonho, recente, produzido em maio de 2010, que muito a impressionou. Para Ricoeur,

(...) enquanto espetáculo noturno, o sonho nos é desconhecido. Só nos é acessível pelo relato do despertar. E esse relato que o analista interpreta. Não é o sonho sonhado que pode ser interpretado, mas o texto do relato do sonho; é esse texto que o analista quer substituir por um outro que seria como que a palavra primitiva do desejo, assim, é de um sentido a outro sentido que se move a análise, O sonho está próximo à linguagem, pois pode ser contado, analisado, interpretado¹⁰⁷.

¹⁰⁷ RICOEUR, Paul. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 17.

A seguir a revelação do sonho de N..

Sonho

08 de abril de 2010

“Sonhei que tinha decidido cometer suicídio. Havia uma razão, mas não me lembro qual. A colega C. se comprometeu a me assistir. Parece-me que minha filha e o meu marido também, não tenho certeza.

Ficou decido que eu iria ingerir veneno. Preparamos a situação, escolhemos o local. Quando saímos para lá, passamos por uma fila de pessoas; todas me olhavam com cara de dó, tristeza ou surpreendidas. C. comentou que elas não conseguiam entender que a morte era algo natural, por isso reagiam assim.

Lembro-me de me preocupar em deixar por escrito que a responsabilidade de tal ato era apenas minha, pois tinha receio de haver alguma consequência penal para meu marido e minha filha. (Curioso isso: a preocupação foi com eles e não com C., que estava efetivamente me ajudando).

Chegamos a um prédio e bebi o líquido. O tempo foi passando e comecei a me sentir trêmula e com algumas dormências. Ao mesmo tempo me questionava se estava sendo egoísta em fazer aquilo. Comecei a pensar na reação, no sofrimento da minha mãe ao saber, afinal, era eu a filha, morrendo antes dela. Fiquei triste por não ter pensado nisto antes de me decidir.

O veneno não fez efeito total, e não morri. Senti alívio, pensando nas pessoas de quem poupei o sofrimento.”

No trabalho interpretativo utilizamos o método da Associação Livre, método psicanalítico de análise do sonho. A associação livre propicia um aumento da capacidade de observação e uma diminuição da atividade crítica. Freud baseia-se na definição de Scherner de que “interpretar” um sonho implica atribuir a ele um sentido, isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância. Para Freud, todo o sonho tem um significado, embora oculto, de destinar-se a ocupar o lugar de algum outro processo de pensamento, e que para chegar a esse sentido oculto temos apenas

analisar corretamente a substituição, devendo-se estabelecer um contraste entre os conteúdos manifesto e latente dos sonhos¹⁰⁸. Procedemos com o método da associação livre de modo a tomarmos como objeto de atenção não o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Convém salientar que, ao procedemos ao Método Associativo, ao qual descrevemos no quadro a seguinte. Convém esclarecer que pelo fato de não lhe ocorrer, de imediato, uma associação a este enunciado “Ficou decido que eu iria ingerir veneno. Preparamos a situação, escolhemos o local” N, solicitou que déssemos seguimento às demais enunciados para que depois retornássemos para este enunciado em específico. Assim procedemos. É, portanto, neste o enunciado em que N. faz a associação final.

Quadro 4: O sonho de N. e o método da Associação Livre.

Sonho de N. tomado em parte	Associação Livre do sonho realizada por N.
“Sonhei que tinha decidido cometer suicídio.”	“Entregar os pontos, desistência, cansaço, desesperança, tristeza, dar um basta.”
“Havia uma razão, mas não me lembro qual. A colega C. se comprometeu a me assistir.”	“C. equilíbrio, sensatez, respeito, representa apoio em situação difícil, o apoio diz que eu não estou errada.”
“Parece-me que minha filha e o meu marido também, não tenho certeza.”	“Duas pessoas pé no chão. Meu filho não está aí porque ele é como eu, maleável, não é terra-terra. Eles (pai e filha) são racionais.”
“Ficou decido que eu iria ingerir veneno. Preparamos a situação, escolhemos o local.”	“O que me vem é o racional: preparar, escolher. A coisa do planejamento racional: escolher o local. O racional tentando justificar. “Ficou decidido que”. O sistema lógico do fluxograma. O grande equívoco é um sobrepujar o outro. O racional ter sido super valorizado sobre o emocional.”

¹⁰⁸ SIGMUND Freud. *A interpretação dos Sonhos*. Trad. Walderedo Ismael Oliveira . Rio de Janeiro: Imago, 2001. pp.112, 146, 147.

<p>“Quando saímos para lá, passamos por uma fila de pessoas; todas me olhavam com cara de dó, tristeza ou surpreendidas. A C. comentou que elas não conseguiam entender que a morte era algo natural, por isso reagiam assim.”</p>	<p>“Normalidade – de algo que é natural. C. é um lado meu que pensa assim,mas não elabora. Pensamento: morte como algo natural. Ninguém vive para sempre.”</p>
<p>“Lembro-me de me preocupar em deixar por escrito que a responsabilidade de tal ato era apenas minha, pois tinha receio de haver alguma consequência penal para meu marido e minha filha.”</p>	<p>“Responsabilidade – chamando para mim mesma. Se eu agir sob o emocional eu vou ser irresponsável.”</p>
<p>“(Curioso isso: a preocupação foi com eles e não com a C., que estava efetivamente me ajudando).”</p>	<p>“Proteção – lado família falando – afetividade. Estranho eu me preocupar com os outros e não com quem me ajudava.”</p>
<p>“Chegamos a um prédio e bebi o líquido.”</p>	<p>“Sem hesitar. Determinação. Não há dúvida. Tomada de decisão mesmo.”</p>
<p>“O tempo foi passando e comecei a me sentir trêmula e com algumas dormências.”</p>	<p>“Tremor – dormências. Efeito do veneno no corpo. Perda do controle das sensações. Me faz lembrar o surto e até a descoberta da doença que foi dois anos depois. Quando, sob suspeita, a médica fez um pedido de uma tomografia e colocou EM para ser averiguado. Levei um susto, tive aceleração do coração, tremor. Passei muitos anos descendo escadas sempre com apoio do corrimão, pelo medo do descontrole motor. Passei a ter medo com</p>

	<p>frequência de desequilíbrio. De vez em quando eu pensava (nessas sensações) quando sentia um mal estar; eu fiquei treinada a observar minhas sensações, pois caso sentisse algo diferente teria que correr para o médico. Mas faz dois anos que deixei de ficar pensando e voltei a subir e a descer escadas sem pegar no corrimão.”</p>
<p>“Ao mesmo tempo me questionava se estava sendo egoísta em fazer aquilo.”</p>	<p>“Sofrimento, medo do sofrimento. Eu tenho o pavor de perder alguém, filho então nem se fala.”</p>
<p>“Comecei a pensar na reação, no sofrimento da minha mãe ao saber, afinal, era eu a filha, morrendo antes dela.”</p>	<p>“Teve um momento que pensei em minha mãe, pelo sofrimento de perder um filho. O que é ser mãe? É complexo. É maravilhoso, pleno, verdadeiro, é amor incondicional. Reflete em mim minha maternidade e tive medo de deixá-los.”</p>
<p>“Fiquei triste por não ter pensado nisto antes de me decidir.”</p>	<p>“Cobrança do racional. Eu tinha que ter pensado. Eu me cobro muito para ter como preponderância o racional que vai me dar a decisão sensata. Porque o racional é mais valorizado.”</p>
<p>“O veneno não fez efeito total, e não morri.”</p>	<p>“Aceitação da sobreposição do emocional. Eu quero matar algo que fizesse parte de mim. Me vem a sensação de que eu não gosto.”</p>
<p>“Senti alívio, pensando nas pessoas de quem poupei o sofrimento.”</p>	<p>“Mostrou-me que eu não estava errada porque foi uma decisão minha. Eu acertei em tomar a decisão, ainda bem que não teve conseqüências piores. Meu emocional decidiu certo em tomar o veneno. O veneno é para matar a vontade de querer ser quem eu não sou, de ser diferente, ser racional, sensato, equilibrado. Eu sou emocional, emotiva. Eu decido melhor com o sentimento do que com a razão”.</p>

No método da Associação Livre realizada por N., podemos evidenciar o conflito na dialética racional e emocional N. sente-se impedida de expressão, pois compreende que o pensar da razão tem valor sobre o sentir da emoção. N. enuncia: “Não posso expressar a minha vontade, estou cansada de não falar pelo medo de desagradar as pessoas. Tenho medo de dizer o que sinto. Eu não estou mais aguentando isto. De ter medo”. N., deseja ser si mesma, expressiva do seu sentir. N. reafirma a compreensão do seu sonho com enunciados posteriores, confirmando o sentir afetado pelo medo. N. move-se de modo a compreender a sua realidade. N. Enuncia: “(...) Sinto que ainda tem algo em resistência. Sempre que estou em processo de criação vem algo dizendo: você não é capaz, você não vai dar conta.” “(...) Tenho um crítico interior muito forte. Se é a minha crença porque tenho medo de expressar?”

N. no processo terapêutico fala das suas questões existenciais acerca do fenômeno da angústia: “(...) O que cada ser humano faz dessa angústia? O que cada pessoa faz com ela? Se ela é inerente a condição humana, faz parte, o que cada pessoa faz com ela? Como as pessoas lidam com ela de maneira geral? Estava pensando em Clarice Lispector. Acho que ela vivenciou a angústia”. N. pensa o ser, pensa o mundo, pensa a si mesma, pensa o outro.

N. fala do ser fenomenológico existencial: “(...) Essa visão do que é o mundo de verdade de compreender que são coisas que acontecem no mundo... que o mundo é assim mesmo e que eu não tenho controle sobre isso.” N. enuncia: “ (...) Da última vez que estive na minha terra natal saí com uma saudade positiva se é que existe. É válido a minha dor. Eu gostaria de morar na roça porque tem algo que me identifica. Só fui dar importância ao sentimento de ter deixado a minha terra, depois que compreendi que o sentimento real em mim é de ter vivido o preconceito de ser uma emigrante.” Ou seja, sai do familiar para lançar-se no estranho. Enuncia N.: “(...) Senti de forma dolorosa o desenraizamento. A não aceitação desta dor como algo válido.” Desenraizar é desarraigado, erradicar, extirpar, arrancar, desprender. Algo em N. lhe foi roubado. Sua experiência vivida é real refletido no corpo próprio (*Leib*) em sofrimento. Enuncia N.: “(...) Depois que fiz estas compreensões desapareceu meus sintomas de aperto no coração, falta de ar, coração disparar, o não sentir e o coração esfriar.” N. reafirma os sintomas da angústia sentida por todos nós. N. havia perdido a direção e o sentido da sua vida agonizando em dor pelos sintomas que hoje, descreve como tendo desaparecido: o aperto, a falta de ar, o disparar do coração e o esfriar. N. reafirma pela descrição dos sintomas o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*), de todos nós, quando tomado pelo fenômeno da angústia.

No conto narrado por N., *A menina engessada*, verificamos a imposição do verbo *páthico* do poder sobre o querer. N. destituída do querer era prisioneira em um corpo (*Körper*) paralisado, impedido. A exemplo, no enunciado N. diz “Ela ficava sentada em uma cadeira, querendo sair dali, querendo se mexer, esperando que algo acontecesse para tirá-la daquela situação”. Vimos que o sentir de N. do corpo próprio (*Leib*) estava tomado por afetos que a engessavam pelo medo e que o querer - o automover-se - não tinha força pulsional suficiente para fazer em ato a ação para o mover-se. Os contos produzidos por N. são metáforas. Ao terem sido elaboradas em escritos, produziram um efeito de transformação que por meio da interpretação foram levados à compreensão em que N. tomou consciência, responsabilizando-se, para que adquirisse firmeza suficiente para libertar-se do que a impedia e, assim, poder querer para mover-se em direção e sentido a si mesma em expansão ao outro.

Certificamo-nos que a direção do mover-se da paciente N. estava orientado para o passado. N. estava fixada no passado pelo desejo que manifestou durante três anos de trabalho em voltar para o lugar de onde veio. N. apresentava o sentir afetado por nostalgia, sofrimento. O desejo (*desiderio*) de algo que havia se perdido e que se fez presente, vívido, a petrificava em um olhar permanente de volta a algo que já há muito ficara para trás, mas que jamais havia sido esquecido. N. estava com o sentir afetado por ter perdido a tenra infância à sombra dos manguezais e do quintal repleto de hibiscos e flores. As produções pictóricas das flores “Cascatas de flores” e “Os primeiros Hibiscos” são expressivos do rememorar que se faz presente e vívido da experiência real vivida por N.. Era freqüente o enunciado em que N. expressava o seu sofrimento de algo perdido: “Eu ainda sofro muito por ter deixado a minha terra”. O desejo (*desiderio*) de algo perdido enraizava-se em N em um estado regredido para voltar ao que a ela era familiar, lugar seguro e que refletia com o corpo (*Körper*) marcado pelo sintoma. O sentir afetado do corpo próprio (*Leib*), nostálgico, melancólico e solitário foi expresso também nas produção pictórica de N. na obra: “O Refúgio”.

No estudo do caso clínico de N. investigamos as metáforas na palavra, nos enunciados, nos discursos que se fizeram textos, bem como o mover-se expressos nas imagens pictóricas, contos e sonhos. Vimos que o sentir do corpo próprio (*Leib*) estava afetado pelo sofrimento, tendendo a mover-se para um estado depressivo melancólico.

N. fala ainda do eu em processo: “(...) Algo está coagulado e outros estão se abrindo.” N. expressa de que algo, alguma coisa, que ela não sabe o que é, pois N. não identifica o que coagula. Este algo não se mostra, mas se manifesta. Tem algo oculto que N. desconhece. Mas sente. A *coagulatio* é um princípio alquímico que implica em, tomar corpo, forma. N. diz de algo que está se processando e que a ela ainda não foi desvelado, ainda não se mostrou e diz de outros estarem se abrindo.

No entanto, N. se encoraja a seguir o caminho em direção a si mesma e em processo de “coagulação e abertura”, elaborando e ressignificando a vida em criação. As produções pictóricas de N. mostram não somente o seu potencial artístico, mas a sua forma de colocar-se no mundo partilhando das suas experiências vividas. As flores chegam primaveris demonstrando o renascer de uma nova perspectiva de vida, de modo a fazer com que se cumpra algo em criação.

N. fala do ser *páthico*, do ser de vontade, de desejo: “(...) Depois que eu realizar esse curso - Conservação e Restauração – estou pensando em fazer um mestrado.” N. começa a lançar-se em projeto no devir.

Entre temores e medos, entre angústia e ansiedade, N. vem dando passos que lhe são necessários. Com humor, N. começa a mover-se em uma atitude de responsabilização pelo seu querer e, deste modo recriando a vida em um automover-se para mover-se com direção e sentido no caminho da existência.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento da pesquisa sobre o tema “A metáfora do caminho: uma investigação fenomenológica existencial na clínica” possibilitou-me aprofundar o trabalho teórico e prático em minha atuação como clínica e pesquisadora. O trabalho embasado em uma metodologia científica para a Pesquisa Clínica, método qualitativo, resultou em observações a serem consideradas, de modo a consolidar e contribuir no trabalho clínico.

Atenta às percepções suscitadas pelo tema “a metáfora do caminho”, foi possível observar que a escuta profissional realizada no dia-a-dia do trabalho clínico ganha certo refinamento, produzindo uma compreensão orientada para os enunciados metafóricos dos pacientes com referência à idéia de caminho, estrada, vereda, via, trilho, direção, rumo, destino, projeto, jornada, trilha, trajetória, obra.

Mostrou-se evidente, ainda, a valiosa contribuição que a pesquisa trouxe no que diz respeito à própria condução dos casos clínicos envolvendo os pacientes que contribuíram para esta pesquisa, por meio dos enunciados metafóricos e em específico, no caso clínico da paciente N.

A Pesquisa Clínica produz abertura de caminhos para compreensões profundas da intencionalidade do eu que se mostra por meio dos fenômenos existenciais. Somos “ser” no mundo, “ser” de linguagem, o que nos possibilita partilhar a nossa experiência vivida de modo a garantir-lhe significação. Somos dotados da capacidade do pensar, do sentir, do mover-se. Possuímos um corpo (*Körper*) que corporifica a experiência e que, baseada nas vivências, é tomado pelo sentir afetado. Somos seres *páthicos*, com disposições próprias, particulares.

O interesse nesta pesquisa fundamentado na semântica da frase, enunciados metafóricos, não visa substituir a retórica pela semântica e nem refutar uma pela outra, mas legitimar a importância da metáfora, no contexto da clínica, em um encadeamento da progressão da palavra à frase, e da frase ao discurso do paciente.

O ato da fala articulada por palavras forma feixes de frases que combinadas produzem um sentido ao discurso. O enunciado metafórico é um discurso breve, reduzido, em que

transporta sentido pela ação da palavra de modo a demonstrar, predicar, comunicar possibilitando a interpretação. A pesquisa demonstra que os enunciados metafóricos elevados à luz do discurso não são para agregar e enfeitar o discurso em uma retórica do bem falar, mas são fenômenos de linguagem essenciais que revelam não só pela palavra, mas concomitantemente à palavra, desvelam a intencionalidade do eu, valorados pelo tom e intensidade da voz, pelos gestos, pela expressão fisionômica. Há uma intenção do paciente em partilhar a experiência vivida para dar maior clareza ao seu pensar, ao seu sentir, ao seu mover-se desvelando verdades ao serem interpretadas.

Os enunciados metafóricos são um recurso do eu que dizem das experiências vividas, registradas no corpo próprio (*Leib*). A verdade declarada, na particularidade da experiência vivida, se realiza efetivamente no corpo próprio (*Leib*). O corpo (*Körper*) no sentir afetado do paciente, na clínica, é predominantemente corporificado por dor e sofrimento. O paciente, ao se encontrar identificado e contido no sentir afetado, partilha a experiência vivida, em um tempo real perceptível com o seu psicoterapeuta, tornando vívido em ato o seu sentir que é transportado pelos enunciados metafóricos. Os enunciados metafóricos fornecem a possibilidade do paciente em lidar racionalmente com a sua realidade. Realidade esta inabarcável pela razão, mas propícia a ser captada de outro modo. E, assim, reorientar o destino para o qual tende a ser cumprido pela ausência de significação.

Na clínica, nas primeiras entrevistas, os pacientes expressam o seu sentir em desordem. Os enunciados metafóricos mostram o sentir produzido no corpo próprio (*Leib*), com sensações na significação de encontrar-se perdido, sem norte, sem direção e sentido, sem rumo, sem caminho. É observável que nesta desordem há uma destituição da vontade, do querer em preponderância ao poder que se dá na experiência concreta da realidade que se apresenta no paciente. O paciente deseja compreender o que domina seu corpo próprio (*Leib*), o que o impede no devir para que a ele seja dado o poder de querer, de modo a reorientar o seu existir.

O estudo sobre a metáfora do caminho permite vislumbrar a possibilidade de abertura a muitas linhas de Pesquisa Clínica, de maneira a ressignificar o trabalho do psicoterapeuta. Observamos que alguns enunciados transportam alegoricamente o símbolo. O símbolo no enunciado metafórico tem uma força de simbolização junto à ação do verbo, de modo a

desvelar, pelo método interpretativo, sentido para a compreensão da intencionalidade do paciente.

No estudo teórico que fundamenta e estrutura esta pesquisa comprovamos, no plano experimental, conceituações que se revelaram essenciais para a compreensão dos resultados. A pesquisa torna evidente que a metáfora do caminho é uma metáfora de raiz, por coadunar metáforas parciais, a exemplo: as metáforas que estruturam conceitos *A vida é esforço* e *A vida é caminho*. Esta pesquisa demonstra que nestas estruturas conceituais, tantos outros enunciados metafóricos podem ser organizados de modo a gerar uma rede. Evidencia, ainda, que os enunciados metafóricos são formulados dos diversos campos da nossa experiência vivida.

Na singularidade criativa de sentido os enunciados metafóricos são vivificados no seio da frase por emoções que emergem do sentir afetado, em correlação sistemática no campo da experiência com o corpo próprio (*Leib*), permitindo-nos dar sentido ao fenômeno. Estes enunciados estão ordenados nas metáforas ontológicas. A pesquisa demonstra que a metáfora ontológica é essencial para que possamos lidar racionalmente com nossas experiências. Os enunciados metafóricos que estão descritos no fenômeno da angústia exercem considerável exemplo para a compreensão da metáfora ontológica, pois o paciente dá significação ao sentir afetado do corpo próprio (*Leib*). A metáfora ontológica é uma metáfora viva, criativa de sentido, singular. É expressão fundamental do sentir, do sensível, da estética que se inscreve na própria carne como uma carta escrita pela vida.

A pesquisa demonstra a força intencional do eu para lidar racionalmente com o que sente, diante do inominável. O paciente tenta dar significação ao sentir utilizando como recurso enunciados metafóricos que expressem o sentir afetado manifestado por fenômenos por demasiado humanos, por exemplo, o fenômeno da angústia. Demonstra, ainda, que na angústia o corpo próprio (*Leib*) está marcado por um sentir vazio, por estranheza, por impedimento para o mover-se. E, ainda, que na angústia há comprometimento das vias respiratórias conforme descrito pelas sensações como falta de ar, sufocação, aperto no peito, expressas nos enunciados metafóricos dos pacientes.

Os enunciados metafóricos orientacionais permitem desvelar a tendência de direção e sentido do mover-se do paciente. Do corpo (*Körper*) paralisado ao mover-se, abordamos o fenômeno da angústia. Para compreender a natureza da angústia como impedimento para o

mover-se a pesquisa comprova que os enunciados metafóricos tratam do sentir em que o corpo (*Körper*) permanece paralisado. Esta observação da paralisação do corpo é significativa para compreender que existe uma probabilidade considerável em que o mover-se do paciente tende ao estado depressivo melancólico.

A pesquisa mostra que a angústia por não ter objeto, causa o sentimento de estranheza, provocando sensações aflitivas no corpo próprio (*Leib*) do paciente. O eu em desespero, perde a direção e sentido do existir em um corpo próprio (*Leib*) tomado pelo sentir aflito, partindo em fuga. A fuga conduz ao medo, provocando no paciente uma busca ansiosa por um objeto que se interponha de modo a não sentir o que sente. Em uma fuga do sentir, o objeto já não é mais o corpo próprio (*Leib*), mas algo fora dele. O que era “ser” passa a se constituir no “ter”. Nesse momento, o desejo do paciente está em buscar veementemente o objeto, provocando, por consequência, um estado de inquietação, de perturbação aflitiva, de agonia, de ansiedade. O corpo (*Körper*) experimenta, imprimindo em si, por meio dos sintomas, os modos de ser afetado. O corpo próprio (*Leib*) tomado por ansiedade move-se em várias direções e sentidos, podendo ir e vir, subir e descer, mostrar e esconder. Quando o sentir aflito é propulsor para o mover-se o paciente tende a um estado depressivo com ansiedade. A pesquisa demonstra, portanto, que o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*) enunciada por metáforas diz da “ferida na carne”.

Na terapia, por empatia, o momento em que o dito reverbera na escuta, lança luz em um olhar no qual o paciente projeta e revela o mundo, ordenando imagens e orientando quanto à direção e sentido do seu mover-se, pois enuncia a sua verdade existencial, ou seja, enuncia a veracidade do seu sentir. Como clínicos podemos também investigar a verdade do não dito, da não verdade do dito, os esquecimentos, as redundâncias, os atos falhos, as transferências, as resistências, o choro, o silêncio.

Os enunciados metafóricos produzem um efeito catártico, que liberam um *quantum* do sentir afetado pelo sofrimento. No momento em que colhemos a realidade do paciente podemos identificar o sentir afetado, que se inscreve no corpo próprio (*Leib*), e que se desvela por meio de enunciados metafóricos e a intencionalidade do eu para dar sentido ao fenômeno.

É de notória importância clínica o momento em que o paciente traz à memória as experiências vividas e vivifica por meio do enunciado metafórico, pois esse instante é iluminado para que, em reflexão, possa significar o modo afetado do sentir. O refletir

contribui para o eu do paciente, em processo elaborar, ressignificar, em uma composição lógica racional, de modo a dar nova direção e sentido, recriando, assim, a vida.

O paciente ao narrar a sua história, ao partilhar das experiências vividas perpassa pelo passado, presente e futuro. Significativamente esta pesquisa, confirma que a relação com a estrutura de memória, percepção e imaginação com os tempos verbais são de considerável atenção na clínica, visto que mostram a intencionalidade do eu orientando na direção e sentido para o qual tende o mover-se do paciente.

Destacamos no estudo de caso da paciente N. o caminho que percorremos e que confirma, por meio deste estudo de caso, que na clínica a metáfora está na palavra, na semântica da frase e para além do discurso traduzido em texto. N. revela, por meio da linguagem verbal, das imagens pictóricas, dos contos e dos sonhos a sua realidade. N. em um automover-se do querer pela paixão à arte, lança-se desvelando novos horizontes e se reorienta no caminho da existência.

Constatamos no estudo de caso que N. vem dando passos significativos em direção a si mesma, o que abre a perspectiva real à importância de lançar, no trabalho clínico um olhar mais apurado e atento de colher o potencial criativo do paciente e de o incentivá-lo a caminhar em direção e sentido que possa realizar a sua vida, com significação e, assim, sentir-se participante no “jogo da vida”.

Ao receber N., bem como a todos os pacientes que se lançaram no trabalho psicoterápico, me compadeci das suas dores, dos seus sofrimentos. Devemos orientar nossos pacientes a terem o cuidado para consigo mesmo, pois o cuidado exige a regência de viver sob novas regras diante do destino em que se encontram prestes a cumprir. O cuidado exige, ainda, redimensionamento dos estados de ânimo, do *pathos*. Orientá-los para que dêem direção e sentido para estar em permanente “preocupação com a vida” (*Fürsorge*) e “dedicação” (*Bersorgen*) que deve ser concebida, segundo Heidegger¹⁰⁹, como cura num sentido originário, ontológico. Ou seja, pensar a vida, de modo a valorarem as suas escolhas,

¹⁰⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução revisada: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes. §42. pp. 267

com responsabilidade e capacidade crítica para que orientem seus passos em abertura, que os levem à clareira, à sua verdade e, assim, realizem o existir, deixando marcas no caminho.

Com base nos resultados apresentados, concluímos que os enunciados metafóricos, como fenômeno de linguagem, manifestados pelos pacientes na clínica, transportam o sentir afetado do corpo próprio (*Leib*), valorado pelo tom e intensidade da voz, pelos gestos, pela expressão da fisionomia. E que por meio da interpretação, desvela-se o que o eu intenciona mostrar, vivificado pela força do enunciado, de modo a tornar consciente a direção e o sentido para o qual tende o automover-se e o mover-se do paciente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Casimiro de . *As primaveras*. São Paulo: Livraria Editora Marins S/A, 1972
- AGRA, Ana Maria. *Poemas em dor maior*. Brasília: Thesaurus/ASEF, 1991.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *José & Outros*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução: Antônio de Carvalho Pinto. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução: Eudoro Sousa. 7. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2003.
- BANDEIRA Manuel. *Bandeira a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Alumbamento, 1986.
- BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BASTOS, Fernando. Crise da razão, desconstrução, tecnologia e falência da estética. In: MOUILLAUD, Maurice. *O jornal: da forma ao sentido*. Sérgio Dayrell Porto (org.). 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 235-251. (Coleção comunicação).
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Revisão de Isaac Nicola Salum. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Revisão de Isaac Nicola Salum. São Paulo: Pontes, 1989.
- BUCHER, Richard. *A psicoterapia pela fala: fundamentos, princípios, questionamentos*. São Paulo: EPU, 1989.
- BUYSENS, Eric. *Semiologia e lingüística*. Tradução: Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas: a linguagem*. Tradução: Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*. Tradução: Vera da Costa Silva et al. 16. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2001.
- CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1982.

DEJOURS, Christophe. Violência e dominação. Tradução Jane Borralho, Francisco Martins. In: MARTINS, Francisco M. M. C.; ARAÚJO, José Newton Garcia de; SOUZA, Mériti de. *Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico*. [S.l.: s.n., 2010?]. p. 49-65. No prelo.

DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. Tradução: Fábio dos Santos. Petrópolis: Vozes. 2007.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DUROZOI, Gérard; ROSSEAU, André. *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Editora Papirus. 2. ed. 1996.

EDINGER F. Edward. *Anatomia da psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução: Walderedo Oliveria. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*. Tradução: Paulo Cesar Duque Estrada. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GADAMER, Hans-George. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução Flávio Paulo Meurer. Nova revisão da tradução por Enio Paulo Gianchini. 10. ed. Petrópolis: Vozes. 2008.

GAMA, Jane e MARTINS, Francisco. Artigo: Entre a angústia e a ansiedade: um estudo das metáforas e imagens pictóricas em um processo terapêutico. (Artigo não publicado).

GARCIA, M. Othon. *Comunicação em prosa moderna*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

GREIMAS, A. J, COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. Tradução: Marco Casanova Antonio. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução: Enio Paulo Giachini, Ernildo Stein. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica*. Tradução: Marco Antônio Casanova. 1. ed. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas*. Tradução Gabriella Arnhold, Maria de Fátima A. Prado. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*, (1927). Tradução revisada de Maria Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Tradução: Emmanuel C. Leão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOLANDA, Adriano. Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 15, n. 2, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2010.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*. Portugal, v. 24, n. 3, 2006, p. 363-372. Disponível em: <http://gestaltmaringa.com.br/artigos/download/Questoes_Sobre_Pesquisa_Qualitativa.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2010.

IBOR, J. L. Juan. *Las neurosis como enfermedades del ánimo*. Madrid: Editorial Gredos, 1966.

IBOR, J. L. Juan. *Rasgos neuróticos del mundo contemporaneo*. 2 ed. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1968.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução: Luísa Buarque de Holanda. Revisão: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução: Izidoro Blizktein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.

JUNG, C. Gustav. *A prática da psicoterapia*. Tradução: Maria Luiza Appy. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

JUNG, C. Gustav. *Fundamentos da psicologia analítica*. Tradução: Araceli Elman. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: Teoria da ciência e prática da pesquisa*. 19. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LAKOFF, Georg.; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana: as faces da lingüística aplicada*. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LANGER, K. Susanne. *Sentimento e forma*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARTINS, Francisco. *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos*. Brasília: ed. UNB, 2009. No prelo.

MARTINS, Francisco. Melancolia e depressão com especial atenção para a obra de São Bernardo, de Graciliano Ramos. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 5, n. 3, set. 2002.

MARTINS, Francisco. *O Aparentar, o dever, o pensar e o devir: Ensaio analítico-existencial sobre figuras exemplares do cinema e da literatura*. Brasília: Editora UnB, 2007.

MARTINS, Francisco. *Psicopathologia I: Prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

MEIRELES, Cecília. *Canção da tarde no campo*. 2. ed. São Paulo: Global, 2002.

MORA, F. José. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PALMER, E. Richard. *Hermenêutica*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1999.

PERES, Manuela e HOLANDA, Adriano. A noção de angústia na prática clínica: aproximações ente o pensamento de Kierkegaard e a Gestalt-Terapia. Disponível em: <http://gestaltmaringa.com.br/artigos/download/Nocao_de_Angustia_em_Gestalt_Terapia.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2010.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1995.

RICOEUR, Paul. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologia*. Tradução: Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes, 2008.

RICOEUR, Paul. *Metáfora viva*. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

RICOEUR, Paul. *Na escola da fenomenologia*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Tradução: M. F. Sá Correia. Porto: Rés-Editora, Edições 70, 2009.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009.

SARAIVA, F. R dos Santos. *Dicionário latino-português*. 12. ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à simbólica. In: TODOROV, T.; FÓNAGY, I.; COHEN, J. *Linguagem e motivação: uma perspectiva semiológica*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p. 3-50.

ULLMANN, Stephen. *Semântica uma introdução à ciência do significado*. Tradução: J.A Mateus. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VANDENDORPE, Christian. Allégorie et interprétation. *Poétique*, n. 117, p.75-94, février 1999. Disponível em: < <http://www.uottawa.ca/academic/arts/lettres/vanden/allégorie.html> >. Acesso em; 29 out. 2009.

VANDENDORPE, Christian. Comprendre et interpreter. Disponível em: <http://www.ruor.uottawa.ca/fr/bitstream/handle/10393/12796/Vandendorpe_Christian_1992_Comprendre_et_interpr%C3%83%C2%A9ter.pdf?sequence=3>. Acesso em: 5 ago. 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VIEIRA, André Guirland. Pesquisa e clínica psicológica: uma reflexão sobre o método a partir do encontro da psicologia com a antropologia. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, São Jerônimo, RS, v. 1, n. 1, p. 34-41.

WEIZAECKER, Viktor Von. *Le cycle de la structure*. Traduit par Michel Foucoult e Daniel Rocher. Paris: Desclée de Brouwer, 1958.

WRIGHT, K. J. Metaphor and symptom: a study of integration and its failure. *International Review of Psycho-Analysis*, v. 3, p. 97-109, 1976.

ZAMBRANO, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Tradução: José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: A METÁFORA DO CAMINHO - PESQUISA CLÍNICA

Pesquisadora responsável: Jane Borralho Gama

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado "A METÁFORA DO CAMINHO - PESQUISA CLÍNICA".

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (itens VII.13 letra "d" e IX.2 letra "c" da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 27 de setembro de 2010.

Debora Diniz
Coordenadora Geral - CEP/IH